

A Juventude de Mandela

David James Smith

Tradução de Fernanda Semedo



*Para Petal
e os nossos filhos
Sitira, Kitty, Orealla e Mackenzie*



AGRADECIMENTOS

Em Fevereiro de 2009 fui introduzido num grande escritório em Houghton, um subúrbio de Joanesburgo. Sentia-me nervoso. Quando entrei, havia apenas uma pessoa na sala, sentada com formalidade atrás de uma sólida secretária. Não se levantou, mas pediu desculpa pela sua indelicadeza em permanecer sentado. «Os meus joelhos não mo permitem», explicou, estendendo-me a mão. Os joelhos tinham 90 anos e perentenciam a Nelson Mandela. Eu não estava ali para o entrevistar — a idade e o declínio natural impediam-no de conceder entrevistas —, mas ele aceitaria conhecer-me, o resultado muito apreciado de vários meses de investigação sobre os primeiros anos da sua vida.

O encontro foi organizado pela Fundação Mandela e quero enfatizar a minha gratidão aos seus membros, não apenas por essa «audiência» com Madiba, mas pelo seu apoio e entusiasmo relativamente a este projecto, e pela simpatia e hospitalidade com que me receberam. Esta não é, de forma alguma, uma biografia «autorizada» mas reflecte, certamente, a atitude aberta da Fundação e do seu pessoal e, por sua vez, a atitude aberta do próprio Nelson Mandela.

A Fundação sabia desde o início que o meu plano era resgatar o Madiba santificado das páginas secas da História, desfazer o mito e criar um retrato novo de um ser humano completo, posicionando as suas concretizações políticas no contexto do seu carácter natural e, ao mesmo tempo, levando em consideração o impacto que o seu envolvimento na luta teve na sua vida pessoal e familiar. Por uma variedade de razões, talvez, uma boa parte deste aspecto da vida de Mandela não foi sujeita a grande escrutínio no passado.

Verne Harris e Sahn Venter, da Fundação, fizeram-me sentir especialmente bem-vindo e abriram-me muitas portas, partilhando generosamente recursos, oferecendo pacientemente conselhos e orientação. A sua amizade, para mim, significa tanto — ou mais — como a sua ajuda neste livro. Outros elementos da Fundação, como Ruth Muller, Zanele Riba e Razia Saleh foram também generosos na sua partilha de contactos e informação.

Penso que algumas pessoas da Fundação sentiam pena de mim nesse mês de Fevereiro. Eu voltara à África do Sul para uma última entrevista, com Winnie Madikizela-Mandela. Logo depois de um primeiro e curto encontro, Winnie foi hospitalizada na sequência de um incidente sem gravidade. Passaram-se dias, passaram-se semanas, as suas filhas, Zindzi e Zenani mostraram-se compreensivas e amigáveis, e garantiram-me que tudo acabaria bem, e finalmente, no fim do mês, sentei-me a conversar com a mãe delas em casa

de Zenani, num domingo à tarde. Tanto Winnie como as filhas, e alguns dos filhos destas, já crescidos, se mostraram calorosos e simpáticos, aceitando a minha curta estadia nas vidas deles. Estou em dívida para com todos.

Igualmente, a família da primeira mulher de Mandela, Evelyn, foi aberta e generosa. O seu neto, Mandla, fez-me uma recepção real em Mvezo, e a neta, Ndileka, falou com eloquência e sensibilidade acerca de problemas pessoais complicados. Espero que sintam que respeitei a confiança que me concederam. Fazer a pesquisa para este livro foi, por vezes, um exercício penoso, com dores do passado ainda muito vivas no presente.

Qualquer escritor é afortunado quando encontra alguém que, não só partilha a sua paixão pelo tema, como está preparado para partilhar com ele o que sabe e investigou. Conheci Sarah Haines, uma consultora de património de Haley Sharpe, enquanto ela desenvolvia o seu trabalho na Liliesleaf Farm. Desempenharia mais tarde um papel fundamental na transformação da velha casa de Mandela no Soweto, o número 8115 de Orlando West, num próspero museu. A sua sabedoria e conhecimentos especializados sobre os primeiros tempos da vida de Mandela foram uma dádiva inesperada, tal como o foram os recursos de Liliesleaf que Nic Wolpe teve a gentileza de pôr à minha disposição.

Devo agradecimentos especiais a todas estas pessoas — ver Entrevistas do Autor — que cederam o seu tempo para serem entrevistadas. Muitas são idosas. Não tanto como Madiba, talvez, mas, mesmo assim, as entrevistas são um processo cansativo e sinto-me especialmente grato pela sua disposição para falarem. Ruth Mompoti em Vryburg/Naledi, a falecida Fatima Meer em Durban, AnnMarie Wolpe na Cidade do Cabo e, em Joanesburgo, Ahmed Kathrada, George Bizos, Nat Bregman, Mosie Moolla, Amina Cachalia, Peter Magubane, Esme Matshikiza... todos eles atentos e por vezes brilhantes nos seus pensamentos, histórias e análises. Mac Maharaj, um jovem em comparação com eles, passou muitas horas a partilhar ideias e histórias esclarecedoras. Agradou-me muito poder contar com a sua inteligência. Em Londres, Paul e Adelaide Joseph cozinham caril e conversaram, da mesma maneira que faziam por vezes com Madiba. Houve muitas pessoas bastante hospitaleiras e estou gratíssimo a todas.

Outros foram generosos em termos de investigação, informação, recomendações e conselhos, como Albie Sachs, Richard Stengel, Mark Gevisser, Nandha Naidoo, os historiadores Tim Couzens e Phil Bonner, a escritora Anna Trapido, o produtor de filmes Joe Menell, Stanley Sello — arquivista de som — e o pessoal do Arquivo Mayibuye, na Universidade do Cabo Oriental, Diana Madden, que me guiou através dos documentos de Percy Yutar enquanto ainda estavam guardados na Biblioteca Brenthurst, Michelle Pickover, curadora da Biblioteca de Documentos Históricos da Universi-

dade Wits, Mike O'Brien de Haley Sharpe, o pessoal do GALA, o Arquivo de Gays e Lésbicas de Wits, o pessoal de várias secções do Museu Nelson Mandela em Mthatha e noutros pontos do Cabo Oriental, pessoal dos Arquivos Nacionais da África do Sul e dos Arquivos Nacionais do Reino Unido, pessoal do Standard Bank Archives.

A *High Life*, a revista da British Airways, teve a gentileza de apoiar a minha primeira viagem de investigação, quando David Crookes foi um bom companheiro de viagem e William Ross, da Wild Coast Holidays, um guia e condutor competente. Agradeço ainda a Corlien e ao pessoal de Ginnegaap, a residencial de Melville onde me alojei e trabalhei. De volta ao Reino Unido, o Mount Pleasant Writer's Retreat em Reigate foi um agradável refúgio para trabalhar sem interrupções. Edith Stokes, a anterior governanta, agora reformada, deixará muitas saudades.

Agradeço a Alan Samson da Weidenfeld & Nicolson a oportunidade para escrever este livro, à sua colega Lucinda McNeile pelo seu trabalho no texto e à minha agente, Georgina Capel, pela sua representação. Tal como no passado, a *Sunday Times Magazine* demonstrou admirável paciência em relação à minha ausência. Heather Wood, que fez as transcrições, foi tão fiável e consistente como sempre.

Um livro de ensaio pode ser uma tarefa grandiosa, exigindo atenção constante e, inevitavelmente, cria pressões sobre a vida doméstica que, temporariamente, optamos por deixar para trás ou abandonar. Obrigado a todos aqueles que apoiaram, encorajaram e ajudaram no que podiam: Jamie Bruce, Tim Lott, Steve Mason, Anthea Barbary, Ashok Prasad, Allan Nazareth, Chris Williams, Ted Nixon, Sarah Hinks, Jo Nixon, Andy Saunders, Simon Yates, Sarah Jackson, Mark Robertson, Jo Charlton, Pete Luetchford, Helen Chappell, Geraint Roberts, Mamta Patel, Mark Birbeck, Sara Clifford, Sheila e Paul Cullen, Charlotte Blant, Julie Parsons, Dominic Lloyd, os meus pais, Pat e George Smith, e muitos outros amigos e colegas demasiado numerosos para nomear, em Lewes e não só.

Claro que quem sofre mais é a família, especialmente quando estamos longe meses seguidos. Espero que saibam que o seu amor e apoio são o mais importante de tudo, e que se sintam amados e apoiados em troca, Sitira, Kitty, Orealla e Mackenzie Felix-Smith, e a mãe deles, a incomparavelmente maravilhosa Petal Felix.

David James Smith
david@davidjamesmith.net
Junho de 2010



UM

Shosholoza, Mandela!

Poucas horas depois da detenção de Nelson Mandela, a 5 de Agosto de 1962, Wolfie Kodesh, um dos seus camaradas judeus brancos, foi incumbido da pouco invejável tarefa de dar a notícia à mulher de Mandela, Winnie. Kodesh propendia a ser excessivamente prudente e conspiratório. Passara cinco meses a dormir no campo do Observatory Golf Club e em quintais de amigos, para escapar à prisão durante o estado de emergência que se seguira ao massacre de Sharpeville, em 1960. Finalmente, ocorreu-lhe a ideia de usar um nome falso para alugar um «apartamento seguro» e passar a dormir aí com mais conforto.

Sabendo que Winnie era regular, ou mesmo constantemente, vigiada pelo *Special Branch*, Kodesh convencera Esther, uma colega negra dos escritórios de Joanesburgo do jornal *New Age*, responsável pelos cabazes de alimentos, a ir antes dele e fazer a primeira abordagem à Sr.^a Mandela, num edifício próximo, onde ela trabalhava como assistente social na protecção à infância.

Quando Esther fez sinal a Kodesh de que a costa estava livre, este introduziu-se no edifício. Winnie desceu para o cumprimentar. Na noite anterior, Kodesh participara em reuniões até tarde e devia ter um aspecto desleixado e cansado. O choque pela prisão de Mandela e a tristeza desta missão dificultaram-lhe as palavras.

— É ele? — perguntou Winnie.

— Sim — Kodesh pensou, então, que o melhor era despachar aquilo e disse, simplesmente: — Foi apanhado em Howick. Trouxeram-no para aqui, não sei se de carro, se de avião, mas vem sob custódia policial e apresentar-se-á hoje ou amanhã em tribunal. É melhor preparar-se.

Kodesh acha que trocaram mais algumas palavras antes de se despedirem. Não se lembra de Winnie chorar.

Enquanto testemunha histórica, a memória pode ser pouco fiável, inconveniente e, por vezes, contraditória. Não é possível perguntar a Kodesh, que já não se encontra entre nós — ele contou a sua história há alguns anos, numa série de entrevistas não publicadas que permanecem num arquivo na Cidade do Cabo —, mas Winnie diz que Kodesh não foi ao seu local de trabalho e sim a sua casa, no número 8115 de Orlando West. Kodesh não sabia o que dizer, conta ela; apenas olhou para ela e chorou. Ela perguntou:

— Está vivo?

— Sim.

— Onde o prenderam?

— Howick.

Assim que avistara Kodesh, soubera o que ele lhe ia dizer e temera que Mandela estivesse morto. O coração batia-lhe com tanta força que quase lhe saltava do peito. Seria incapaz de enfrentar o mundo se ele tivesse morrido e afirma que ela própria teria feito algo de estúpido e de muito desesperado.

Uma tentativa de confirmar noutras fontes qual dos relatos é verdadeiro revelou que Winnie deu, há um quarto de século, uma série de entrevistas que serviram de base a um livro de memórias publicado, nas quais parecia confirmar a versão de Wolfie. Lembrava-se de estar no serviço, nos escritórios da Sociedade de Protecção à Infância, e que se preparava para sair para o Soweto, onde faria trabalho no terreno. Ao sair do elevador, deu de caras com um amigo do marido. Era Wolfie. «Estava branco como um fantasma, de cabelos em pé. Reparei que não se barbeara e usava uma camisa e umas calças sujas, como se tivesse acabado de saltar da cama; percebia-se que acontecera algo de dramático.»

Ela não se lembrava como chegara a casa e tinha apenas uma vaga ideia de ter atirado os dossiers para o banco de trás do carro e ter conduzido directamente para Orlando, onde a irmã a confortou. Era o fim de um sonho político, disse ao entrevistador, assim como o fim da vida familiar.

«Nessa altura, parte da minha alma partiu com ele.»

A prisão de Mandela pôs fim a um período de dezassete meses em que vivera a monte, adoptando disfarces e uma identidade falsa para escapar à polícia. O facto de continuar em liberdade era bastante embaraçoso para as autoridades, mas uma aventura excitante para muitos membros da comunidade negra, que ficariam ainda mais excitados se soubessem que ele andava a tramar uma revolução e a fundar um exército clandestino, *Umkhonto we Sizwe* — Lança da Nação. A maior parte das suas actividades ao longo desses meses permaneceria em segredo durante os anos seguintes. Alguns pormenores importantes parecem, agora, perdidos para sempre.

Nesses primeiros momentos após a sua detenção, a polícia pouco sabia do papel de Mandela na campanha terrorista que ele próprio pusera em marcha. Começou por ser acusado de instigação, em resultado dos seus apelos públicos a uma greve, uma «permanência em casa», no ano anterior. Era ilegal, para todos os trabalhadores negros nos serviços «essenciais» — incluindo os empregados domésticos —, não comparecerem ao trabalho. Mais tarde, seria acusado do crime adicional de sair do país sem passaporte.

Kodesh encontrava-se no tribunal de Joanesburgo quando Mandela aí compareceu, a 15 de Agosto. O imponente edifício do tribunal, dos anos 1940, na Fox Street, ficava mesmo em frente, apenas separado pela estrada, dos antigos escritórios de advocacia Mandela & Tambo, na Chancellor House. Mandela comparecera muitas vezes perante os magistrados de Joanesburgo, representando clientes citados, em geral, por infracções sumárias às leis do *apartheid*.

Enquanto repórter do *New Age*, Kodesh encontrava-se na bancada de imprensa do tribunal e viu os lugares à sua volta encherem-se de detectives do *Special Branch*. Havia polícia por todo o lado e os espectadores transbordavam para as ruas. Formara-se à pressa uma comissão «Free Mandela» e os *slogans* que apelavam à sua libertação apareciam em *graffiti* por todo o país. Kodesh sentia que os polícias estavam nervosos.

Pouco antes da hora marcada para o início da audiência, apareceu Winnie com uma mala, que entregou a um polícia que encontrou de pé, junto do banco dos réus. «Pode levar esta muda de roupa a Mandela?»

Pouco depois, o magistrado entrou e ocupou o seu lugar. A audição começou e o acusado foi chamado.

— Mandela!

Kodesh estava ansioso por ver o camarada Nelson — tinham criado um laço forte durante os meses que Mandela passara a monte — e esperava dar-lhe uma piscadela de olho cúmplice.

Kodesh reparara em Mandela há muitos anos, muito antes de o conhecer. Vira aquela figura elegante, alta, bonita e atlética a descer a Plein Street, no centro de Joanesburgo, e parara para o observar apenas porque as pessoas se viravam para o ver.

Nenhum revolucionário alguma vez se vestiu tão bem como o jovem Nelson Mandela. Menos ainda eram os que podiam ter o seu próprio alfaiate. Mandela era muito picuinhas acerca da sua aparência e tinha um fraquinho por Khan, o alfaiate judeu cuja loja ficava no centro de Joanesburgo, mesmo em frente da entrada para o bastião da supremacia branca, o Rand Club.

George Bizos — um amigo de sempre, que continuou a tratar Mandela por «Nel» mesmo quando este já era presidente da África do Sul (mas

não sem antes, respeitosamente, lhe pedir autorização) — entrara uma vez na alfaiataria de Khan e vira o alfaiate com um joelho no chão, segurando uma fita métrica, dobrado diante da imaculada figura de Mandela enquanto lhe media o interior da perna.

Tratava-se de um espectáculo extraordinário na África do Sul do *apartheid*. Bizos quase conseguiu ver o horror nos rostos dos dois clientes brancos que entraram na loja, provavelmente vindos do clube do outro lado da rua. Calculou que, apesar de chocados por Khan fazer um fato a um homem negro, imaginariam que o fazia por dinheiro e não por razões ideológicas.

Enquanto criança, no Cabo Oriental, Mandela andara descalço, com roupa casual ou tradicional, mas na adolescência adoptara um estilo formal, que se fora tornando cada vez mais elegante. Estava muito bonito — tal como a jovem noiva — no seu casamento com Winnie em 1958. Há uma série de fotografias do casamento que o mostram com fato preto e sapatos muito envernizados, uma flor na botoeira e luvas de um branco brilhante.

Aí vinha ele agora, a subir os degraus para o banco dos réus. Kodesh nunca vira nada assim. O efeito sobre o tribunal foi electrizante. Nada de fato, gravata ou sapatos envernizados. Mandela envergava um traje tradicional da tribo thembu, conhecido como *Kaross*, feito da pele de chacais. Usava-o cruzado no peito, de modo que um ombro ficava nu. Tinha contas em torno do pescoço e das pernas.

Kodesh olhou para todos aqueles polícias. Tinham ficado brancos — brancos já eles eram, naturalmente, mas toda a cor lhes fugira do rosto —, seguindo, de olhos arregalados, aquela magnífica figura de homem. Kodesh tinha a impressão de ver a imagem grandiosa de um «guerreiro zulu», embora Mandela não fosse zulu e sim do grupo thembu do povo xhosa. Winnie também era xhosa, de Pondoland e ali estava ela, na galeria destinada ao público, usando um toucado tradicional de contas e saia pelos tornozelos.

O tribunal ficou em silêncio. Não houve gritos. Mandela não olhou em volta, antes fitou directamente o magistrado. Kodesh estivera muitas vezes no tribunal e conhecia o procedimento: o acusado chega, o magistrado faz um gesto com a cabeça e o procurador começa a falar. Nesse momento, o magistrado limitava-se a fitar o acusado, hipnotizado, pensou Kodesh, pelo olhar provocador e trespassante de Mandela, como uma cobra apanhada por um mangusto.

Segundo Winnie, fora ela que tivera a ideia de Mandela usar aquele fato e ele não sabia de nada até ter aberto a mala. Apenas pedira à mulher que lhe trouxesse qualquer coisa para usar no tribunal. É claro, disse ela, que assim que ele vira o *kaross* e as contas, compreendera o seu significado.

Ela evitara deliberadamente levar as coisas à prisão e chegara tarde ao tribunal, para minimizar o risco de que fossem confiscadas.

Winnie estava zangada: o seu marido fora preso e, como se isso não fosse suficiente, os Bóeres tentavam destruir a sua cultura. Para os Africânderes, eles eram *kaffirs*, bantus — nada. «Eu lutava porque queria dizer “Sou africana. Este é o meu país. Não vão oprimir-me no meu próprio país”.»

Ela usara uma vez o traje tradicional para assistir ao Julgamento por Traição em Pretória. Tinham-lhe impedido a entrada, acusando-a de instigar o povo. Porquê? Por ser ela mesma? Por ser africana? Dava-lhes agora uma lição, deixando o marido usar um *kaross* como protesto. Sentiu tanto orgulho quando ele entrou no tribunal!

A audição foi breve, confirmando apenas a prisão preventiva. Quando terminou, a multidão, principalmente africana, reuniu-se no corredor e começou a cantar o hino do ANC, «Nkosi Sikelel' iAfrica» — Deus Abençoe África. Uma reportagem no *The Times* de Londres descreveu como: «Enquanto o edifício ecoava com o cântico forte, os magistrados e os funcionários do tribunal saíram para assistir ao desfile.»

A multidão consistia em cerca de 200 africanos e indianos, e vinte homens e mulheres brancos, todos a cantar, de polegar erguido, a saudação tradicional do ANC. Marcharam lentamente para fora do edifício, chegaram à rua e pararam o trânsito ao tentarem dirigir-se a uma reunião de protesto improvisada, nos degraus da Câmara Municipal de Joanesburgo.

A polícia estava determinada a deter a multidão e acabou por persuadi-los a dispersar sem violência.

Enquanto Mandela voltava para a sua cela no Forte, a Comissão de Libertação ocupava-se de uma campanha mais encoberta, cujo fim era tirá-lo da prisão.

Em Liliesleaf Farm, a sede clandestina do grupo, situada em Rivonia, um subúrbio rural a norte, onde o próprio Mandela passara algumas semanas, a comissão de fuga passou horas a avaliar esquemas fantásticos. Desta comissão faziam parte os advogados brancos Joe Slovo e Harold Wolpe, que tinham acesso a Mandela como seus conselheiros de defesa, assim como o activista do ANC Joe Modise e o comunista do Congresso Indiano, Ahmed Kathrada.

Kathrada lembra-se de ir com Slovo visitar Mandela à prisão e de o encontrar preocupado com o que a polícia podia descobrir em Rivonia.

— *Está limpo?*

Antes de ser detido, deixara na quinta um volume considerável de papéis incriminatórios, incluindo um diário escrito à mão e muitas páginas com os seus pensamentos sobre o comunismo e a revolução. Agora que-

ria — e foram-lhe dadas — garantias de que o material fora destruído. Na verdade, continuava tudo ali, uma decisão deliberada de alguns dos seus camaradas, para preservar os documentos de Mandela para a posteridade. Conquanto tivesse sido um gesto de consideração para com o futuro biógrafo, por pouco não mandou Mandela para a forca.

Slovo e companhia consideraram a hipótese de arranjar um disfarce para Mandela, que lhe permitisse trocar de lugar com um prisioneiro que se apresentasse em tribunal por um delito menor. Ou talvez pudesse trocar de roupa com um dos familiares de trajos tradicionais que viesse visitá-lo do Cabo Oriental. Seria possível subornar um funcionário da prisão ou do tribunal?

Acabaram por decidir que uma fuga da prisão era demasiado difícil e concentraram-se no tribunal, onde Mandela ficava sozinho numa cela durante os intervalos para o almoço. Joe Modise, que dispunha de boas relações, tanto nas comunidades criminosas, como nas comunidades trabalhadoras das *townships*, descobriu no tribunal um polícia africano deseioso de deixar a porta da cela destrancada.

Através de um segundo contacto, um intérprete africano, obtiveram e copiaram um molde em argila da chave que dava da zona das celas para o tribunal. Um engenheiro usou o molde para fazer uma chave, e esta funcionou. Encontraram uma porta aberta e sem guarda que conduzia a um caminho usado para entregas. Isso significava que Mandela podia chegar à rua e voltar para Rivonia em trinta minutos, mas ele começava a ser famoso e, sem disfarce, seria instantaneamente reconhecido. Fazia falta uma barba.

Como Slovo descreveu mais tarde: «Durante o jantar no restaurante Delmonica [possivelmente Delmonico's] na Commissioner Street, Cecil Williams, membro do partido e director teatral a tempo inteiro, apresenta-me a um fabricante de perucas com atitudes sociais radicais. Este concorda em fazer, gratuitamente, uma peruca de aspecto indiano, com bigode e barba, para uma pessoa cuja identidade nunca é discutida.»

Um novo obstáculo surgiu sob a forma da desanimadora lista de exigências do fabricante de perucas no que dizia respeito às medidas da cabeça e do rosto de Mandela. Obviamente, era um perfeccionista. Slovo acabou por as obter durante uma sucessão de consultas jurídicas com o seu cliente, tiradas pelo próprio Mandela com tiras de algodão branco que Slovo colou num caderno e forneceu ao fabricante. A peruca foi devidamente entregue. Quando Modise a experimentou, para testar a sua eficácia, os outros não o reconheceram. Entregaram-na a um alfaiate, que a coseu no chumaço do ombro de um dos casacos que Mandela recebeu na prisão. Restava aguardar a audiência seguinte.

Entretanto, surgira uma segunda oportunidade: subornar o coronel

encarregado da prisão. Slovo conta que foi abordado por um colega advogado, dizendo que um cliente dele, em prisão preventiva no Forte por fraude, lhe pedira que transmitisse a mensagem de que o comandante da prisão queria conhecê-lo. Sendo um pedido extremamente invulgar, Slovo temeu que se tratasse de uma armadilha e ligou ao coronel de um telefone público. Este convidou-a a ir a sua casa. O coronel aguardava-o no alpendre.

— Serei breve. Parto do princípio de que vocês estão interessados no Mandela?

O coronel, que desejava reformar-se antecipadamente e comprar uma fazenda, queria 7000 libras em troca de Mandela. Ainda desconfiados, decidiram esperar para ver o que acontecia. Kathrada, entretanto, foi à Basutolândia buscar as 7000 libras do suborno, em dinheiro, para o caso de ser necessário de repente. A data do julgamento aproximava-se, e talvez Mandela saísse em liberdade, atravessando a porta do tribunal com uma peruca.

No Forte, Mandela fizera amizade com um acusado de fraude, um homem de negócios indiano chamado Moosa Dinath. Conheceram-se quando Dinath começou a acompanhá-lo durante os exercícios diários — o hábito que Mandela nunca abandonara de fazer *jogging*, correr sem sair do lugar e fazer flexões e abdominais. Dinath, naturalmente, já tinha o coronel na palma da mão, pois desfrutava de numerosos privilégios. Uma noite, Mandela viu o coronel levar Dinath. O prisioneiro passou a noite fora e voltou à prisão de manhã. «Se não o tivesse visto com os meus próprios olhos», disse Mandela, «não teria acreditado.»

Havia quem lhe desaconselhasse qualquer tentativa de fuga, temendo que isso desse às autoridades um pretexto para o executarem. Mandela acabou por enviar um recado a Slovo dizendo que, para já, abandonava a ideia de fuga — seria mais fácil, assim como um golpe de propaganda mais eficaz, se fugisse mais tarde, após a condenação. Acrescentava que a nota devia ser destruída depois de lida, mas também este documento foi guardado e mais tarde encontrado pela polícia.

As memórias de Slovo não fazem qualquer referência a esta nota. Este recorda apenas que foi visitar Mandela dois dias antes do julgamento e o informaram de que ele fora transferido para Pretória, a uma hora de distância de carro, onde, afinal, se realizaria o julgamento.

Slovo não tinha permissão para sair de Joanesburgo, pelo que não podia aconselhar o seu cliente durante o julgamento. Bob Hepple, um advogado mais jovem e menos experiente, foi designado para o seu lugar. Hepple, que ainda nem fizera trinta anos, era advogado e activista comunista, tal como Slovo. Ao contrário de Slovo, sentia-se cada vez mais desconfortável em relação ao seu papel duplo e aos riscos que lhe pediam que corresse.

Contudo, ficou contente por ser conselheiro de Mandela e cumpriu o

seu dever de se apresentar no tribunal na Sinagoga Velha, em Pretória, no primeiro dia de audições, 15 de Outubro de 1962. Ao aproximar-se da cela, viu o cliente mudar de roupa e envergar o traje africano. Hepple não sabia disso e ficou um pouco chocado com o espectáculo. Compreendeu mais tarde que estava a reagir como um branco, mas preocupava-o que Mandela projectasse a imagem do selvagem nobre, o estereótipo do africano, com o seu tambor e a sua pele de leopardo.

Porque se vestirá assim?, perguntou-se. Hepple conhecia Mandela como advogado, um homem da cidade, completamente urbanizado. Nunca o vira com trajes tribais e, tanto quanto sabia, não era esse o estilo do ANC. A atitude de Hepple fazia eco de uma preocupação mais vasta entre outros camaradas brancos, alguns deles do Congresso de Democratas alinhado com o ANC, que também desaprovavam o vestuário tradicional e argumentavam que dava a ideia de «tribalismo».

Como Hepple percebeu mais tarde, durante as horas de discussão com Mandela, enquanto ficavam sentados juntos nas sessões do tribunal, este preferira recentemente adoptar uma imagem mais africanista, tanto por razões políticas, como pessoais. O ANC fora ludibriado e ultrapassado por uma facção dissidente, liderada por Robert Sobukwe, que formara um novo partido, o Congresso Pan-Africano, PAC. Os tiroteios em Sharpeville, em Março de 1960, que tinham galvanizado as atenções mundiais, tinham sido provocados pelo protesto do PAC.

Pouco antes de ser preso, Mandela passara vários meses a viajar pelos países africanos independentes, em busca de apoios para uma luta armada e recebendo treino militar. Ficara desanimado ao descobrir que muitas das figuras seniores dos movimentos de independência da África negra viam o PAC como o verdadeiro líder da luta contra o *apartheid* na África do Sul. Não tinham em grande conta as relações amigáveis do ANC com os brancos, os indianos, e os comunistas de qualquer raça.

Alguns líderes pareciam pensar que Mandela era pouco mais que uma marioneta dos comunistas brancos. Mandela regressara da viagem envergando um uniforme militar, uma arma e duzentas fitas de munições à cintura, determinando a apresentar uma imagem mais exclusiva e nacionalista à África negra.

Assim, a 15 de Outubro, marchou para o tribunal de Pretória, para o primeiro dia do julgamento, envergando outra vez o fato tribal completo. A multidão no tribunal levantou-se quando ele entrou — um privilégio em geral reservado ao juiz ou ao magistrado, que não era normal conceder ao acusado. Havia mais de uma hora que as pessoas aguardavam o início dos procedimentos. Encontravam-se mais de 200 africanos na área principal do tribunal, muitos deles também com os trajes tradicionais, enquanto os brancos estavam lá em cima, na galeria.

Mandela queixou-se da transferência súbita de Joanesburgo para Pretória e declarou que existia um elevado nível de conspiração para lhe dificultar a defesa.

— Um dos direitos de um homem negro é obter aconselhamento de quem ele escolher, e de se apresentar num tribunal para manter esses direitos.

Um observador da embaixada britânica diria mais tarde que Mandela parecia tenso e com falta de prática como advogado, inclinando-se também a derivar para a política, momentos em que o magistrado o interrompia.

Mandela pediu um adiamento de quinze dias e consentiram-lhe, relutantemente, uma semana, o que, como salientou o visconde Dunrossil, dos Assuntos Exteriores, concedeu o primeiro *round* a Mandela e uma derrota táctica insignificante ao governo.

No fim da audiência, Mandela virou-se para a multidão e ergueu o punho. *Amandla!* respondeu-lhe a multidão. Ele cerrou o punho novamente e, mais uma vez, ignorando os pedidos de silêncio dos funcionários do tribunal, os espectadores gritaram: *Amandla!*

Enquanto saíam do tribunal, começaram a cantar o hino do ANC. A polícia, através de um megafone, deu-lhes cinco minutos para dispersarem.

Lá fora, continuaram juntos e começaram a cantar uma nova canção de louvor:

Shosholozza, Mandela!

Para a frente, Mandela!

Parece provável que as autoridades tenham transferido o julgamento para Pretória precisamente para evitar as demonstrações públicas de apoio e carinho por Mandela a que tinham assistido, em pequena escala, em Joanesburgo. Claramente, consideravam o traje tribal provocatório. Um jovem guarda nervoso recebeu ordens do comandante da prisão de Pretória, o coronel Jacobs, para lho tirar.

Quando Mandela se recusou a entregá-lo, o guarda — «um tipo fraco», de acordo com Mandela — começou a tremer e, praticamente, a implorar, dizendo que seria despedido se voltasse sem ele. O prisioneiro foi compreensivo e mandou-o dizer ao comandante que a culpa era de Mandela e não dele.

Apareceu então o próprio coronel, que mandou Mandela entregar-lhe o «cobertor». Mandela voltou a recusar, dizendo ao coronel que não tinha jurisdição sobre a forma como ele se vestia em tribunal, e acrescentando que levaria o caso ao Supremo se lhe tirassem o *kaross*. O coronel cedeu, na condição de Mandela não usar a pele de animal nas viagens entre a prisão e o tribunal, para não incitar outros prisioneiros.

Quando, finalmente, o julgamento recomeçou, uma semana mais tarde, a 22 de Outubro de 1962, Mandela voltou a apresentar-se no banco dos réus como um africano orgulhoso, de punho fechado, virando-se para os espectadores africanos, que lhe devolveram o gesto e gritaram *Amandla!*

Mandela tinha mais uma importante carta a jogar antes do início da audição. Escrevera um requerimento ao magistrado, o Sr. W.A. van Helsing, para se retirar do caso — com base em que Mandela não poderia obter um julgamento justo e não se encontrava sob qualquer obrigação legal ou moral de obedecer a leis feitas por um parlamento no qual não tinha representação. O *apartheid* não estendia o direito de voto aos negros.

Mandela falou durante mais de uma hora. Foi, essencialmente, um longo discurso político disfarçado de requerimento, um facto de que o magistrado tinha perfeita consciência, interrompendo-o uma série de vezes para lhe pedir que se confinasse ao seu argumento.

Eram velhos colegas, pois Mandela apresentara-se como advogado perante o magistrado uma série de vezes, e era também bem conhecido do procurador do Estado, Bosch. Sempre cortês, Mandela prefaciara o seu discurso observando que não pretendia criticar pessoalmente, nem o magistrado, nem o procurador. Não duvidava do seu sentido de justiça e de imparcialidade.

— Devo também mencionar que, no decurso desta solicitação, me referirei com frequência ao homem branco e ao povo branco. Quero deixar imediatamente claro que não sou racista e não apoio racismos de espécie alguma, pois para mim o racismo é uma coisa bárbara, quer venha de um homem negro, quer de um branco.

O magistrado respondeu que, naquele dia, só existia ali um tribunal, o tribunal do homem branco.

— Em que tribunal quer ser julgado?

Mandela respondeu que toda a vida estivera muito consciente das injustiças e que, no que dizia respeito aos negros, não existia igualdade perante a lei.

Porque é que, neste tribunal, enfrento um magistrado branco, [sou] confrontado por um procurador branco e [sou] escoltado até ao banco dos réus por um ordenança branco? Pode alguém, honesta e seriamente declarar que, numa atmosfera assim, a balança da justiça está equilibrada?

Por que razão nenhum africano na história deste país teve alguma vez a honra de ser julgado pelos do seu próprio meio, pelos da sua própria carne e sangue?

Explicarei ao Meritíssimo porquê!

Mandela explicou que o propósito da cor única na Barra era reforçar a política do país. Sentia-se oprimido pela atmosfera de domínio branco no tribunal.

De certa forma, esta atmosfera traz à mente a injustiça desumana causada ao meu povo fora do tribunal por este mesmo domínio branco. Recordo-me que não tenho direito de voto porque há um parlamento neste país que é controlado pelos brancos. Não tenho terra porque a minoria branca ficou com a maior parte do meu país e obrigou-me a ocupar reservas assoladas pela pobreza... Estamos devastados pela fome e pela doença porque a riqueza do nosso país não é partilhada por todas as secções da população.

Pode ser um tributo à autoridade e decência naturais de Mandela o facto de, falando do banco dos réus, o magistrado não ter interrompido o seu discurso e ter-lhe permitido continuar, mesmo quando criticava mais abertamente o sistema que ele tinha por missão representar e preservar.

— Odeio intensamente a discriminação racial, em todas as suas manifestações. Tenho lutado contra ela ao longo de toda a minha vida. Luto contra ela agora e fá-lo-ei até ao fim dos meus dias. Pese embora esteja agora a ser julgado por alguém cuja opinião tenho em elevada estima, detesto violentamente todo o cenário que me envolve. Faz-me sentir que sou um homem negro no tribunal de um homem branco.

O magistrado fez apenas uma pequena pausa antes de rejeitar o pedido de Mandela, para que o processo tivesse início. Não durou mais de alguns dias. O Estado chamou numerosas testemunhas — um malho para partir uma noz, já que Mandela era gritantemente culpado das duas acusações, não possuía verdadeira defesa, nem qualquer intenção de a criar. Não que o tivesse dito ao tribunal, deixando-os pensar que planeava uma longa refutação com igual número de testemunhas.

Houve algumas oportunidades de divertimento à custa de testemunhas estatais, como o secretário privado do primeiro-ministro, Dr. Hendrik Verwoerd. Mandela escrevera a Verwoerd em Março de 1961, avisando-o de que haveria uma greve se ele não convocasse uma convenção nacional de todas as raças, para se redigir uma nova constituição não-racial. Verwoerd nunca lhe respondera, mas referira no parlamento a carta «arrogante» que recebera.

O seu secretário, J. Barnard, fora convocado ao tribunal para provar a existência da carta. Para Mandela, foi uma dádiva. O pobre homem estava, literalmente, a tremer no estrado enquanto se submetia ao contra-interrogatório, tentando não conceder qualquer terreno mas incapaz de não concordar que eram negados direitos aos Africanos. «Alguns direitos», como

ele disse. Recusou-se a admitir que fora incorrecto por parte do primeiro-ministro não responder à carta. «Não neste caso», afirmou.

Louis Blom-Cooper, então um jovem advogado da Amnistia, viajara do Reino Unido para assistir ao julgamento como observador. No final do segundo dia, contou a Hepple que vira o magistrado sair para almoçar com dois detectives do *Special Branch*, um dos quais era testemunha do Estado, enquanto o outro fora assistente da acusação.

Hepple informou Mandela de que ele tinha, então, verdadeiras razões para pedir ao magistrado que renunciasse. Mandela ficou curiosamente relutante em usar a informação, dizendo que não baseava o seu caso numa questão de corrupção pessoal, mas sim na política. Decidiu, finalmente, fazer o pedido, mas não queria encostar o magistrado à parede, pelo que pediu a Hepple que o avisasse em privado do que ia acontecer. O magistrado ficou vermelho e gaguejou que não discutira o assunto com os funcionários e que estes o escoltavam apenas para sua protecção.

Como Hepple disse, embora não em frente do magistrado, ele fora um idiota em agir assim. Mandela, obedientemente, fez o pedido, mas mais uma vez mostrou consideração pelos sentimentos do magistrado, salientando o elevado respeito que sentia por ele como pessoa, e acrescentando: «Permaneço com o medo substancial de que a justiça esteja a ser administrada de maneira secreta». O magistrado voltou a recusar retirar-se e o caso continuou.

A acusação concluiu as alegações no dia seguinte, após o que o tribunal esperava uma defesa completa por parte de Mandela. Em vez disso, este declarou:

— Meritíssimo, afirmo que não sou culpado de nenhum crime.

Não quis chamar qualquer testemunha. Ao seu lado, ouviu o acusador exclamar, *Santo Deus!* Mandela pretendia, em vez disso, fazer mais um longo discurso para encerrar o seu caso.

Mandela descreveu como a sua imaginação juvenil fora incendiada por histórias de guerreiros tribais que viviam «nos bons velhos tempos, antes da chegada do homem branco», e declarou que devotaria a sua vida à emancipação do seu povo.

— Quando a minha sentença estiver completa, continuarei a ser movido, como os homens sempre são, pela minha consciência. Ainda serei movido pelo desapeço à discriminação racial contra o meu povo quando terminar de cumprir a minha sentença, e retomarei, o melhor que puder, a luta pela eliminação dessas injustiças, até que elas sejam finalmente abolidas, de uma vez por todas.

Havia um grupo de 150 africanos no tribunal. Quando o magistrado suspendeu os trabalhos para considerar a sentença, Mandela gritou *Aman-*

dla! três vezes e, de cada uma, a multidão respondeu: *Ngawethu!* «O poder será nosso!»

Hepple disse que Mandela esteve sempre calmo e nunca perdeu, nem a autoridade, nem a dignidade. Esperou sempre receber a sentença máxima de três anos por incitamento à greve e dois anos por sair do país ilegalmente. Foram exactamente cinco anos que recebeu, no total. O magistrado afirmou não ter dúvidas de que Mandela era o líder e o cérebro da campanha de permanência em casa e que agira de forma calculada para provocar a tirania e a destruição. Era claro, declarou, que o principal objectivo de Mandela era derrubar o governo por meios ilícitos e antidemocráticos.

O *The Times* de Londres, na sua reportagem acerca do último dia do julgamento, descreveu Mandela como um «homem alto, usando um manto de pele de chacal» e referiu o facto de ele ter feito repetidamente a saudação de punho cerrado, típica do banido Congresso Nacional Africano.

«Houve uma manifestação sem violência na conclusão dos trabalhos, enquanto a multidão que saía do interior a cantar *Nkosi Sikelel' iAfrika* (Deus Abençoe África) [sic] se juntava aos que estavam no exterior. Mulheres cantaram e dançaram na rua. A polícia fez um cordão ao longo da rua, apelando à multidão que não se detivesse, e a manifestação acabou por se extinguir.»

Mandela não conseguia esquecer-se dos escritos incriminatórios de Rivonia. Hepple lembra-se bem de ele lhe pedir para transmitir a mensagem:

— Por favor, diga-lhes que destruam todos os meus papéis que estão em Rivonia.

Hepple transmitiu a mensagem, julga que a Joe Slovo. «Mas, obviamente, isso nunca foi feito.»

Bem cedo, na manhã em que Mandela devia fazer o último discurso, Hepple estivera na cela, actualizando-o relativamente aos acontecimentos no exterior: em Nova Iorque, onde a ONU votara pela primeira vez sanções contra a África do Sul, e em Durban e Port Elizabeth, onde tinham ocorrido explosões — actos de sabotagem em apoio ao caso de Mandela e à decisão da ONU.

Enquanto falavam, alguém bateu à porta da cela. Era o procurador Bosch, a pedir uma palavrinha em privado com Mandela, que conhecia pessoalmente.

— Não seja doido — disse-lhe Hepple. — Não pode falar com ele a sós. Mandela, porém, concordou e pediu-lhe que esperasse lá fora.

Então Hepple saiu, deixando sozinhos acusado e acusador — um acontecimento invulgar em qualquer tribunal. Quando o procurador saiu,

poucos minutos depois, Hepple percebeu imediatamente que estivera a chorar. A sua emoção era evidente.

Hepple voltou ao interior da cela e perguntou a Mandela que raio se passava.

— Não vai acreditar, mas pediu-me que o perdoasse — respondeu Mandela.

— Espero que o tenha mandado dar uma volta — foi a resposta de Hepple.

— Não, não — respondeu Mandela. — Disse-lhe que sabia que ele estava só a fazer o seu trabalho.

De facto, como Mandela relatou mais tarde, o procurador dissera-lhe que não queria estar no tribunal nesse dia e que, pela primeira vez na sua carreira, sentia desprezo pelo que estava a fazer. Magoava-o ter de pedir ao tribunal que mandasse Mandela para a prisão.

O procurador aproximara-se dele, apertara-lhe a mão e, bizarramente, desejara-lhe que tudo lhe corresse bem.

DOIS

O momento determinante da infância de Nelson Mandela ocorreu pouco depois do seu nascimento, quando o pai foi, como Mandela descreve nas suas memórias, «deposto» da posição de chefe pelo magistrado branco local, o que o privou de rendimentos, riqueza e estatuto. As «circunstâncias apertadas» que daí resultaram para a família, escreveu ele, obrigaram a mãe de Mandela a mudar-se para outra aldeia, a muitos quilómetros de distância, onde Mandela viveu até à morte do pai, algum tempo depois.

Nas memórias de Mandela e em todas as biografias escritas acerca dele, tanto antes como depois, conta-se a história de como o seu pai fez frente às autoridades brancas, recusando-se a obedecer às convocatórias para comparecer perante o magistrado e responder por uma queixa simples, colocada por um dos seus próprios «súbditos», relacionada com um boi extraviado. Em vez disso, o pai enviou uma mensagem ao magistrado: *Andizi ndisaqula* — «Não irei. Estou a preparar-me para a batalha.»

Mandela salienta que um tal acto de desafio foi visto, na altura, como o máximo da insolência, mas reflectia a crença do pai de que o magistrado não detinha autoridade legítima sobre ele. Foi uma questão de princípio, não um ataque de mau génio. Baseou-se na tradição e nos costumes thembus, nos quais o poder e a influência pertenciam unicamente ao rei thembu, tradicionalmente conhecido como Chefe Supremo.

A mensagem provocadora do pai de Mandela levou o magistrado a acusá-lo de insubordinação. «Não houve inquérito nem investigação: isso era reservado aos funcionários públicos brancos. O magistrado, simplesmente, depôs o meu pai, acabando assim com a chefia da família Mandela.»

A impressão que fica é a de uma prestigiosa linhagem, sumária e injustamente cessada; um chefe — o pai de Mandela — humilhado, e uma família condenada a dificuldades.

Porém, a mensagem que Mandela retém desta sequência de eventos — a construção do mito, podemos chamar-lhe assim — é a forma como estes ajudaram a formar o seu carácter, revelando traços que ele julga ter herdado, nomeadamente a «rebeldia orgulhosa» do pai e o seu «obstinado sentido de justiça».

Não existem fontes publicadas desta versão da história da infância de Mandela, e parece que este, que reconhece que era, na época, demasiado jovem para ter consciência do episódio, terá ouvido outras pessoas falarem do caso. Ter-lhe-á sido transmitido como parte da tradição oral que ele repetidamente refere em relatos das suas experiências formativas — histórias contadas pelos mais velhos em redor de uma fogueira, uma história não escrita mas transmitida verbalmente de uma geração à outra.

Como o próprio Mandela salienta, nem o pai nem a mãe possuíam educação formal e nunca tinham aprendido a ler e a escrever. Evidentemente, isto não significa que fossem ignorantes ou que lhes faltasse sabedoria; viviam, simplesmente, os últimos dias de um modo de vida rural que remontava a muitas centenas de anos.

Mandela alterou este padrão e foi para a escola. Foi o primeiro da família a fazê-lo, e a família apoiou e incentivou a sua educação. Para ele, as convenções do passado existiam para manter ou para quebrar. A escolha foi dele — e optaria por ambas, mostrando muitas vezes, ao longo da sua vida, respeito e desdém pelos valores antigos, quase em igual medida.

Mandela, o tradicionalista; Mandela, o modernista: cada um que faça a sua escolha ou, melhor ainda, que o veja como um líder com visão de futuro, enfrentando o desafio subtil de facilitar a transição de uma sociedade tradicional para o mundo contemporâneo.

Ao transmitir a história oral da queda do pai, observava um costume importante mas também, talvez inadvertidamente, expunha a sua fraqueza fundamental como uma narrativa de confiança. A verdade e o mito podem facilmente confundir-se na memória, seja acidental, seja propositadamente.

A juntar ao registo oral do passado, havia um arquivo paralelo — a burocracia obsessiva do império e dos seus postos avançados, um mundo de funcionários públicos brancos, todos atarefados a mandar recados, memorandos e cartas uns aos outros, e mantendo actas minuciosas das reuniões. Tudo foi conservado e assim, muito recentemente e por casualidade, foi descoberto um tesouro documental relativo ao passado de Mandela, nos arquivos de Mthatha (anterior Umtata), a principal cidade do Cabo Oriental.

Estes apresentam, não só, uma narrativa completamente diferente do que aconteceu ao pai de Mandela, como também são bastante reveladores acerca do funcionamento interno das autoridades brancas e do seu papel em relação às comunidades locais. Nesses documentos, existem poucas

provas de rebelião, orgulhosa ou não, por parte do pai de Mandela, e tudo indica que ele era suspeito, e culpado de facto, de prática corrupta e de abuso dos seus poderes locais de chefe tribal.

A corrupção talvez fosse modesta, mas foi continuada até ele ser citado judicialmente. Longe de desafiar o magistrado, a verdade é que se inclinou perante a sua autoridade e compareceu para uma longa audiência, tentando em vão defender-se em face de provas substanciais. Foi considerado culpado e demitido do seu cargo.

Uma leitura cuidadosa das entrevistas originais que Mandela deu, como base para as suas memórias, revela que ele já vivia com a mãe na nova aldeia quando o pai foi demitido. Ela não fora forçada a partir devido às dificuldades, simplesmente vivia nesse lugar distante como uma das esposas do mini-império do pai. A poligamia era então uma prática aceite e a mãe de Mandela era a terceira das quatro esposas do pai.

«Bem, está a ver, o Chefe casava com tantas mulheres quantas pudessem sustentar», contou Mandela ao seu escritor-fantasma, Richard Stengel. «Cada mulher tinha o seu *kraal* próprio e, por vezes, estavam separadas por trinta quilómetros, como a minha família, por exemplo... estavam muito distantes e levavam vidas diferentes. O meu pai circulava de uma casa para a outra.»

O que é clara e indiscutivelmente verdade, de acordo com a história oral e estabelecida, é que Mandela estava intimamente ligado à linha real thembu. Os Thembus tinham sido incorporados na nação xhosa cerca de 400 anos antes, na altura da sua migração para Sul, em direcção à costa, através das montanhas Drakensberg. Os Xhosa, por sua vez, faziam parte do povo nguni, que vivera como caçador-recolector por todo o Sul de África durante quase um milhar de anos. Os Nguni do Norte incluíam o povo zulu e o swazi, os do Sul incluíam as tribos sotho, mfengu, pondo e thembu.

De acordo com Mandela, ele, tal como todos os outros elementos dos xhosa, pertenciam a um clã específico. O clã dele era o Madiba. Anos mais tarde, também ele ficou bastante conhecido como Madiba, um nome que lhe era atribuído em sinal de respeito.

Mandela faz remontar a sua linhagem ao rei thembu Ngubengcuka, um grande líder que morreu em princípios do século XIX. Tinha várias mulheres e, de acordo com o costume, cada uma representava uma casa real com um estatuto diferente. O herdeiro seria escolhido da «Casa Grande». Depois, havia a «Casa da Mão Direita» e, finalmente, a menos importante, *Ixhiba* ou «Casa da Mão Esquerda», cujos filhos deviam ter influência na resolução dos conflitos reais.

Como o avô de Mandela era o segundo filho da «Casa da Mão Esquerda» de Ngubengcuka, estava fora de questão ele ou qualquer dos seus

descendentes acederem ao trono real. O seu papel era, simplesmente, o de conselheiros da corte e era para ocupar esta posição que Mandela teria sido criado.

Os Thembus ocupavam uma área considerável da vasta região então conhecida como o Transkei, entre o rio Kei e a fronteira do Natal a leste, estendendo-se até ao oceano Índico. Era, e continua a ser, uma área de escala e beleza inspiradoras, com ondulantes colinas verdes e comunidades dispersas de aldeãos, rodeadas de gado a pastar.

As casas tradicionais eram edifícios redondos, com telhados de colmo, a que se dava o nome de «rondavel», construídas com uma mistura de lama, barro e esterco de vaca, muitas vezes pintadas por fora, tipicamente em tons de branco, azul ou verde. Perto do *rondavel* encontrava-se o *kraal*, a cerca para animais. O poço podia ficar a alguma distância, pelo que, ainda hoje em dia, não é invulgar ver alguém, quase sempre uma mulher, caminhar, aparentemente no meio do nada, com uma pesada bilha de água à cabeça.

Parte do desafio de reconstrução na África do Sul pós-*apartheid* é entender os programas de desenvolvimento — água, electricidade, casas de tijolo — às zonas rurais. Embora pareça um modo de vida doce e inalterável numa paisagem gloriosa, para a maioria das pessoas era, e continua a ser, uma luta pela sobrevivência. Desde princípios do século XX, muita gente, de início sobretudo homens, começou a partir em bando para a cidade de Joanesburgo, em busca de perspectivas. Mandela também acabaria por seguir esse caminho.

Mandela nasceu a 18 de Julho de 1918 na aldeia de Mvezo, uma comunidade pequena no meio de nenhures, na margem dos meandros em ferradura do rio Mbashe, no distrito de Mthatha. Foi chamado Rolihlahla pelo pai, palavra que significa «arrancar o ramo da árvore» ou, mais coloquialmente, como o próprio Mandela explicou, «encrenqueiro», aquele que causa problemas.

O Grande Lugar, residência dos reis thembus, ficava a cerca de 60 quilómetros de distância, em Mqhekezweni, mas não deve ser imaginado, em termos ocidentais, como um palácio com muitos quartos, adornado de chãos de mármore, carpetes de pêlo e outros luxos. Era apenas um grupo de *rondavels* maior que o normal, estabelecido por baixo de uma árvore antiga, sob a qual o rei e os seus conselheiros se sentavam e resolviam os assuntos locais.

Na altura do nascimento de Mandela, a autoridade branca já estava firmemente imposta por toda a África do Sul. A vida dos Africanos negros era rigidamente administrada pelo Departamento de Assuntos Nativos em Pretória, subdividido num sistema de magistrados regionais e locais.

A tradição oral, com as suas histórias da chegada do homem bran-

co, foi o combustível que alimentou em Mandela a sensação de injustiça. Numa biografia nunca publicada, manuscrita em 1964 no seu habitual estilo enrolado, na época do Julgamento de Rivonia, descreve, de forma simplificada, como o seu

interesse pela política teve início quando, jovem, ouvia os anciãos da tribo na minha aldeia. Os anciãos falavam dos bons velhos tempos antes da chegada do homem branco. Nessa época, o nosso povo vivia pacificamente, sob o domínio democrático dos seus reis e conselheiros, e circulava livremente por todo o país. Nessa altura, o país era nosso.

Ocupávamos a terra, a floresta e os rios. Estabelecíamos e fazíamos funcionar o nosso próprio governo. Controlávamos os nossos próprios exércitos e organizávamos os nossos próprios ofícios e comércio. Os anciãos falavam-nos da libertação [pela qual] os nossos ancestrais lutaram em defesa do nosso país, assim como dos actos valorosos realizados por generais e soldados durante esses dias épicos.

Nas suas memórias, Mandela identifica um ancião em particular, o Chefe Joyi, como um notável *raconteur*, que criticava o homem branco por virar «irmão contra irmão» entre os Xhosa e por dizer aos Thembus que o seu «verdadeiro chefe era a grande rainha branca do outro lado do oceano, e que eles eram seus súbditos. Mas a rainha branca não trouxe nada ao povo negro, a não ser miséria e perfídia; se era uma chefe, era uma má chefe». Refere-se à rainha Vitória.

Antes de o *abelungu* — o homem branco — aparecer com armas que cuspiam fogo, as pessoas tinham vivido em paz umas com as outras. O homem branco despedaçara o seu *ubuntu*, companheirismo, e tomara as terras que não pertenciam a ninguém, como se apreendesse um cavalo.

Mandela contou que as histórias do Chefe Joyi o fizeram sentir-se zangado e ludibriado, como se os seus próprios direitos de nascimento tivessem sido roubados, embora mais tarde tivesse percebido que a história de Joyi nem sempre fora exacta.

Quando visitou o Cabo Oriental, nos anos oitenta, a primeira biógrafa de Mandela, Fatima Meer, conheceu uma anciã, Ntombizodwa, que crescera com Mandela. Também ela se lembra de estar sentada junto dele, a ouvir as histórias do chefe Joyi, recordando o «Tatu Joyi» como

enrugado e dobrado e tão preto que parecia azul. Tossia muito; a tosse chegava como uma convulsão e depois ia-se extinguindo, como o gemido de um apito de comboio. Conhecia a história dos Thembus melhor que ninguém,

pois vivera uma grande parte dela. Foi por ele que ficámos a conhecer o rei Ngangelizwe.

Os anos saíram-lhe do corpo e ele dançou como um jovem guerreiro quando nos contou como combatera com os *impi* (guerreiros) do rei contra os Britânicos.

De acordo com pesquisas históricas, foi o chefe supremo dos Thembus, Ngangelizwe, que pediu protecção aos Britânicos em 1872. Maltratara a primeira mulher, que fugira para casa do pai, um líder rival tradicional. Ngangelizwe recorrera aos Britânicos por temer a vingança da tribo rival. Em 1875 causou a morte da serva da mesma mulher, mais uma vez instigando a ira do rival e, mais uma vez, pediu protecção. O rival foi «persuadido» a não atacar Ngangelizwe mas este, mesmo assim, escreveu a pedir que ele e o seu povo se tornassem súbditos britânicos. Em 1882 vendeu ao governo a extensão de terra ocupada pela capital regional de Umtata, onde se encontra agora o magistrado-chefe regional. Em troca, recebeu 1200 libras esterlinas. Em 1885 o governo «anexou» formalmente Thembuland.

Na véspera de Ano Novo de 1914, de acordo com os arquivos da magistratura, o antigo chefe tribal de Mvezo foi demitido, mais uma vez por qualquer prática corrupta relacionada com terras concedidas a um homem branco para construir um entreposto comercial. Aparentemente, o homem branco, Mather, estava envolvido com uma africana, No-Offisi. Tanto Mather como o chefe Hlakanyana foram acusados e reprimidos. No-Offisi foi expulsa da terra que ocupava. Os dois homens contrataram um advogado que redigiu um apelo contra estes castigos.

O advogado descreveu Hlakanyana como tendo prestado 38 anos de serviço público, 13 como polícia e 25 como chefe tribal. Apesar destas provas de lealdade passada, o recurso deu com orelhas moucas.

Uma semana mais tarde, o magistrado veio de Umtata à aldeia de Mvezo para assistir a uma reunião, convocada para eleger um novo chefe. O chefe supremo, Dalindyebo, (filho e herdeiro de Ngangelizwe) encontrava-se na reunião apenas com outros onze, incluindo o chefe demitido, Hlankanyana. Não puderam — ou não quiseram — nomear um sucessor, registou o magistrado.

Pedi então ao chefe Dalindyebo que fizesse uma nomeação e ele recomendou o seu tio Henry Mandela, visto não haver nenhum homem naquele local apropriado para a nomeação. Henry Mandela dará, na minha opinião, um bom chefe, porque é um homem forte e, graças ao seu estatuto, será respeitado.

Recomendo então que ele seja nomeado chefe da localização n.º 15,

chamada Mvezo, com efeito a partir de 6 de Janeiro de 1915, e que lhe seja concedida a quantia de 12 libras por ano.

Esta nota sugere que o pai de Mandela não vivia efectivamente em Mvezo na altura da nomeação, três anos e seis meses antes do nascimento do filho. Viveria em Qunu, ou em qualquer outro lugar, com outra mulher.

O nome completo de Mandela Sénior era Henry Gadla Mphakanyiswa Mandela, não havendo registos das suas datas de nascimento ou de morte, embora Mandela diga, nas suas memórias, que o pai morreu por volta de 1928 quando, pensa ele, teria pouco mais de 70 anos. Mandela recorda-o como um homem alto, como ele próprio viria a ser, mas com a pele mais escura que o filho. Disse a Richard Stengel que vira uma única fotografia do pai, que entretanto se perdera.

Embora Henry Mandela deva a sua recomendação para o posto de chefe ao seu sobrinho, o chefe supremo, era, evidentemente, o magistrado que tinha a palavra final. Também vale a pena notar que não se tratava de um assunto que preocupasse muito o Departamento de Assuntos Nativos em Pretória. Só quatro meses mais tarde, a 19 de Abril, é que o sub-secretário se deu ao incómodo de responder ao magistrado, aprovando a nomeação do chefe Mandela.

Quando o chefe supremo, Dalindyebo, morreu, em 1920, o seu filho da Casa Grande era demasiado jovem para lhe suceder, pelo que tiveram de nomear um regente. No dia do funeral do velho rei, os chefes reuniram-se e nomearam para esse papel Jongintaba, filho de uma mulher menos importante de Dalindyebo.

Henry Mandela assumiu o comando na tomada de decisão. Dirigiram-se à mulher de Dalindyebo da Casa Grande para lhe contar, talvez conscientes de que as notícias não seriam bem recebidas. A mulher ficou furiosa, protestando que a mãe de Jongintaba não passava de uma concubina, que nunca fora adequadamente casada com o seu marido.

A mulher da Casa Grande queria a regência para si mesma. Conforme se queixou mais tarde ao magistrado, a mãe de Jongintaba fora abandonada pelo velho chefe e, quando partira, deixara o filho sem recursos. A mulher da Casa Grande fora buscá-lo e criara-o, embora ele fosse ignorado pelo pai, que não lhe concedera qualquer estatuto. Jongintaba acabara por se tornar criado da esposa da Casa Grande; ela deu-lhe uma esposa, assim como gado para começar o seu *kraal*. «Mas, mal o pai morre, ele revela um traço malévolos do seu carácter, virando-se contra mim.» A velha rainha não podia ter ficado muito contente com Henry Mandela pelo seu papel nesta tentativa de insurreição.

Pediu que lhe aparelhassem um carro para a levar ao magistrado. Os

chefes recusaram e disseram que ela devia, em vez disso, *zila* — fazer o luto. Acabaram por a deixar partir, mas recusaram fornecer-lhe o transporte que pedia, forçando-a a ir a pé até Umtata.

Henry e outro chefe assinaram a sua própria carta para o magistrado, a qual, longe de mostrar qualquer espírito de rebelião, estava repleta de obsequiosos louvores ao magistrado e ao governo que este representava, suplicando ao governo, como se este fosse um pai benevolente, que «mantivesse a segura orientação dos seus filhos, os Thembus, ao longo de todas as gerações que sucedessem aos chefes falecidos, e que também os protegesse e aconselhasse em todos os momentos difíceis...»

Numa divertida nota final, a carta agradecia efusivamente a oferta que o magistrado fizera de um caixão para o enterro do chefe falecido. O magistrado refere nos registos que, embora não tivesse, de facto, intenção de pagar o caixão, acabara por o fazer.

Depois de ouvir todos os lados da contenda, o magistrado mostrou-se compreensivo relativamente à alegação da rainha de que Jongintaba era pouco mais que o seu moço de recados, e admitiu que era contrário ao costume o filho de uma casa menor tornar-se regente. Contudo, o magistrado também não queria a rainha — uma mulher! Não, obrigado — como regente. Pediu aos chefes que repensassem. Estes assim fizeram — e chegaram à mesma conclusão — aparentemente guiados, de novo, por Henry Mandela.

Ao que parece, Mandela Sénior apostara no cavalo errado, pois o magistrado anulou a sua decisão e escolheu outro filho. Entretanto, o cavalo errado, Jongintaba, tinha os seus próprios problemas, sem dúvida associados à sua educação conturbada e à sua falta de estatuto. O magistrado notou, num pós-escrito de uma carta a um colega, em 1920, que Jongintaba era «viciado em álcool, se encontrava fortemente endividado e que fora recentemente emitida uma ordem judicial de prisão contra ele».

O filho demasiado jovem da rainha da Casa Grande acabou por assumir o papel de chefe supremo mas, em 1928, quando morreu subitamente de uma febre, a questão da sucessão voltou a colocar-se. Desta vez, Jongintaba teve melhor sorte. O magistrado acreditou que ele se regenerara e permitiu-lhe assumir o papel. «Tem 42 anos, é inteligente, e sinto que desempenhará satisfatoriamente a função.»

Infelizmente, em poucos meses, Jongintaba — prestes a tornar-se guardião de Nelson Mandela, muito amado e admirado por este — voltava a meter-se em sarilhos, se é que alguma vez estivera livre deles.

Entretanto, queixas contra o chefe Mandela vieram pela primeira vez a lume em 1925 — quando Nelson tinha sete anos —, em relatórios do comerciante branco local, Wood, dizendo que o «chefe Gadla» continuava

a «arreliar» um homem da zona para mudar a localização do seu *kraal*. Numa aparente referência ao chefe Mandela, o negociante branco dizia: «Há bastante trabalho sujo feito por chefes em certos momentos e os nativos procuram-no [ao magistrado] como protecção. A venda de espaços pelos chefes é uma prática bastante comum — assim mo dizem os nativos — e uma boa vaca oferecida ao chefe faz muitas vezes mudar a localização de um *kraal*. Dou-lhe esta informação unicamente no interesse da justiça. Não tenho nada contra Gadla [Mandela].»

A 9 de Julho de 1926 teve início um inquérito à conduta do «chefe Mandela do lugar de Mvezo, Umtata». O processo contra ele abriu com o testemunho de um «polícia nativo», Amos Dinga, que fora enviado para investigar alegações de que Mandela atribuía ilegalmente terras junto do rio Bashee a pessoas locais. O agente Dinga encontrou a terra lavrada, com colheitas a crescerem. Um dos homens que lá estava disse ter pago 10 xelins a Mandela pela terra. Outro homem recebera uma segunda porção de terra, a que não tinha direito, pois não tinha duas esposas. Afirmou que Mandela lhe dera o segundo talhão porque o primeiro não produzia boas colheitas. Declarou ter dado a Mandela um animal — «um bezerro preto, branco entre as pernas» — em troca da terra.

Três outros ocupantes de talhões a que não tinham direito haviam sido intimados a sair um ano antes, mas continuavam ali, aparentemente graças ao favorecimento de Mandela.

Um homem pedira a Mandela uma extensão de terra, recebendo a resposta de que eram 4,15 libras, o que ele pagou com quatro notas de libra e algumas moedas. Ainda mal tomara posse da terra quando chegou outro homem, dizendo que também ele comprara ao chefe Mandela o direito àquele talhão.

Uma última testemunha declarou também ter dado um animal a Mandela mas, durante dois anos, não recebera terra alguma. Só depois de pagar 4,15 libras adicionais é que recebera a terra. Pedira a Mandela que lhe devolvesse o animal e este recusara.

O registo dos procedimentos mostra que Mandela contra-interrogou as testemunhas, sem grande resultado, e depois afirmou, em sua defesa — sem testemunhas — que os animais lhe haviam sido dados como dote — tributos de casamento — e não em pagamento das terras. Manteve que tinham fabricado histórias contra ele devido a um conflito anterior, em que ele apresentara queixa de dois locais. As pessoas agiam, então, «por despeito contra mim». Explicou que um dos homens que cultivara a terra era um subchefe que o fazia porque Mandela tinha falta de saúde e não podia cuidar dela.

O magistrado que ouviu o caso concluiu que as acusações contra o chefe Mandela tinham fundamento e recomendou que os seus serviços

fossem dispensados. A decisão de o despedir foi ratificada pelo magistrado-chefe alguns dias depois. Servira naquelas funções durante onze anos.

Nas suas memórias, Mandela cita estes eventos de 1926 como tendo ocorrido quando ele «não era muito mais que um recém-nascido». A ser verdade, isto significaria que ele nascera muito depois de 1918, mas como ele já tinha três irmãs, com quatro datas de nascimento para comparar, parece improvável que a sua tivesse sido tão distante. Também é estranho que, com oito anos, se tivesse mantido de tal forma alheado de um evento tão catastrófico. Talvez fosse por, como ele já salientara, viver nessa altura a muitos quilómetros de distância, na aldeia de Qunu, e ter ido viver para lá há algum tempo — talvez desde que nascera — e não depois de o pai ser «deposto».

Em 2008, o neto de Mandela, Mandla, tornou-se chefe na aldeia de Mvezo, num gesto destinado a corrigir um erro cometido muitos anos antes contra o seu bisavô, Henry Mandela. O posto dava a Mandla autoridade nominal sobre cerca de 400 famílias da área. Em breve instalava o seu séquito num *rondavel* recém-construído, com as proporções de um salão comunitário. Quando lhe perguntaram se a ameaça actual do VIH fazia parte das suas preocupações principais, respondeu que não; a grande ameaça era a cólera, causada pelas águas do rio Mbashe, partilhadas por pessoas e animais. Muita gente ainda não tinha acesso a água potável.

Mandla, que realizou os seus próprios estudos acerca da história da família, afirmou que o folclore local favorecia ainda outra versão dos eventos, segundo a qual o chefe Mandela fora deposto depois de tentar cobrar uma vaca como multa a um homem que engravidara a filha de outro. Quando insultou o magistrado, recusando-se a comparecer diante dele, este enviou tropas para o retirarem à força.

Mandla estava céptico em relação aos registos dos magistrados nos arquivos. «Na minha opinião, fora cometido um erro que eles precisavam de justificar, por isso criaram a documentação.» A ser verdade, era uma artimanha implausivelmente complicada, envolvendo numerosos documentos. De acordo com Mandla — cuja informação foi recolhida em conversas com os anciãos de Mvezo que cresceram com estas histórias —, Henry Mandela tornou-se muito amargo por causa da redução da sua riqueza e estatuto. «Destruí-lhe toda a existência.»

No seu breve exercício, Mandla causou alguma consternação entre os arquivistas, ao destruir o que restava das ruínas do *rondavel* em que o seu avô nascera e ao reconstruí-lo no local exacto, como parte dos seus planos de criar um novo local de património cultural. Tudo o que restou foi uma pedra antiga.

A mãe de Mandela, Nosekeni Fanny, deu à luz quatro dos treze filhos

do marido. Ela era da Casa da Mão Direita, não a principal, mas também não das menos importantes; tinha três *rondavels* e um *kraal* na sua casa de Qunu. Mandela tem recordações da sua infância aí, de pastorear gado e de aprender a lutar, a nadar, a pescar e a usar figas para atirar aos pássaros. Usava pedras lisas e inclinadas como escorregas naturais e passava a maior parte do tempo a vagabundear com os outros rapazes.

«Um rapaz que ficasse em casa, agarrado às fitas do avental da mãe, era visto como mariquinhas», explica ele nas suas memórias. As mulheres, diz, sem meias palavras, eram vistas como cidadãos de segunda classe.

Mesmo então, recorda ele, a aldeia era das mulheres e das crianças, pois a maior parte dos homens eram migrantes económicos, trabalhando em fazendas distantes ou nas minas das colinas em volta de Joanesburgo, conhecidas como Reef. Os *rondavels* da mãe nunca estavam em sossego, sempre animados com visitas de amigos e parentes. Mandela não se lembra de alguma vez estar sozinho.

Embora ela tenha sido, provavelmente, a presença parental dominante nos seus anos de formação, Mandela não revela muitas recordações da mãe, que morreu em 1968, aparentemente com 75 anos. De tempos a tempos, ficava com o filho em Joanesburgo, de resto, vivia a sua vida em Qunu. Numa visita ao local, quarenta anos após a morte de Nosekeni, ainda era possível encontrar pessoas que se lembravam dela: uma mulher pequenina e simpática, que usava o traje tradicional e uma bolsa feita de pele de cabra, e que fumava cachimbo.

Ao contrário do marido, Nosekeni era uma cristã devota, e, ainda que o conceito de educação formal lhe fosse alheio, não resistiu quando alguns companheiros metodistas lhe disseram que o filho era um rapaz brilhante e que devia frequentar a escola. Por volta dos sete anos, Mandela vestiu pela primeira vez um par de calças — as calças do pai, cortadas pelo joelho e atadas na cintura com um pedaço de cordel.

Foi no primeiro dia de aulas que o nome Nelson lhe foi atribuído pela professora. Ele não tem ideia da razão da escolha desse nome, a não ser, é claro, pelas suas associações imperiais com o grande almirante no topo da coluna em Trafalgar Square. Sem dúvida, também, os missionários brancos tinham o hábito de atribuir nomes ingleses simples às crianças, porque era demasiado complicado aprender a pronunciar os seus nomes africanos. Era uma escola metodista e o jovem Nelson também foi baptizado na Igreja Metodista.

A irmã mais nova de Mandela, Leabie, que morreu há muitos anos, concedeu entrevistas às primeiras biógrafas, Fatima Meer e Mary Benson.

Leabie recordou que foi a própria mãe que construiu os *rondavels* que ocupava em Qunu, e os homens tinham ajudado com os telhados de col-

mo. Tinham um para cozinhar, outro para dormir, e o último para armazenar cereais e outros alimentos. As propriedades não tinham mobília no sentido europeu; dormiam em esteiras e usavam os braços como almofada. O forno era um buraco no chão, coberto com uma grade. O *rondavel* enchia-se de fumo quando cozinham, porque não havia chaminé, apenas uma janela através da qual o fumo podia escapar.

A mãe, assim como os filhos, trabalhavam arduamente, plantando e colhendo, tirando o milho das maçarocas e moendo-o entre duas pedras, quer para armazenar, quer para fazer pão. Leabie não se lembra de uma altura em que não tivessem de comprar milho para complementar a produção, pois nunca chegaram a ser auto-suficientes. No entanto, não precisavam de comprar leite, pois as suas vacas e cabras sempre lhes deram um bom fornecimento.

Leabie disse a Meer que o pai morrera quando Mandela — *Bhuti*, chamou-lhe ela, significando irmão — tinha dez anos. Mais tarde, disse a Mary Benson que o pai morrera em 1930, quando *Bhuti* tinha 12 anos. O próprio Mandela afirmou, no passado, que o pai morrera em 1930. Porém, nas memórias, afirma lembrar-se que o pai morrera quando ele tinha nove anos, o que seria em 1927, apenas um ano depois de Mandela Sênior ser despedido. Provavelmente, nunca será possível conciliar as datas.

Henry Mandela, evidentemente, referiu-se à sua falta de saúde durante a audiência, e Mandela forneceu um relato vivo da morte do pai, durante uma visita a Qunu — ele tinha uma rotina de circulação entre as esposas —, e de como o encontrou deitado de costas no *rondavel* da mãe, a tossir interminavelmente. Mandela acredita que ele estava a morrer de doença pulmonar, talvez cancro, mas nunca houve um diagnóstico formal. Manteve-se ali durante alguns dias e depois a sua quarta mulher veio ajudar a mãe de Mandela a cuidar dele. Ele pediu o seu tabaco e, relutantemente, deram-lhe um cachimbo, o que pareceu confortá-lo. Morreu em seguida. Mandela não recorda quaisquer sentimentos de dor, antes uma sensação de «ficar à deriva».

Leabie diz que o pai chamou o chefe supremo em exercício, Jongintaba — o homem que anteriormente ajudara a promover —, junto do seu leito de morte, e lhe pediu que cuidasse do filho. «Entrego-te este servo, Rolihlahla. É o meu único filho. Percebo pela maneira como fala com as irmãs e os amigos que a sua inclinação é para ajudar a nação. Quero que faças dele o que quiseres que ele seja; dá-lhe educação, ele seguirá o teu exemplo.»

A irmã de Mandela afirma ter ouvido a promessa de Jongintaba de cumprir o que Henry Mandela desejava. Contou a Benson, «O Chefe comprou-lhe roupa e ele transformou-se num ser humano» — uma expressão estranha, como se ele não fosse um ser humano antes de usar roupas ocidentais.

Talvez seja a construção de mais um mito, um rapaz educado para ajudar a nação, mas existiu, sem dúvida, qualquer combinação com Jongintaba, pois, após um período de luto, Mandela deixou Qunu e foi levado pela mãe, através das colinas, até ao Grande Lugar, em Mqhekezweni, onde foi entregue à responsabilidade de Jongintaba. «Viajámos a pé e em silêncio até o Sol se afundar no horizonte», é como ele descreve a viagem.

Talvez ele tenha ficado fascinado pela grandeza da vida em que embarcava. Faz uma descrição lírica do Grande Lugar, desde o desconcertante branco das paredes caídas dos sete *rondavels* e duas casas rectangulares, até aos grandes rebanhos de vacas e carneiros que pastavam, satisfeitos, nas terras ricas para além dos jardins e dos campos lavrados.

E aí vem o chefe principal, Jongintaba, no seu carro *Ford V8*, os homens das redondezas pondo-se de pé à sua aproximação e gritando, *Bayete a-a-a Jongintaba* — «Viva, Jongintaba!» É um homem confiante, num fato sofisticado, proprietário de muitos fatos iguais, que Mandela tem um prazer particular em engomar.

«As crianças das casas pobres ficam muitas vezes deslumbradas com um conjunto de novas tentações quando, de repente, são confrontadas com uma grande fortuna. Eu não fui excepção... As frágeis fundações construídas pelos meus pais começaram a oscilar.» Mandela sentiu desde o princípio que o rei e a mulher, Noengland, o aceitavam como se fosse seu filho.

Tanto o amavam e respeitavam, contou ele ao seu escritor-fantasma (isto não aparece nas suas memórias), que não o deixaram voltar a Qunu quando teve saudades de casa e quis visitar a mãe. «Eles pensaram que eu podia sofrer uma má influência e não querer voltar. Estavam tão ligados a mim que não queriam que partisse.»

Durante muitos anos, Mandela não voltou a ver a mãe.

Não há referência, em parte alguma das memórias de Mandela, à natureza ilusória da riqueza do chefe, ao facto de ele ter problemas de dinheiro e de alcoolismo.

Mandela não parece preocupado com estes aspectos da vida do seu novo guardião, vendo-o, em vez disso, como outros o viam, como a encarnação da autoridade real, o verdadeiro centro em torno do qual a vida decorria. A admiração de Mandela centrava-se, sobretudo, no seu grande carro *V8* e nos fatos. Mais ninguém na zona tinha um carro, o que só poderá ter aumentado o seu deslumbramento.

O arquivo dos magistrados não faz referência ao facto de Jongintaba ser mulhengo, mas fala da dívida de 800 libras em que incorreu, e nos consequentes processos em tribunal que enfrentou em 1930, exactamente na altura em que Mandela foi viver com ele no Grande Lugar. O magistrado observa que «muito disto é resultado de extravagâncias», sendo o chefe

«incapaz de resistir a comprar enquanto lhe dêem crédito.» O V8, em particular, era um fardo.

O magistrado não é abertamente racista, nem sequer duro nos seus comentários acerca de Jongintaba. Em vez disso, observa, com alguma simpatia, que os seus problemas são uma infelicidade, «visto que o chefe presta grande serviço ao seu gabinete e colabora leal e eficazmente no trabalho executivo, mas, devido a julgamentos e ordens judiciais contra ele, tem de evitar ir a Umtata».

Em 1935, Jongintaba incomodou o magistrado ao tentar um empréstimo de mais 60 libras, que justificou com as propinas escolares, para voltar a enviar os filhos (Mandela incluído, sem dúvida) para instituições educativas. Provocou a fúria do magistrado ao repetir o pedido um ano mais tarde. O magistrado protestou pela «flagrante extravagância do seu estilo de vida», notando que Jongintaba, que continuava a enfrentar constantes acções civis por dívidas e ocasional confiscação dos seus rebanhos, «tinha o hábito da intemperança».

Mandela tornou-se próximo do filho de Jongintaba, Justice, quatro anos mais velho que ele e que, aparentemente, saía ao pai, tendo herdado algumas das suas características menos agradáveis. Depois de, inicialmente, ter sido pouco amigável com o recém-chegado, Mandela acabou por lhe cair nas boas graças e foi tratado como um irmão mais novo.

Quando Mandela o conheceu, Justice já frequentava a escola secundária de Clarkebury, para onde ele próprio entraria em 1933, com 15 anos. Entretanto completara a educação primária na escola da aldeia, perto do Grande Lugar, e passara um ano numa escola na cidade vizinha de Qokolweni antes de começar o primeiro ano da escola secundária no colégio Clarkebury de Engcobo.

O chefe equipou-o com um fato e um par de botas e levou-o de carro para iniciar a sua instrução secundária. Apresentou Mandela a um ministro da igreja, o reitor da escola. O ministro estendeu-lhe a mão. Era a primeira mão branca que Mandela apertava.

Jongintaba disse ao ministro: «Trago-lhe este rapaz, para que ele possa ter uma educação como deve ser, pois estou a criá-lo para ser conselheiro de Sabata, o futuro rei, e gostaria que se interessasse especialmente por ele.» Sabata era o herdeiro do trono, na altura ainda bebé. Jongintaba, seu regente, falara muitas vezes a Mandela do papel que pretendia para ele: «Não quero que passes a vida a extrair das minas o ouro dos brancos, sem nunca saberes escrever o teu nome.»

Mandela notou a forma muito deferente como o ministro tratou Jongintaba, e partiu do princípio que também ele, sendo membro da família real, seria tratado com respeito. Porém, assim que o regente partiu, deixan-

do a Mandela uma nota de libra, a maior quantia que ele já possuía, Mandela começou a ser tratado como todos os outros. Mais tarde, considerou que fora uma boa lição, pois desconfiava que era um pouco «snobe» nessa altura.

Não se podia manter snobe por muito tempo nas suas botas novas, com as quais mal sabia andar, fazendo estalar, desajeitadamente, os soalhos de Clarkebury, e começando a ser provocado por causa disso por algumas alunas, que o consideravam um campónio, sem o hábito de usar sapatos. Atirou-se à rapariga que fez o comentário, com vontade de a estrangular, mas esta fugiu a gritar. Acabaram por se tornar amigos e ele descobriu que também ela estava determinada a obter uma boa instrução. Teve pena de perder mais tarde o contacto com ela e veio a saber que, devido a dificuldades financeiras, fora forçada a desistir dos estudos.

Na escola também havia uma professora africana negra, que fora uma das primeiras, se não a primeira do país, a obter uma licenciatura em Letras, se bem que, a primeira vez que o ouviu dizer, Mandela nem soubesse o que isso era.



TRÊS

Depois de um ano em Clarkebury, Mandela voltou a Mqhekezweni para se sujeitar ao ritual da circuncisão — uma elaborada cerimónia de entrada na maturidade. Muito mais tarde, sentiria um prazer travesso em empalidecer líderes mundiais com as suas descrições francas do procedimento brutal do corte do prepúcio.

Nas suas memórias, Mandela recorda que a cerimónia foi organizada pelo filho do regente, Justice, que na altura devia ter vinte anos — era quatro anos mais velho que Mandela, que tinha 16 quando foi circuncidado. Cerca de trinta rapazes participaram na cerimónia — uma mistura de jovens da realeza com plebeus, que se mantiveram juntos — ao todo, por dois meses, lembra Mandela — em duas cabanas numa área remota na margem do rio Mbashe, num lugar chamado Tylahara, localização tradicional da circuncisão dos reis thembus.

De acordo com o costume, arrastaram-se furtivamente para roubar um porco, um último acto deliberado de traquinice adolescente antes de se tornarem homens. Mandela contou ao seu escritor-fantasma que atraíram o porco para longe do fazendeiro, «...para depois o apanharmos, matarmos, fazermos uma fogueira e o comermos. *Oh*, é maravilhoso. A carne nunca mais teve o mesmo sabor. Foi agradável assar um porco.»

Na véspera da circuncisão, as cabeças dos rapazes foram rapadas e eles participaram num baile com raparigas que cantaram e bateram palmas a um ritmo lento, que se tornava cada vez mais rápido e frenético, e que eles acompanhavam a dançar.

Na manhã seguinte, uma audiência de amigos e parentes reuniu-se para ver à distância os rapazes banharem-se no rio e depois sentarem-se em fila, usando apenas um manto, enquanto um tambor rufava. Mandela estava tenso, esperando não passar pela vergonha de chorar ou estremecer durante o corte. O *ingcibi*, o especialista em circuncisão, foi avançando pela

fila, agitando a sua *assegai*, e os rapazes gritavam, *ndiyindoda*, «Sou um homem», enquanto os seus prepúcios eram cortados.

Eis a descrição de Mandela:

Então ele pega no pénis, puxa o prepúcio e, com a *assegai*, sem anestesia, fá-lo... (uma vez para a frente) ... uma para trás, e corta o prepúcio, e nós dizemos *ndiyindoda* e depois outro homem, que está atrás do especialista que nos circuncida, diz, ata esse prepúcio com a ponta do teu cobertor e nós atamo-lo, e depois eles ligam a ferida com uma espécie de folha que tem pequenos espinhos, mas é uma folha muito boa e tem propriedades curativas. Enrolam-na no pénis e depois, quando todos foram circuncidados, levam-nos para a cabana. Na cabana fazem uma fogueira, mas têm o cuidado de a fazer com madeira molhada para produzir fumo, porque existe uma teoria de que o fumo faz a ferida sarar mais depressa. Depois dormimos e mesmo isso tem de ser feito de uma maneira particular. Dormimos de costas, com uma perna esticada no chão e a outra assim... , dobrada assim, está a ver, mas estamos de costas, e esta perna fica direita. A ideia é que não devemos... não deve haver pressão sobre a ferida, no pénis. As pernas têm de estar separadas... e se cometermos um erro, e fizermos isto, o ajudante bate-nos com um pau, por isso, mesmo que, a dormir, cometamos um deslize, acordamos imediatamente e esticamos uma perna e mantemos a outra nesta posição. Então, à meia-noite, o ajudante acorda-nos, um a um, e diz-nos, vai e enterra isto longe daqui, e está muito seco, cavamos e está escuro e estamos sozinhos, e cavamos e enterramos e depois voltamos e ele pede ao próximo rapaz que vá enterrar o seu prepúcio.

O ajudante, um dos *amakhankatha*, também pinta os corpos dos rapazes, agora conhecidos como *abakwetha*, ou iniciados na condição de homem, com ocre branco.

Nas suas memórias, Mandela conta que a dor dos dois cortes foi tão intensa que, momentaneamente, se esqueceu de gritar *ndiyindoda* e depois ficou envergonhado por não ter sido mais forte, mas talvez tenha sido ele o único a notar essa breve hesitação.

Terminada a cerimónia, permanecem nas cabanas, em silenciosa contemplação, enquanto as feridas saram; depois voltam a banhar-se, lavam o ocre branco e são pintados com ocre vermelho.

Depois de tudo terminar, as cabanas e o que se encontra dentro delas é queimado, para simbolizar a destruição dos seus últimos laços com a infância. Devem partir sem olhar para trás, mas Mandela revelaria, mais tarde, que quebrara essa regra e dera uma espreitadela por cima do ombro.

Mandela foi presenteado com duas vacas e quatro carneiros, como recompensa pela sua condição de homem, e depois participou numa cerimó-

nia final, em que ouviu um discurso memorável proferido por um irmão de Jongintaba, o chefe Meligqili, que avisou os jovens de que as promessas de virilidade eram todas uma ilusão, pois eles eram um povo conquistado, escravos no seu próprio país.

Eram chefes que nunca governariam, ou jovens que iriam para a cidade, viveriam em barracas e beberiam álcool barato, ao mesmo tempo que arruinariam os pulmões nas minas, para que o homem branco pudesse viver numa prosperidade inigualável.

Os filhos de Ngubengcuka, a flor da nação xhosa, estavam a morrer.

Embora o chefe talvez pretendesse que as suas palavras fossem um apelo, um aviso, ou mesmo uma chamada às armas, Mandela percebeu que os outros jovens se sentiam como ele — furiosos, não com o homem branco, mas com o chefe, por lhes estragar o grande dia com os seus comentários ignorantes. Naquela altura, para Mandela, o chefe não conseguia apreciar o valor da educação e os benefícios que o homem branco trouxera ao país.

Contudo, o chefe plantara uma semente dentro dele, que, ao longo do tempo, começou a crescer. Como descreve nas suas memórias, percebeu mais tarde que o ignorante nesse dia não era o chefe, mas ele.

Entretanto, agora que era um homem, tinha direito a um novo nome thembu, e o que lhe deram foi Dalibunga, que se tornou o termo preferido de tratamento, mesmo nos anos seguintes, para os seus familiares, assim como para outros chefes e convidados que o visitavam do Cabo Oriental. Um amigo e colega, Joe Matthews, lembra-se de grupos de visitantes, vestidos tradicionalmente, que apareciam no exterior da casa de Mandela em Orlando nos anos 1950, gritando *a-a-a-Dalibunga!* como forma de cumprimento.

Viver no Grande Lugar sob a guarda do chefe supremo, ser criado para conselheiro real, chegar à maturidade, ter o seu próprio pequeno rebanho de vacas e carneiros, tudo serviu para reforçar a ideia que Mandela tinha de si mesmo como um jovem thembu privilegiado, embora um daqueles cujo destino permanecia no Transkei. Clarkebury permitiu-lhe conhecer alunos de toda a África do Sul, rapazes e algumas raparigas de tribos diferentes, mas continuava, nessa altura, a ver-se como parte da tribo de elite, os Thembus.

Foi em Clarkebury que começou a mostrar-se um estudante promissor, completando os estudos secundários em dois anos, de modo que, pelas boas graças do seu guardião endividado, prosseguiu para Healdtown, um colégio metodista em Fort Beaufort, onde se pôs a par de Justice, que ainda ali estudava. Fort Beaufort era assim chamado por ter sido um posto avançado dos Britânicos enquanto estes ocupavam Thembuland durante as

Guerras de Fronteira, quando capturaram e prenderam líderes guerreiros xhosa em Robben Island.

A escola era como uma pequena fatia de Inglaterra, com um milhar de alunos e funcionários de todas as raças, presidida pelo Dr. Wellington. Este, orgulhoso de ser britânico e do seu parentesco com o duque de Wellington, vangloriava-se do seu antepassado em discursos aos alunos, contando-lhes como este salvara a civilização, tanto para a Europa, como para os nativos, e eles tinham de aplaudir, sem nunca objectar por serem chamados nativos. Os alunos africanos eram, por vezes, ridicularizados, chamados de «ingleses pretos», mas Mandela admite que, no seio do regime rigoroso e implacável da escola, era essa a verdadeira aspiração deles.

Foi em Healdtown que Mandela descobriu os dois desportos que manteria durante a idade adulta, a corrida e o pugilismo, embora ele fosse alto e, nessa altura, magricela, mais apropriado para o primeiro que para o segundo. Teve também a sua primeira possibilidade de saborear a liderança, como prefeito, encarregado de um grupo de rapazes responsáveis por lavarem as janelas, dormindo no mesmo dormitório que eles e garantindo que se apresentavam bem nas paradas.

Nos primeiros dias na escola, Mandela teve a impressão de que os diferentes grupos tribais se davam apenas com os seus próprios membros e que havia poucas interações entre grupos. Porém, também ele ficou surpreendido quando um popular professor sotho casou com uma mulher xhosa, de Umtata, o que parecia uma coisa extraordinária. O próprio Mandela ficou contente quando se tornou amigo de pessoas de outras tribos, embora permanecesse um xhosa orgulhoso e tivesse ganho o prémio xhosa de ensaio em 1938, com um tema há muito esquecido.

Ele nunca esquecerá o dia em que o reputado poeta xhosa, Mqhayi — um poeta laureado do povo africano, na opinião de Mandela — foi dar uma conferência em Healdtown. Mqhayi era um nómada que viajava por todo o lado, criando e partilhando a sua poesia. Era o autor da letra do hino *Nkosi Sikelel' iAfrika*.

Mandela vira-o uma vez à distância, quando ele passara por Mqhekezweni, e ficou muito entusiasmado com a perspectiva de o ouvir falar. O dia foi declarado feriado em Healdtown. Ao princípio, quando Mqhayi apareceu no estrado segurando duas *assegais*, Mandela ficou desapontado com a sua aparência vulgar e olhos encovados. As suas primeiras palavras também pareciam difíceis de sair, não eram as efusões poéticas que Mandela esperara. Então, à medida que ele falava, uma das suas *assegais* cortou a cortina de rede que atravessava o palco e ele aproveitou o facto como um confronto simbólico de culturas, a africana e a europeia, entusiasmado-se com a ideia de que era um confronto entre os indígenas, que valorizamos,

e os estrangeiros, que rejeitamos. Hoje em dia, disse, era um confronto que não produzia resultados, apenas um ponto morto, mas haveria de chegar o dia em que a cultura africana prevaleceria.

Mqhayi prosseguiu com o seu conhecido poema acerca da distribuição das estrelas, apontando para o céu com as *assegais* e oferecendo aos Europeus a constelação maior, a Via Láctea, porque estavam cheios de ganância e de inveja e lutavam pela abundância, mas oferecendo diferentes estrelas a outras nações, raças e diferentes grupos tribais, antes de, finalmente, se aquietar e dizer, agora a ti, Casa de Xhosa, dou-te a Estrela da Manhã, porque é a mais importante, a estrela para contar os anos, os anos da maturidade. Baixou-se, apoiado num joelho, enquanto dizia as últimas palavras, e os estudantes, pelo menos os xhosa, rebentaram em aplausos, não sendo Mandela o menos entusiasmado. Estava a aprender a abraçar todas as tribos africanas, e a tornar-se, ele próprio, africano. Mas ainda era um xhosa e ficara inspirado com a mensagem de rebeldia.

Nesta altura, Mandela não só se pusera a par do seu «irmão» mais velho, Justice, como o ultrapassara. Justice permaneceu em Healdtown, ainda a fazer os estudos secundários, quando, em 1939, Mandela, então com 21 anos, entrou para o Colégio Universitário de Fort Hare, apenas a alguns quilómetros, na cidade de Alice. Justice gostava mais de brincar que de estudar, diz Mandela, e a escola era-lhe indiferente.

Fort Hare era a universidade mais importante para os africanos negros da África do Sul — Oxford, Cambridge, Harvard e Yale tudo junto, como Mandela diria — e muitos futuros líderes de toda a região foram educados aí, Seretse Khama, Kenneth Kaunda e Robert Mugabe entre eles. Também aqui haviam sido travadas batalhas durante as Guerras de Fronteiras, antes de os metodistas escoceses fundarem o colégio missionário, em 1916. Os primeiros dois africanos licenciaram-se em 1924.

Era, de facto, uma instituição de elite, com apenas 150 alunos no tempo de Mandela, e os seniores eram muitas vezes arrogantes com os caloiros. Apesar das origens privilegiadas de muitos dos alunos, havia em Fort Hare um espírito de dissidência, talvez alimentado pelos que seguiam os passos do Professor Z.K. Matthews, um dos mais importantes eruditos negros da sua geração, que estudara os primeiros activistas dos direitos civis afro-americanos, como Booker T. Washington e o seu livro *Up from Slavery*.

Tal como Washington, Matthews podia ser considerado moderado, em comparação com os radicais dos anos 1960 e posteriores, mas na sua época desbravou terreno, foi uma figura influente e, muitas vezes, em conferências, um crítico aberto do governo racista.

Em 1941 os estudantes boicotaram as aulas, depois de um professor branco ter esbofeteado uma africana negra que trabalhava nas cozinhas,

por ela ter partido loiça. Um ano mais tarde houve uma segunda greve, quando as autoridades da escola recusaram deixar os estudantes praticar desporto aos domingos. Mais de 50 alunos, incluindo Oliver Tambo, foram «expulsos», embora a maioria acabasse por ser readmitida. Contudo, Mandela já não estava lá para participar nestas acções.

Anteriormente, desempenhara um papel importante numa rebelião sem grande significado, tentando estabelecer um Comité da Residência democraticamente eleito para desafiar o estatuto dos seniores. Durante uma reunião, um sénior troçara de Mandela por ele ser um campónio que nem sabia falar bem inglês. O mesmo sénior, mais tarde, chegou a chorar quando os caloiros tentaram puni-lo por desobedecer às regras que o seu comité criara. Mandela não teve qualquer escrúpulo em relação a essa acção, pois tinha a certeza de que era correcta. Não era pessoal, nem uma vingança — bem, não completamente, pois Mandela tinha perfeita consciência de ter sido ridicularizado.

Mandela estudou Inglês, Antropologia, Direito — e Administração Nativa, um tema que lhe poderia permitir um emprego no departamento de Assuntos Nativos em Pretória ou numa das suas várias secções locais. Nessa altura, era um objectivo realista, e Mandela imaginava-se a adquirir as qualificações para se tornar intérprete de xhosa e inglês, trabalhando, talvez, com um magistrado.

Mandela conheceu Tambo, o seu extremamente religioso futuro sócio jurídico e colega do ANC, quando jogaram futebol juntos em Fort Hare. Mandela, quando não estava a jogar futebol, estava invariavelmente numa corrida de longa distância. Outro aluno, ligeiramente mais velho, era o seu primo, que mais tarde seria seu adversário político e rival amoroso: K.D. Matanzima, um homem magro e elegante, a quem Mandela e a família chamavam «o Cigarro», devido à sua delgadeza. Matanzima podia ser uma personalidade rezingona, com tendência a mostrar-se em desacordo, e era meticuloso em relação a regras e regulamentos. Também era bastante majestoso, como Mandela, e gostava de andar bem vestido. «Éramos ambos jovens muito elegantes e todas as mulheres nos queriam», disse o Cigarro a Fatima Meer.

Havia uma grande variedade de actividades musicais em Fort Hare, desde coros da igreja até bailes, em que Mandela participava. «Passámos horas a aprender a dançar com graça. O nosso herói era Victor Sylvester, o campeão do mundo de danças de salão.» Como ele diz, era muito bom aprender a valsar e a dançar *foxtrot*, mas os lugares onde podiam exibir os seus passos eram todos em zona proibida. Uma noite, vestiram os fatos e esgueiraram-se para o salão de baile da aldeia próxima de Ntselamanzi, onde Mandela escolheu graciosamente uma jovem e a convidou para

dançar. Entenderam-se bem e, casualmente, ele perguntou-lhe o nome. A Sra.^a Bokwe era mulher de um dos seus professores, um importante intelectual africano, que Mandela avistou então do outro lado do salão de baile, a conversar com o professor Z.K. Matthews. Mandela devolveu a mulher do professor à companhia do marido e o incidente nunca foi mencionado.

Em finais de 1940, um ano após a sua chegada, Mandela envolveu-se numa nova polémica na universidade, quando foram convocadas eleições para os Conselhos Representativos dos Estudantes. Ele e outros planearam um boicote, em protesto pelas condições miseráveis em Fort Hare, especialmente a má comida e a falta de poderes do Conselho de Estudantes.

Talvez Mandela se inspirasse no papel de John Wilkes Booth, o assassino de Lincoln, que representou numa produção da sociedade dramática de Fort Hare. Era um papel pequeno, mas crucial, carregado de um tentador simbolismo acerca dos perigos de se defender aquilo em que se acredita — foi a única peça em que Mandela participou antes da prisão. (Uma vez, em Robben Island, foi o rei em *Antígona*.)

Quando as eleições para o Conselho de Estudantes foram convocadas, apareceram apenas cerca de 25 alunos para votar, pois os restantes respeitaram o boicote. Mandela foi um dos seis alunos eleitos pelo voto da minoria, e todos recusaram imediatamente, como parte do protesto. O reitor tentou ser mais esperto, dizendo que em vez de votarem no salão, podiam votar novamente durante o jantar, quando todos os estudantes estariam presentes.

Mais uma vez, só votaram os mesmos 25 e os mesmos seis estudantes, incluindo Mandela, foram eleitos. Desta vez, porém, havia incerteza, pois todo o eleitorado estava reunido, ainda que a maioria não tivesse participado. Mandela consultou o seu sobrinho e mentor, Matanzima, que o aconselhou: «Não, deves recusar, é uma questão de princípio.» Mandela informou os colegas de que não aceitaria o cargo, mas ficou isolado porque os outros decidiram aceitar.

O reitor chamou-o ao seu escritório e disse-lhe que, se não assumisse o cargo, não poderia voltar no ano seguinte. Mandela teve medo, mas Matanzima voltou a aconselhá-lo a manter-se fiel aos princípios. Mandela diz que, na verdade, tinha mais medo de Matanzima do que das autoridades, por isso repetiu a sua recusa ao director da universidade. Foi efectivamente expulso; disseram-lhe que não poderia voltar, a não ser que assumisse o seu cargo no Conselho de Estudantes. Embora Mandela não conseguisse levar-se a transigir, partiu para casa pensando, com desconforto, nas consequências, preocupado por estar a sacrificar a sua carreira académica em nome de um princípio moral abstracto.

De volta a Mqhekezweni, nesse Dezembro de 1940, o regente, Jongintaba, não compreendeu nem deu valor ao protesto de Mandela, e insistiu

que ele devia voltar a Fort Hare no Ano Novo. Nem o facto de ter sido o próprio regente a recomendar Matanzima a Mandela como um admirável modelo a seguir o ajudou.

Justice também voltara a Mqhekezweni. Terminara a escola e vivia, talvez ociosamente, na Cidade do Cabo. Possivelmente, isto também perturbava Jongintaba. Tinha dois problemas nas mãos, ambos a levar uma vida regalada no Grande Lugar. O regente convocou-os para uma reunião, anunciou-lhes que em breve morreria e que queria ver ambos casados. De facto, já lhes escolhera noivas. Justice casaria com a filha de um líder thembu e a noiva de Mandela era a filha do padre local. Mandela diz que protestou, por ainda estar a estudar, mas Jongintaba afastou o obstáculo, dizendo que cuidaria da sua esposa quando Mandela voltasse para Fort Hare.

Mandela foi ter com a rainha e disse-lhe que queria casar com outra pessoa, uma familiar da própria rainha, mas só depois de ter terminado os estudos. De facto, nunca namorara com a rapariga em questão, estava só a tentar sair de uma situação difícil, ainda mais dificultada pelo facto de a jovem que o regente escolhera para Mandela estar apaixonada por Justice e ter um caso com ele — um facto de que Jongintaba estava inocentemente inconsciente.

A rainha foi compreensiva e teria apoiado a escolha alternativa de Mandela, mas o regente não transigiu. Já concordara com o *lobola* (dote) e já o pagara, pelo que não se podia voltar atrás. Como nem Mandela, nem Justice, queriam casar, decidiram fugir e conceberam um plano para chegar a Joanesburgo.

O outro lado desta história emergiu durante uma visita a Mqhekezweni no Verão de 2008. Ali, no Grande Lugar, estava o *rondavel* que Mandela e Justice tinham partilhado quando eram rapazes e, diante dele, uma casa de tijolo vermelho acabada de construir, paga por gentileza do próprio Mandela e ocupada pela viúva de Justice, Nozolile Mtirara, uma velhota amigável mas cansada, que não falava inglês mas não se incomodava com o recurso a um intérprete.

Nozolile era a pobre noiva de que Justice fugira. Não se recordava de uma futura mulher para Mandela, afirmou. Tanto quanto sabia, era ela a única noiva proposta. Nunca vira Justice nem sabia nada acerca dele quando determinaram que seria sua esposa, mas isso, para ela, não era estranho; era o costume. O regente viu-a, decidiu que ela servia para sua nora, e foi tudo.

Acreditava que Justice e Mandela tinham fugido para desafiar a tradição dos casamentos arranjados. Nozolile acabara de fazer vinte anos quando foi escolhida, e não teve outra alternativa que não fosse esperar o regresso do futuro marido. Nem sequer podia ir à escola. Justice acabou por

voltar e casar com ela em 1945, quatro anos depois da fuga. (Mandela, claro, nunca voltou para a sua escolhida, se é que esta alguma vez existiu.)

De acordo com Nozolile, pouco depois de casar, Justice voltou aos seus hábitos antigos e fugiu outra vez, mas não para Joanesburgo; permaneceu no Cabo Oriental, rodeado de mulheres. Como Nozolile descreveu, repetindo-o para dar ênfase: «Era mesmo um mulherengo.» Tiveram seis filhos e Justice nunca casou com mais ninguém, mas era muito diferente de Mandela, apolítico e apenas interessado em divertir-se.

Numa ocasião, antes de ir para a prisão, em 1962, Mandela fora ao Grande Lugar e encontrara a casa fechada. Nem Justice nem Nozolile estavam lá. Justice fora com uma mulher para East London e Nozolile regressara para a família, como protesto por não conseguir alimentar os filhos sem o apoio do marido. Segundo Nozolile, Mandela dissera a Matanzima, que era agora chefe de governo do bantustão de Umtata, que Nozolile devia voltar para casa. Ela recebeu ordens de regressar, mas, naquele mundo patriarcal, ninguém pensou em ordenar a Justice que reassumisse as suas responsabilidades.

Nozolile disse que o velho chefe, Jongintaba, ficara de coração partido ao saber que o filho e Mandela tinham fugido, e morrera um ano e pouco mais tarde, pois a sua saúde deteriorara-se rapidamente.

A sua fotografia estava na parede por cima de Nozolile, juntamente com imagens do seu pai, Dalindyebo, o homem que nomeara Henry Mandela para chefe, do próprio Justice e do seu irmão, Sabata, que se tornara chefe supremo e também participara activamente na luta contra o *apartheid*.

Os velhos chefes tinham sido mais ricos, explicou Nozolile, mas o seu papel mudara. Nessa altura, os chefes trabalhavam para o povo; hoje em dia, queriam que as pessoas trabalhassem para eles. O neto de Nozolile era o chefe actual, mas os rebanhos tradicionais estavam muito reduzidos em número e em valor. Quando Mandela foi libertado da prisão em 1990, contou Nozolile, costumava visitá-los e levar-lhes mercearias, pois eram todos pobres. Era a sua forma, pensa ela, de agradecer aos velhos que o tinham criado no Grande Lugar.

Evidentemente, nem Justice nem Mandela possuíam riqueza material quando decidiram fugir. Precisavam de dinheiro, por isso roubaram duas vacas a Jongintaba, venderam-nas ao comerciante local e contrataram-no, com o seu carro, para os levar, com as poucas roupas que tinham, até à estação de comboios de Mbityi, onde planeavam apanhar o comboio para a cidade grande.

Tinham concebido o plano cuidadosamente, esperando até que o Bhunga, o parlamento marioneta local, reunisse em Umtata, onde o chefe

tinha de se apresentar na segunda-feira de manhã e onde permanecia uma semana, só voltando a casa ao fim-de-semana.

De acordo com Mandela, era normal o chefe fazer-se acompanhar de um deles, aparentemente temendo o que poderiam tramar se ficassem os dois sozinhos. Normalmente levava Justice e ficava descansado por deixar Mandela para trás, responsável pela casa, mas na semana anterior levava Mandela, por isso tiveram de esperar que este voltasse ao Grande Lugar.

Na segunda-feira seguinte, de manhã, Jongintaba partiu sozinho. Já tinham feito uma mala com as roupas de ambos e estavam prontos para partir, quando o chefe, de repente e inesperadamente, voltou. Fugiram e esconderam-se no milheiral. Jongintaba perguntou por eles e disseram-lhe que andavam por ali. O chefe explicou que voltara só por causa dos seus sais *Epsom*, o que lhes pareceu uma razão inadequadamente suspeita. Tinham agora a certeza de que Jongintaba sabia que algo se passava. Depois de ele voltar a partir, saíram do esconderijo e aguardaram até o seu carro desaparecer do outro lado das colinas, antes de iniciarem a viagem.

Quando chegaram à estação de comboios, descobriram que Jongintaba estava, de facto, um passo à frente deles. O chefe da estação, que já recebera ordens de não os deixar passar, explicou-lhes que fora instruído para não lhes vender bilhetes, pois o chefe estava convencido de que iam fugir. Ficaram perplexos por ele saber, mas não desistiram. Persuadiram o comerciante a levá-los até à estação seguinte, na cidade de Butterworth, uma viagem de cerca de 80 quilómetros ao longo do rio Mbashe.

Aí, apanharam o comboio para Queenstown, mas não puderam seguir para Joanesburgo porque não tinham os passes nativos necessários. Tinham planeado uma visita a um chefe de clã para lhe pedir ajuda. Tiveram tanta sorte que esbarraram com um familiar de Jongintaba, ele próprio chefe, que prometeu levá-los ao magistrado-chefe de Butterworth para obterem os passes. O magistrado estava a concluir a documentação quando decidiu fazer uma chamada de cortesia para o seu homólogo, o magistrado-chefe em Umtata, e informá-lo de que estava a emitir passes para dois jovens da sua área. O chefe supremo, Jongintaba, estava com o magistrado e explicou imediatamente o que eles estavam a tramar. «Detenha esses tipos e traga-os para aqui agora». O magistrado de Butterworth ficou furioso com eles por o terem enganado. «Vocês não têm vergonha, vêm para aqui contar-me mentiras, desapareçam do meu escritório!» Mandela e Justice admitiram ter mentido, mas alegaram que não tinham cometido nenhuma ofensa. Mesmo assim, foram postos fora sem passes, embora, do mal, o menos, não tivessem sido presos.

Foram então ter com um amigo de Justice que pensaram que podia ajudar, pois trabalhava para um advogado. Por sorte, o carro do advogado

ia ser usado numa viagem para Joanesburgo e o amigo ofereceu-se para lhes arranjar uma boleia. A mãe do advogado branco, que ia à cidade visitar a filha, sentou-se no banco da frente, ao lado do condutor, enquanto Mandela e Justice se sentavam no banco traseiro, com Justice mesmo atrás da mãe do advogado, o que, por alguma razão, a fez sentir-se desconfortável. Parecia ter medo de Justice e mandou-o trocar de lugar com Mandela, mantendo-se de olho nele durante toda a viagem.

Mandela admitiu que Justice podia ser selvagem e exuberante, e não tinha medo de brancos, mas, mesmo assim, não conseguia explicar a atitude da mulher. Evidentemente, ainda não estava acostumado ao vulgar medo racista do homem negro, sentido por muitos brancos na África do Sul, então como agora.

Depois desta desconfortável viagem de algumas horas, chegaram finalmente a Joanesburgo. Era quarta-feira, 16 de Abril de 1941 (Mandela, mais tarde, registou esta data nos papéis do divórcio da sua primeira mulher), e ele tinha vinte e três anos.



QUATRO

Ao chegarem a Joanesburgo, Justice e Mandela dirigiram-se imediatamente a Crown Mines, um dos maiores complexos de minas do Reef. Justice já era ali aguardado, pois o seu pai recomendara-o, enquanto pressionava Mandela para regressar a Fort Hare.

Justice disse ao capataz da mina, conhecido como *induna*, ou rapaz-patrão, que o chefe queria que ele desse também emprego a Mandela. Podiam ter-se dado bem com essa mentira, se não tivessem contado a um amigo, que já ali trabalhava, que tinham fugido. Este foi ter com o *induna* e contou-lhe a verdade. No dia seguinte, o *induna* chamou Justice e Mandela ao seu gabinete e pediu que lhe mostrassem uma permissão escrita do chefe para procurarem trabalho. Claro que eles não tinham nenhuma. Então, o capataz mostrou-lhes o telegrama que recebera do chefe: «Mande Justice para casa imediatamente.»

O *induna* disse-lhes que ia arranjar o dinheiro para a viagem e mandá-los de volta para o Transkei. Saíram da mina e foram visitar um amigo da família e sócio do chefe, o Dr. Xuma, nessa altura recém-nomeado presidente do ANC, que, por sua vez, os enviou a um contacto seu, o Sr. Wellbeloved, que trabalhava para a associação representante de toda a indústria mineira. Mandela tentou impressionar o homem, contando-lhe que queria trabalhar ao mesmo tempo que terminava a sua licenciatura. Wellbeloved disse que, nesse caso, trataria de arranjar trabalho para eles em Crown Mines.

Voltaram então às minas, onde foram recebidos por um funcionário diferente. Enquanto Justice ocupou uma posição de estagiário num escritório, Mandela ficou a saber que teria de começar como vigilante. Deram-lhe um chapéu redondo, como um capacete, um bastão de ponta esférica e um apito.

Instalaram-se em casa do gerente do complexo. Mandela acha que trabalhou durante uma semana, no máximo, cumprindo o seu serviço jun-

to do portão do complexo, a supervisionar as saídas e as entradas, antes de chegar outro telegrama do chefe, que foi directamente para as mãos do *induna*. Este não sabia que eles tinham voltado e começado a trabalhar. Quando deu com eles na mina, mandou-os partir imediatamente.

Mandela voltou a casa para ir buscar a mala e, quando saía, ajudado por outro homem, foi travado por um guarda que queria inspeccionar a sua bagagem. Mandela tinha na mala um velho revólver que pertencera ao seu pai e o guarda, naturalmente, encontrou-o. Soprou o apito e acorreram outros guardas que, em vez de prenderem Mandela, prenderam o homem que estava com ele. Mandela seguiu-os até à esquadra, onde mostrou os seus documentos de estudante em Fort Hare e explicou que a arma fora do seu pai. Afirmou que a trouxera apenas por ter medo de *gangsters*, pois tinham-lhe dito que estes abundavam em Joanesburgo.

A polícia libertou o amigo de Mandela e acusou-o a ele. Na segunda-feira de manhã apresentou-se em tribunal e foi condenado a pagar uma pequena multa.

Mandela foi então para casa de um primo, Garlick Mbekeni, durante alguns dias, e confessou ao seu parente as suas ambições de se tornar advogado. Mbekeni prometeu levá-lo a conhecer um tipo muito inteligente, «um dos nossos amigalhaços». Foram juntos a um edifício de escritórios, o Sitha Investments, na Barclay Arcade, na esquina da West Street e da Commissioner Street, na baixa da cidade. Aí, sentaram-se e esperaram na recepção, enquanto Mandela observava com fascínio uma secretária africana — a primeira que ele via — a dactilografar velozmente uma carta.

Pouco depois, a secretária conduziu-os ao escritório interior, onde Mandela foi apresentado a «um tipo de pele clara e aspecto mestiço», que aparentava vinte e tantos anos, mas parecia, apesar da pouca idade, amável e sábio. Usava um fato de peitilho duplo. Na altura Mandela não o sabia, mas o pai do homem era branco.

Teve dificuldade em acreditar, quando mais tarde perguntou ao primo, qual era o curso que o homem tinha e soube que não recebera instrução além do primeiro ano da escola secundária. Como era possível? «Ele tem conhecimentos e capacidades da universidade da vida», explicou o primo de Mandela, «e Joanesburgo é um bom local para aprender.»

O homem era Walter Sisulu, agente imobiliário, activista, comunista, que haveria de se tornar a maior influência política e o mentor de Mandela.

Sisulu estava em Joanesburgo desde 1928, aonde chegara com 16 anos — fazendo de conta que tinha 18 — para trabalhar na Rose Deep Mine, onde viveu num dormitório com os homens da sua raça e ficou mortificado, passado pouco tempo, ao descobrir que o sexo entre homens era vulgar no

meio dos trabalhadores. Foi percebendo que era uma consequência inevitável do padrão de migração laboral a que os jovens eram forçados pela pobreza e pela falta de expectativas na África do Sul rural. Privados de uma vida familiar normal, procuravam consolo uns nos outros.

Joanesburgo florescera inicialmente, em finais do século XIX, como um acampamento de mineiros, para responder à corrida que se seguiu à descoberta de ouro na Witwatersrand em 1886. O nome desta cadeia baixa de colinas que atravessa o centro da África do Sul é muitas vezes abreviado para Rand ou Reef. O acampamento evoluiu para uma cidade, com as ruas estreitas da baixa constituindo um tributo à maneira como a área foi finalmente dividida, com o objectivo de conter o maior número possível de pequenos talhões de escavação.

Os mineiros chegavam a esta zona de todas as partes do mundo, mas foram os Britânicos e os Bóeres que lutaram pelo controlo da região, que se tornaria mais tarde o estado do Transval e, finalmente, uma província da União Sul-Africana, formada em 1910.

A formação da União assinalou o princípio do sistema que seria mais tarde formalizado como *apartheid*. Legislação antiescravatura tinha, na verdade, concedido direito de voto aos africanos de algumas áreas do Sul de África em meados do século XIX, mas esse direito acabou por lhes ser retirado e foram introduzidas restrições à sua circulação, porque os colonizadores reivindicavam o melhor da região para si próprios. Surgiram as primeiras leis de passe para Africanos negros, complementadas por restrições também para os indianos, que tinham chegado em grande número como trabalhadores contratados. As leis de passe exigiam que os negros Sul-africanos possuíssem um livro de identidade, que restringia os seus direitos e os seus movimentos.

A Lei das Terras Nativas de 1913 tornou os Africanos estrangeiros na sua própria terra. Por vezes, nas zonas rurais, isso acontecia da noite para o dia, perdendo eles todos os direitos em lugares onde tinham vivido e que tinham cultivado desde tempos imemoriais. A lei criou segregação territorial entre as raças, empurrando os negros para reservas que montavam a menos de 10% da área total do país e negando-lhes o direito de possuírem terra noutro sítio. Seguiu-se uma sucessão de leis — o *Native Affairs Act* de 1920, o *Natives (Urban Areas) Act* de 1923, o *Native Administration Act* de 1927 — cada uma reforçando a opressão dos Africanos e reafirmando a autoridade da minoria branca. As restrições, as leis repressivas, continuaram a ser aprovadas.

A migração das áreas rurais para Joanesburgo — Egoli, a Cidade do Ouro, como veio a ser chamada — acelerou na primeira metade do século XX, e poucos homens resistiram a uma temporada nas minas e ao ren-

dimento regular que estas prometiam. Rapazes novos, como Sisulu, eram galvanizados pelas perspectivas. A sua biógrafa e nora, Elinor Sisulu, descreveu como os migrantes que regressavam «falavam à boca cheia do brilho e das luzes vivas das cidades distantes, exibindo orgulhosamente as roupas, os relógios, os rádios e outros artigos comprados na cidade, para respeito e admiração dos que assistiam, entre os quais se encontrava Walter».

Tal como Mandela, Sisulu nasceu no Cabo Oriental, para onde a sua mãe fora trabalhar como criada, talvez em Umtata, que é onde a pesquisa coloca o seu pai, Albert Victor Dickinson, que trabalhava para o magistrado-chefe, possivelmente como magistrado assistente.

Alice voltou a casa para dar à luz o filho, Walter, em 1912, mas terá voltado para Dickinson pois, quatro anos mais tarde, teve uma filha dele. Aparentemente, não fizeram vida de casal — o casamento inter-racial era socialmente inaceitável e viria mesmo a tornar-se ilegal —, mas Dickinson também não parece ter abandonado inteiramente as suas responsabilidades, dando algum dinheiro para o sustento das crianças.

O facto de ser filho de um casal misto não teve qualquer efeito em inibir o sentido de injustiça de Sisulu relativamente às dificuldades impostas aos Africanos negros e, desde muito jovem, foi politicamente consciente e activo, envolvido em movimentações industriais contra as condições miseráveis de trabalho. Há sugestões, contudo, de que a sua mestiçagem racial influenciou o seu papel como mentor de Mandela, em vez de estar ele próprio na linha da frente, pois achava que muita gente não aceitaria um homem de origens mistas na presidência do ANC.

Ser agente imobiliário para os negros de Joanesburgo no início dos anos 1940 era muito diferente do conceito de agência imobiliária no Ocidente meio século mais tarde. Segundo Elinor Sisulu, o seu sogro funcionava mais como assistente social, arranjando maneira de os Africanos e os Indianos possuírem e construírem as suas próprias casas na *township* de Alexandra. Tendo sido já estabelecida como «bairro nativo» em 1912, Alexandra foi excluída das restrições da Lei das Terras de 1913, que proibiu os Africanos de comprarem ou possuírem propriedades nas áreas brancas.

Um homem de negócios alemão providenciava os empréstimos e uma firma jurídica, a Witkin, Sidelsky & Eidelman, registava os títulos que os asseguravam.

Sisulu procurou entre os seus clientes e deve ter percebido que a firma jurídica não tinha problemas em dar emprego a comunistas. Já havia dois administrativos: Gaur Radebe, um africano, e Nat Bregman, um judeu branco marxista, também comediante de *stand up* que, por vezes, actuava na rádio.

Quando Mandela disse a Sisulu que fora forçado a sair de Fort Hare

a meio da licenciatura, na sequência de um protesto, o homem mais velho deve ter-lhe prestado ainda mais atenção. «Sabia que ele era alguém que iria longe e devia ser incentivado. Era o tipo de jovem que nos fazia falta para desenvolver a nossa organização.» Sem dúvida, Sisulu referia-se ao Congresso Nacional Africano e não ao Partido Comunista.

Mandela disse-lhe que queria estudar Direito e Sisulu queria ajudá-lo, por isso foram à Witkin's, onde um dos sócios, Lazar Sidelsky, concordou em contratá-lo como empregado de escritório enquanto ele estudava para o seu estágio e continuava o curso de Direito por correspondência.

Mandela inscreveu-se num curso na UNISA, a Universidade da África do Sul, e começou a trabalhar na Witkin's.

Em Mqhekezweni, talvez o chefe estivesse mesmo de coração partido, como disse Nozolile Mtirara. Seguramente, não abandonou os seus esforços para obrigar Mandela e Justice a voltarem. Alguns dias depois de ter conhecido Mandela, Sisulu foi contactado pelo presidente do ANC, o Dr. Xuma, que o avisou das consequências de estar a ajudar dois foragidos. De qualquer maneira, já era demasiado tarde, mas Sisulu decidiu ignorar o aviso.

Finalmente fora do alcance do chefe, Mandela estava livre para se estabelecer, e instalou-se em Alexandra, no número 46 da 7th Avenue, uma área excessivamente desenvolvida, cheia de quartos desordenadamente acrescentados a pequenas moradias centrais, sem electricidade nem água. Essas comodidades ainda estavam a 40 anos de distância, e estas casas só foram dotadas de esgotos e de electricidade em meados dos anos 1980. Foi a falta de electricidade que provocou a alcunha de Alexandra: a Cidade Escura. Para Mandela, a escuridão fazia um contraste desconfortável com as noites no Cabo Oriental, já que as sombras de Alexandra escondiam toda a espécie de actividades desagradáveis nas suas ruas estreitas, por asfaltar, e repletas de gente: os antros de bebida ilícitos, ou *shebeens*, onde se vendia cerveja fabricada em casa, as rusgas policiais, os *gangsters*, as discussões, as lutas, os tiros.

«Estimulante e precária», foi como caracterizou, nas suas memórias, a vida em Alexandra.

Descreveu a cidade vivamente numa carta a alguém que ali conhecera, em 1970.

Alexandra! Que lugar notável. Para alguns, é uma *township* com uma reputação dúbia: famosa sobretudo pelos seus conhecidos gangues, bairros-de-lata, braseiros e fumo. Para outros, é um refúgio perfeito, onde uma pessoa pode construir uma casa de sonho no seu próprio talhão de terra e ser senhor no seu castelo.

Para mim, é a minha outra casa. Alex introduziu-me em muitas das complexidades da vida na cidade. Cuidou de mim e endureceu-me para a carreira à qual seria depois atraído. O meu rendimento total era, nessa altura, de duas libras por mês, de onde tinha de pagar uma soma de 13/4 de renda. Por algum tempo, vivi literalmente de pão seco e água fria.

O diligente sentido de aplicação de Mandela, a sua capacidade para se abstrair do que o rodeava e prosseguir os seus estudos, deve ter-lhe servido bem nos anos que passou em Robben Island. Tinha também, com certeza, uma forte motivação, pois manteve-se agarrado à cadeira para concluir o seu curso em circunstâncias difíceis, ao mesmo tempo que estagiava na Witkin's.

Alugara o seu quarto em Alexandra à família Xhoma, John e Harriet, que tinham oito filhos. De acordo com a filha Gladys, em 2008, aceitaram Mandela como se fosse um dos seus, gostando ainda mais dele que do próprio filho.

Gladys tinha apenas seis ou sete anos quando Mandela chegou, mas lembra-se que, sempre que iam ao seu quarto levar comida ou roupa lavada, ele estava a ler e a escrever, à luz de velas. O pai disse-lhes que ele estava a estudar para ser um «liar», um mentiroso, uma brincadeira com a palavra inglesa para advogado, *lawyer*.

Mandela vestia-se sempre formalmente para o trabalho e apanhava todos os dias o autocarro para a cidade. De volta a casa, ficava por vezes responsável por algumas das crianças, lia-lhes histórias e fazia-as rir. Dava-lhes uma palmada quando se portavam mal, mas eles não se aborreciam porque sabiam que, se apanhavam, era porque mereciam.

Por trás da casa dos Xhoma havia uma pequena igreja anglicana, que Mandela frequentava e onde cantava no coro. O ministro era o reverendo Mabutho que, de acordo com Gladys, fora quem levara Mandela lá a casa pela primeira vez. De facto, o ministro, que também era thembu, conhecia a família de Mandela e ficou bastante contente por o alojar na sua própria casa quando ele chegou. Mas Mandela não lhe contara as verdadeiras razões, nem a maneira como saíra do Transkei. Quando o ministro descobriu a história, sentiu-se enganado e mandou Mandela embora, mas não sem antes lhe arranjar um quarto em casa dos Xhoma. Mandela, que manteve contacto com o ministro e com a sua mulher, recorda-se da reprovação da Sr.^a Mabutho quando ele começou a namorar uma rapariga swazi. Embora o relacionamento não tivesse durado muito, a mulher do ministro continuou a deixar-lhe clara a sua opinião de que devia namorar apenas mulheres xhosa.

A memória mais viva de Gladys era o interesse de Mandela pela sua irmã Didi, que lhe lavava a roupa mas recusou o seu convite para sair, dizendo que ele era como um irmão para ela.

Para o seu escritor-fantasma, Mandela recordou Didi como uma rapariga muito bonita, que trabalhava como criada. Via-a quando ela voltava a casa, aos fins-de-semana, e tinha vontade de fazer amor com ela, mas ela já tinha um namorado. Mandela sentia-se sempre inibido pela sua aparência, pois possuía apenas um fato velho e uma camisa que usava todos os santos dias. «Não parecia nada asseado.»

Temendo ser rejeitado, Mandela não propôs uma relação a Didi, pois via que ela se sentia superior e não queria dar-lhe o grande motivo de orgulho de o rejeitar. Em vez disso, tentou incentivá-la a voltar para a escola, que ela abandonara, dizia, porque se aborrecia. Ele tentava convencê-la a pensar mais além da sua beleza e da multidão de admiradores, e a completar a sua instrução, para poder encontrar independência numa profissão.

Mandela recordou, com mágoa, como Didi e a mãe foram ao seu escritório de advocacia alguns anos mais tarde, em busca de auxílio. Didi, em adiantado estado de gravidez, fora abandonada pelo namorado e queria processá-lo pela quebra do contrato de casamento. Mandela não conseguiu deixar de pensar que, se ela tivesse seguido os seus conselhos, teria evitado aquela experiência humilhante.

Porém, naquela altura, sentia demasiada vergonha da sua própria aparência modesta e via as roupas bem cortadas do namorado de Didi, ao estilo americano, com colete e chapéu. Enfiava os polegares nos bolsos do colete e ficava de pé no pátio, parecendo realmente superior, cumprimentando Mandela como se ele não fosse ninguém.

Muitos jovens, notava Mandela, costumavam ir à cidade roubar e voltavam para vender o produto na *township*, conseguindo assim ter roupas elegantes, ao estilo americano. Mandela nunca esqueceria outro jovem garboso, de chapéu, que se sentou a seu lado num autocarro e, com evidente desdém, lhe pediu que se chegasse para lá, de forma a que não houvesse nenhum contacto entre ambos e o seu casaco não tocasse em Mandela. «Nessa altura, foi doloroso, está a ver, foi doloroso.»

Até o seu único fato fora recebido em segunda mão do seu patrão, Sidelsky, e Mandela tinha de o mandar remendar. Um dia, ao passear na cidade, viu uma mulher, Phyllis Maseko, que fora sua colega em Healdtown e Fort Hare. Sentiu tanta vergonha da sua aparência que atravessou a estrada para a evitar mas, evidentemente, não era assim tão invisível. Ela viu-o e chamou-o: «Nelson! Nelson!» O incidente teve um final feliz, pois ela convidou-o a visitá-la em casa, em Orlando, e dava-lhe boa comida.

Outro amigo de Healdtown dava-lhe mercearias nos seus tempos de pobreza em Alexandra, quando ele dependia dos pratos de carne de porco e legumes que os seus senhorios serviam aos domingos. Por vezes, fazia a

pé os quase dez quilómetros de casa até à Witkin's para poupar o bilhete do autocarro. Mesmo assim, não tinha dinheiro para comprar comida.

Alguns jovens de Alexandra não se davam ao trabalho de ir roubar à cidade e faziam-no mesmo ao pé da porta. Formaram gangues, sendo os *Msomi* os mais conhecidos. Um amigo avisou Mandela que estivesse atento, pois o gangue de *Thuta Ranch* estava a operar na sua área. *Thuta* significa pegar e levar, e este gangue era famoso por limpar as casas enquanto os donos dormiam. Uma noite, Mandela acordou e ouviu vozes no pátio ao lado do seu quarto. Estavam a discutir: «Não, vamos entrar», e «Não, *meu*, este tipo não tem dinheiro, não tem nada, é estudante.» Alguns queriam invadir a casa, mas o dissidente foi duro: «Deixem o estudante em paz, deixem-no em paz.» Alguém deu um pontapé tão forte na porta que o ferrolho saltou e eles podiam ter entrado facilmente, se quisessem, mas foram-se embora.

Mandela encostou a cama à porta e, a partir daí, dormia assim, muito grato por ter escapado por pouco, embora isso lhe recordasse que não valia nada, nem sequer para um bando de ladrões.

Na verdade, a filha de Walter Sisulu, Beryl Simelane, disse-me que Mandela tinha ido viver com o pai dela, em Orlando, porque os bandidos andavam atrás dele em Alexandra, mas, na narrativa de Mandela, ele terá partido só depois de um ano e passou algum tempo a viver gratuitamente em complexos mineiros.

O chefe, Jongintaba, visitou-o num desses complexos, pouco tempo antes da sua morte prematura em meados de 1942. Mandela ficou surpreendido ao descobrir que ele já não o reprovava nem exigia que regressasse, parecendo, em vez disso, aceitar a sua nova vida. Sentindo-se reabilitado, Mandela pôde, finalmente, deixar de considerar a terra natal com a indiferença que afectara para desculpar a sua fuga e aliviar o sentimento de perda do mundo em que fora criado.

Esse sentimento de recuperação do passado, contudo, não lhe evitou a experiência de «punhaladas de culpa» quando o chefe morreu. Teve medo que o seu próprio comportamento, desconsiderando a autoridade do chefe e fugindo para a cidade, lhe tivesse apressado o fim. Jongintaba andaria apenas pelos 53 anos quando morreu, e sem dúvida que o seu estilo de vida tivera o seu contributo.

É tentador considerar que Walter Sisulu sabia o que estava a fazer quando introduziu Mandela na Witkin's. Tendo pressentido o potencial do seu novo amigo, talvez tivesse tido consciência de que, colocá-lo junto de colegas de trabalho que eram comunistas activos, poderia acelerar a sua introdução na política radical.

Mandela foi, seguramente, influenciado por Gaur Radebe e Nat Breg-

man, ainda que continuasse ligado às maneiras corteses que aprendera como um thembu da realeza e como «inglês negro» na escola.

Quando entrou para a firma jurídica, uma dactilógrafa disse-lhe que ali não existiam barreiras de cores; tomavam chá todos juntos. Comunicou que tinha comprado chávenas novas para ele e também para Radebe. Na verdade, a mulher comprara as chávenas para que o pessoal branco não tivesse de partilhar as suas com os africanos. Mandela percebeu que era esta a barreira de cores cuja existência a mulher negara.

Quando contou a Radebe, viu como a sua expressão se alterou. Radebe disse a Mandela que seguisse as suas instruções quando chegasse a hora do chá, às 11. Ele observou Radebe a ignorar as duas chávenas novas e a pegar numa das outras, juntando açúcar e leite numa grande encenação, deitando o chá e mexendo-o antes de beber. Mandela não queria decepcionar Radebe, mas também não queria aborrecer a dactilógrafa, por isso limitou-se a não beber chá, dizendo que não tinha sede, e costumava tomar café sozinho na cozinha.

Tal como Sisulu, Radebe tinha pouca instrução formal, mas parecia a Mandela mais sábio que muitos licenciados de Fort Hare. Curiosamente, embora o seu patrão, Sidelsky, fizesse negócios com o primeiro e desse emprego ao segundo, avisou Mandela para não se envolver com nenhum deles, pois eram conflituosos e agitadores

Radebe falava para Sidelsky como se ele fosse pessoalmente responsável pelo sofrimento dos Africanos, dizendo-lhe que um dia as mesas seriam viradas e «vamos atirar-vos a todos ao mar».

Radebe estava activamente envolvido na política de Alexandra e foi através dele que Mandela participou no seu primeiro protesto, uma marcha com 10 000 manifestantes em apoio a um boicote aos autocarros, contra o aumento do preço dos bilhetes. Radebe era também activo no ANC, assim como no Partido Comunista, tal como Sisulu, e embora Mandela tivesse bastante curiosidade por todas as frentes, era o ANC que o atraía mais.

Assistiu a algumas reuniões do Partido Comunista com Radebe e também com Bregman, a quem viria a considerar o primeiro amigo branco. Recordar-se que uma vez Bregman tirou uma sandes do almoço que levava para o trabalho e a oferecera a Mandela para que a partisse ao meio e a pudessem partilhar.

Quando lhe falaram disso, em 2008, Bregman nem sequer se lembrava desse momento; para ele, não tivera qualquer significado. Ele não era racista e limitara-se a aceitar Mandela por aquilo que era: um ser humano como ele, ainda que, na altura, aos olhos de Bregman, um pouco provinciano, um campónio que levava muito a sério aquilo que estava a fazer e que parecia determinado a aproveitar a oportunidade de fazer alguma coisa de si mesmo.

Bregman, que mais tarde se tornou advogado e fundou a sua própria firma jurídica, nunca se envolveu intensamente na política, estando mais interessado no espectáculo. Embora permanecesse «peixe miúdo», nas suas próprias palavras, costumava ir às reuniões e levava Mandela com ele.

Mandela foi assolado, tanto por um crescente reconhecimento da injustiça que os Africanos sofriam, como pela curiosidade intelectual. Compreendeu que os comunistas travavam uma luta baseada na classe, mas para ele a raça era a questão mais importante e a luta de classes parecia quase irrelevante enquanto existisse opressão racial.

As reuniões a que ia com Bregman foram a sua primeira aproximação ao mundo multirracial em que em breve imergiria. Nunca antes vira tantos brancos, indianos e africanos juntos numa sala, em termos de igualdade, e ficou tão intimidado pela companhia como pelo nível elevado das conversas. Hoje em dia é difícil acreditar, mas nessa altura ele era demasiado tímido para falar nas reuniões.

Bregman lembra-se de apresentar Mandela a Michael Harmel, um influente teórico do partido que se tornaria mais tarde um bom amigo. Bregman disse a Mandela que Harmel dava aulas na Wits, a Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo — e tinha um Mestrado de Rhodes em Inglês. Mandela não acreditava nos seus olhos. A aparência desgredada de Harmel era lendária e Mandela não percebia por que razão não usava gravata. Não fora esse comportamento que lhe tinham ensinado em Fort Hare.

Embora Mandela não falasse nas reuniões do ANC nem nas reuniões de activistas que frequentava com Gaur Radebe e Walter Sisulu, estas despertaram nele um novo sentido de finalidade, uma espécie de chamamento, que reconheceu e abraçou. Já não havia hipótese de acabar no Departamento de Assuntos Nativos como intérprete, ou de servir de conselheiro a um chefe thembu.

Quando finalmente completou o curso de Letras, no princípio de 1943, pediu dinheiro emprestado a Sisulu para comprar um fato novo e voltou a Fort Hare para a cerimónia de graduação. Passou algum tempo com o sobrinho, K.D. Matanzima, ou Daliwonga, o nome de clã pelo qual Mandela o tratava. Matanzima prosseguia um destino diferente, no qual se via a permanecer no Cabo Oriental como chefe tradicional. Aceitou as ambições de Mandela na carreira jurídica mas incentivou-o a voltar ao trabalho em Umtata, onde fazia falta.

Mandela sabia que podia ser útil ali, mas já não era isso que queria. O massacre da opressão diária em Joanesburgo abriu-lhe os olhos. Procurava um futuro na política e identificara o ANC como o seu lar político natural, embora se fosse apercebendo de que a liderança do Congresso parecia

gasta, ufana e desligada da nova geração de activistas, tanto os que eram instruídos como os que não eram.

Embora já contasse três décadas, com uma história de desafios e protestos, o ANC lutara para se tornar a voz do seu povo, mas faltava-lhe organizar uma resistência determinada contra a opressão racista.

Nenhum jornal branco referira a conferência de 1912 em Bloemfontein, na qual vários líderes e delegados africanos tinham concordado em formar uma nova organização tutelar que exerceria pressão política sobre o governo da União e actuaria como fórum para as suas ideias e queixas. Chamava-se Congresso Nacional Nativo Sul-Africano e só viria a tornar-se Congresso Nacional Africano 11 anos mais tarde.

Em 1914 o Congresso estivera na linha dianteira dos protestos contra a nova Lei das Terras e quando a sua petição ao primeiro-ministro, o general Botha, foi ignorada, decidiram enviar uma delegação ao rei e ao parlamento de Londres. Também isto não teve resultado, o que não impediu o Congresso de suspender os protestos e declarar o seu apoio ao Império quando rebentou a Primeira Guerra Mundial.

As queixas contra a Lei das Terras continuaram a ser ventiladas durante a guerra, em reuniões e tribunais, pois muitas organizações africanas continuavam a parecer acreditar que podiam mudar a direcção da política do governo através dos meios de debate convencionais. Apareciam para prestar depoimentos em comités seleccionados e procuravam representação em organismos governamentais estabelecidos para tratar dos «assuntos nativos».

O Congresso Nativo do Natal convocou uma convenção nacional de todas as raças e representantes para determinar o futuro do país. Essa chamada seria repetida por Mandela na sequência da conferência *All-in African*, 45 anos mais tarde, em 1961.

Os Africanos podiam, com razão, esperar alguma recompensa pela sua lealdade no fim da Primeira Guerra Mundial, mas, evidentemente, não receberam nenhuma. Na verdade, ficaram ainda com menos direitos, tanto política como economicamente, o que provocou os primeiros sinais de inquietação, com uma série de greves e manifestações que foram rápida e severamente sufocadas pelas autoridades.

A ineficácia do Congresso começou a provocar alguns sinais de frustração. Algumas mulheres africanas, no Estado Livre de Orange, organizaram um protesto antipasse. A primeira campanha africana de resistência passiva começou em 1919 no Reef, um ano depois do fim da guerra. Fora, sem dúvida, influenciada pelos protestos de Gandhi uma década antes, quando os Indianos se tinham sentido traídos da mesma forma, depois de terem apoiado o governo britânico durante a guerra dos Bóeres. Em troca,

os Indianos tinham enfrentado restrições e um registo obrigatório. A campanha de desobediência civil de Gandhi, que começou em Joanesburgo, era conhecida como *satyagraha* — devoção à verdade — e durou sete anos, ao longo dos quais milhares de indianos foram presos, chicoteados e, ocasionalmente, abatidos a tiro, por se recusarem a cumprir as leis do registo obrigatório.

A desobediência civil alimentaria o ANC durante muitos anos no futuro, mas em 1919 era ainda um conceito novo para os Africanos. Embora demonstrassem a mesma disciplina e ordem que os seguidores de Gandhi, enfrentaram uma reacção ainda mais violenta quando os vigilantes brancos se juntaram à polícia para dispersar as suas manifestações.

Nada mudou, a desilusão instalou-se e floresceram novas organizações de protesto, embora o Congresso continuasse a deter o maior potencial para o apoio de massas. Houve uma nova petição ao rei, em Londres, solicitando a sua intervenção na África do Sul. Uma das figuras seniores do Congresso, Solomon Plaatje, fora membro da primeira delegação a Londres e permanecera ali para escrever *Native Life in South Africa*, considerado um relato vivo das dificuldades criadas pela Lei das Terras de 1913.

Houve outra publicação posterior importante, *The Black Problem: Papers and Addresses on Various Native Problems*, escrita pelo primeiro professor africano, D.D.T. Jabavu, que ensinava em Fort Hare. Não era tanto uma chamada à acção quanto um resumo de preocupações, defendendo a formação de «líderes africanos com boa instrução» para representar o povo. A maior parte dos líderes do Congresso eram de classe média, já com uma instrução razoável, e eram por vezes vistos como uma elite remota, desligados das suas raízes.

Os protestos dos Africanos negros foram silenciados nos anos 1920, quando os mineiros brancos realizaram acções grevistas, por vezes violentas, em apoio aos privilégios que queriam ter sobre os trabalhadores africanos. Claro que os trabalhadores brancos ganharam a sua causa às custas dos africanos que, mais uma vez, foram relegados para oportunidades e empregos inferiores.

O Partido Nacional, que encontrou uma base de apoio entre os africanos brancos pobres, tornou-se cada vez mais poderoso e agressivo na repressão aos africanos. O *Riotous Assemblies Amendment Act*, de 1930, consagrou novos poderes para suprimir os protestos. As atenções eram constantemente dirigidas à resolução do «problema nativo».

Ainda havia eleitores africanos na província do Cabo, alguns dos quais esperavam constituir uma rampa de lançamento para um direito de voto mais vasto para os Africanos, mas em meados dos anos 1930 tornara-se claro que isso nunca aconteceria e que os últimos africanos com direito de

voto em breve desapareceriam. Em vez disso, o governo criou um Conselho de Representação dos Nativos como um fórum puramente de aconselhamento, com alguns africanos eleitos e outros escolhidos pelo governo, mas todos sob liderança branca. O organismo só foi abolido em 1951 e, durante muito tempo, foi apoiado pelo ANC como forma de influenciar a política pública.

O ANC aceitara periodicamente a cooperação com outras organizações e, ainda que por um curto período, com os comunistas brancos, mas foi um grupo predominantemente negro o que reuniu em Bloemfontein a 16 de Dezembro de 1935. Era o aniversário celebrado pelos Africânderes como o Dia do Pacto, devido a uma importante vitória no século XIX sobre os Zulus. Fora declarado feriado nacional quando da formação da União, em 1910.

Na altura, e ao longo dos anos que se seguiram, o dia seria celebrado de maneira provocatória pelo ANC, e não só. Em 1935 tornou-se o centro da formação de um novo organismo, a *All African Convention*, que era uma voz fresca de unidade para o aumento das queixas contra a repressão do governo. Podia parecer um forte desafio mas, claro, foi impedido pela falta de poder, e uma delegação enviada ao governo foi educadamente mandada embora.

Quanto tempo mais poderiam os negros Sul-africanos continuar a dar a outra face?

Ao longo da maior parte do tempo entre os meados e os finais da década de 1930, o ANC parecia adormecido, mas as esperanças renovaram-se com a nomeação do Dr. Xuma para presidente, em 1940. O documento que este produziu em 1943, *Africans' Claims in South Africa*, era uma afirmação confiante de direitos pela velha geração de líderes do ANC. Fora inspirado pela Carta Atlântica do tempo da guerra, criada pelo presidente Churchill como uma visão de um mundo pós-guerra no qual toda a gente estaria livre de necessidades e de medo e teria direito à autodeterminação.

Em 1943, contudo, a conferência nacional do ANC do ano anterior apelara também à formação de uma liga de juventude. Os jovens activistas ficavam incomodados com a timidez dos mais velhos, com a forma como tentavam negociar com o governo ao mesmo tempo que procuravam cair nas boas graças de outras raças e organizações e, geralmente, traindo-se a si mesmos por parecerem aceitar o *status quo*.

Havia também um sentimento crescente de nacionalismo ou, talvez, de chauvinismo, entre alguns dos jovens leões do ANC, como Anton Lembede. Eram influenciados pela filosofia política de Marcus Garvey, nascido na Jamaica, que promovia a campanha «back to Africa» para aqueles que haviam sido levados como escravos, e apoiava a ideia de África para os Africanos.

Xuma estava na ala esquerda do Congresso, mas até ele era visto como conservador pela geração mais jovem e era, como muitos outros, particularmente desconfiado dos comunistas sul-africanos como potenciais agentes de influência externa. Dizia-se que as suas cartas para os colegas estavam cheias de referências hostis aos comunistas.

Na conferência do ANC de 1943, o tema da formação de uma liga de juventude ainda era alvo de um debate feroz, um ano depois de ter sido levantado pela primeira vez. Xuma foi avisado de que isso provocaria o seu derrube, mas os jovens leões haviam sido astutos ao tentar influenciá-lo antes da conferência, inculcando-lhe a ideia de que ele podia ser um dos seus fundadores. O seu discurso presidencial incluiu, obedientemente, um apelo à juventude e uma resolução a favor da fundação da liga.

O Dr. Xuma tinha uma casa elegante e um consultório no centro de Sophiatown — que ainda hoje existe, uma das duas únicas propriedades que sobreviveram à destruição da *township* pelo regime do *apartheid* nos anos 1950 — e Mandela encontrava-se entre os jovens que o visitaram uma tarde, em fins de Fevereiro de 1944, para o convencerem a aceitar o esboço de constituição e o manifesto da Liga da Juventude.

Mandela ficou impressionado com a grandiosidade da casa de Xuma. Ele dera nova vida ao ANC, regularizara os sócios e as quotas e trouxera dinheiro aos cofres. Contudo, representava a velha forma de fazer as coisas: delegações, declarações, comités — política de cavalheiros, à boa maneira britânica. Sendo um homem que há tão pouco tempo recebera educação para se tornar um «inglês negro», Mandela compreendeu como tudo aquilo funcionava. Porém, agora havia vozes novas à sua volta, oferecendo uma abordagem mais militante, colocando a sua própria educação numa perspectiva diferente.

Faziam-se reuniões informais no escritório de Sisulu, no ANC e noutros lugares, enquanto se formava um núcleo, e o conceito de uma liga da juventude começava a tomar forma. Nas suas memórias, Mandela recordou a casa de Walter Sisulu, o número 7372 de Orlando West, como um lugar onde os jovens radicais se reuniam e conversavam, sustentados pela comida caseira da mãe de Walter, Ma Sisulu, que parecia capaz de apresentar uma panela com comida suficiente para dez ou doze jovens esfomeados. Mas o primeiro prato, o que tinha o acompanhamento mais generoso e o pedaço de carne mais tenro e suculento, era para o filho. Podia cuidar de todos, mas não privaria o filho de nada.

Oliver Tambo também se encontrava entre os jovens que foram a casa de Xuma, tendo também caído sob a influência de Sisulu. Também ele se empregara como aprendiz numa firma jurídica na baixa, apenas a um quarteirão de distância da Witkin's, onde Mandela trabalhava. Anton

Lembede, talvez o mais radical e dotado do grupo, já era advogado. Joe Matthews, o filho de Z.K. Matthews, recordou Lembede ao começar um discurso com o comentário provocador: «Como disse Karl Marx, um par de botas é melhor do que todas as peças de Shakespeare.» Isto causou agitação entre a audiência.

Lembede era próximo de Ashby Peter Mda, normalmente conhecido como AP, que começou a trabalhar como professor e se tornou mais tarde advogado, seguindo a mesma trajetória que Tambo. AP era também um eloquente expoente do nacionalismo, embora não muito inclinado para o comunismo. Os jovens leões não eram clones e lutavam por encontrar uma linha comum, tanto no que dizia respeito à política multirracial — ou não-racial, como lhe chamavam — como ao comunismo. O próprio Sisulu apoiou, de início, uma abordagem nacionalista mais chauvinista — ou seja, exclusiva e fechada à cooperação com os não-africanos — mas, ao longo do tempo, a sua perspectiva foi-se tornando mais branda.

O mesmo é verdade para Mandela, que, talvez influenciado por Lembede, assumiu igualmente, de início, uma perspectiva mais africanista, hostil a outros grupos, como os indianos e os comunistas, especialmente quando eram ambas as coisas, ainda que ele próprio estivesse a desenvolver amizades com indianos comunistas.

Nessa altura, tal como mais tarde, era difícil encontrar o caminho correcto para avançar. Seriam estas questões a provocar as divisões mais dolorosas entre o movimento de libertação.

Outra figura-chave era Jordan Ngubane, jornalista do popular jornal africano *Bantu World*, que fora o expoente precoce de um movimento de juventude. «À medida que o círculo no qual me movia em Joanesburgo alargava», escreveu, «percebi que o fermento que tinha dentro de mim estava dentro de toda a gente.»

Um professor, Congress Mbata, e um estudante de Medicina, William Nkomo, também estavam muito envolvidos e fizeram parte da delegação a casa de Xuma. Também aqui, mesmo entre os jovens leões, havia uma elite educada, sendo a presença e influência de Sisulu a única a apontar para uma mistura mais igualitária.

Segundo todos os relatos, Xuma reagiu furiosamente contra o manifesto da Liga da Juventude, que Mandela ajudara a conceber, com as suas críticas abertas ao ANC devido ao seu fracasso em fazer avançar a causa nacional, a fraqueza da sua organização e constituição e a sua «política errática de cedência à opressão, vendo-se a si próprio como o corpo de um cavalheiro com mãos limpas».

A proposta de constituição da Liga da Juventude revelou um jogo

de mãos que emudeceu o fervor nacionalista. Podiam ser seus membros «todos os Africanos, homens e mulheres, entre os 12 e os 40 anos», mas estaria também aberta a «outras secções da comunidade que vivem como e com os Africanos e àqueles cuja perspectiva de vida seja similar à dos Africanos».

Anton Lembede esclareceu mais tarde, num artigo, que via a unidade não-europeia (ou seja, a solidariedade entre Africanos, Indianos e mestiços) como um sonho fantástico sem base na realidade, além da ocasional cooperação conveniente com os Africanos como uma unidade. Fez algumas declarações contundentes: «África é um país do homem negro», «Os Africanos são um», «O líder dos Africanos sairá das suas próprias entranhas.»

Sisulu recordou a forma como Xuma falou sarcasticamente à delegação do seu «altamente instruído manifesto» e os atacou por terem usurpado a autoridade do executivo nacional do ANC. Apesar da sua oposição ao manifesto, Xuma não conseguiu tornar pública a sua reprovação à Liga da Juventude. Afinal, era uma causa que ele próprio defendera na última conferência. Fora ultrapassado pelos jovens e não podia deixar de lhes dar a sua bênção, depois de estes lhe garantirem que o ANC permaneceria o organismo dominante.

No Domingo de Páscoa, 9 de Abril de 1944, os jovens reuniram-se para fundar a Liga da Juventude do Congresso Nacional Africano (ANCYL). A eles juntou-se uma mulher, Albertina Thethiwe, noiva de Sisulu.

A reunião realizou-se no Centro Social dos Homens Bantus (BMSC), na Eloff Street Extension, no centro de Joanesburgo. O BMSC era um dos mais importantes lugares de reunião da cidade e a vida de Mandela, tal como a de muitos africanos, está estreitamente ligada ao edifício.

Fora construído num anterior campo de minas — a actividade mineira instalara-se mesmo no centro da cidade — e fora financiado com fundos angariados através de doações públicas organizadas pelo *The Star*, o jornal de Joanesburgo, para apoiar as famílias de negros assassinados durante os motins dos mineiros brancos no Witwatersrand no princípio de 1922. Foram entregues 1280 libras e sobraram outras mil, usadas para criar o centro como um «núcleo para a interacção social entre nativos empregados na Witwatersrand». Alguns poderão descrevê-lo como uma concessão aos «nativos», para os manter satisfeitos, mas tornou-se, sem dúvida, um lugar importante, onde se realizaram reuniões, danças e torneios de boxe, oferecendo muitas oportunidades de participar em tudo, desde a análise dos jornais na sala de leitura, «ao mesmo tempo que desfruta de uma chávena de chá e música de rádio», até bilhar, damas, treino físico e boxe.

O BMSC era um «farol que iluminava o caminho dos trabalhadores migrantes que chegavam à cidade», e «com um *slogan* de Corpo, Mente, Espírito e Carácter continuou a lutar e a impressionar os colegas que o aceitaram com um sentimento de unicidade».

Mandela tem memórias muito pessoais ligadas ao BMSC e escreveu à sua mulher, Winnie, quando estava em Robben Island em 1970:

A propósito, outro dia sonhei contigo, bamboleando todo o corpo numa graciosa dança havaiana no BMSC. Eu estava numa ponta do famoso salão, de braços estendidos, pronto para te abraçar, enquanto tu rodopiavas na minha direcção com o sorriso encantador de que sinto desesperadamente a falta.

Não sei explicar por que razão esta cena se passava no BMSC. Tanto quanto me lembro, só estivemos lá num baile uma vez — na noite do casamento de Lindi. A outra ocasião foi no concerto que organizámos em 1957, quando eu tentava seduzir-te, ou tu a mim. Nunca tenho a certeza se posso lembrar-te que, neste aspecto, foste tu que tomaste a iniciativa.

Seja como for, o sonho foi, para mim, um momento glorioso. Se tenho de sonhar durante o meu sono, por favor, dança-me danças havaianas. Gosto de te ver feliz e cheia de vida.

Por volta de 1944, o BMSC albergava também a Escola Jan Hofmeyr de Serviço Social, aonde a mulher dos sonhos de Mandela, na altura uma rapariga bonita e ingénua, Winnie Madikizela, chegaria uma década mais tarde, para iniciar os seus estudos.

Mandela julga que haveria umas cem pessoas no BMSC para a formação da Liga da Juventude, enquanto a biógrafa de Sisulu calcula que fossem umas duzentas. Para Mandela, eram um grupo de elite, muitos deles licenciados por Fort Hare, e não exactamente um movimento de massas, mas sob a liderança do presidente fundador, Anton Lembede, tornaram-se uma poderosa força de mudança. O dia de Páscoa foi certamente o início de uma nova era na política sul-africana, mesmo que Mandela não fosse ainda uma figura destacada na Liga, nem no movimento de libertação. Era um recém-chegado, que fizera o suficiente para conquistar um lugar no executivo da Liga da Juventude.

Voltou ao Centro Social dos Homens Bantus três meses depois, a 17 de Julho de 1944, como padrinho de casamento de Walter e Albertina Sisulu, na festa que aqui se realizou depois de uma cerimónia civil e uma cerimónia tradicional no Transkei.

Os discursos foram muitos e, sem dúvida, longos, proferidos por Mandela, pelo Dr. Xuma, por Lembede e outros. Houve baile, ao som da banda jazz Merry Blackbirds.

Entre as damas de honor da noiva encontrava-se Evelyn Mase, prestes a tornar-se, ela própria, noiva. Também Mandela estava prestes a casar-se, com uma mulher que parece ter desaparecido da história da sua vida, uma mulher que há muito tem o direito a uma reabilitação.

CINCO

Em Março de 2009, o Soweto Heritage Trust inaugurou um museu na antiga casa de Mandela, na esquina da rua Ngakane com a Vilakazi. O número 8115 de Orlando West é agora conhecido oficialmente como Casa de Mandela. Houve um tempo em que os brancos não podiam entrar no Soweto; mais tarde, tinham medo de lá ir. Actualmente, chegam em grupos organizados, em autocarros de turismo.

Para valorizar as peças em exposição, os curadores do museu decidiram criar algum material audiovisual e filmaram uma entrevista com Winnie e as filhas, Zindziswa e Zenani (conhecidas familiarmente como Zindzi e Zeni), durante a qual Winnie insistiu que fora a primeira e única Sr.^a Mandela a viver naquela casa, depois do seu casamento, em Junho de 1958. A sua filha Zindzi revelou, pouco tempo depois, que sempre pensara o mesmo e acabara de descobrir que não era verdade. A mãe sempre lhes contara essa história, a ela e à irmã, mas agora, em nome do rigor, estavam contentes por ver os factos corrigidos.

Este incidente não só foi indicativo de uma tendência para reescrever a História mas também, para alguns, do mal-estar que se instalou nos últimos anos entre os descendentes do primeiro casamento de Mandela, com Evelyn, e a família de Winnie Madikizela-Mandela. A Fundação Nelson Mandela, que representa os interesses de Mandela, além de lhe organizar os negócios e as actividades caritativas, está numa posição entre dois fogos, que nem sempre é confortável.

Entre a primeira família, existe a sensação de que foram destituídos, apagados da vida de Mandela. Entre a família de Winnie, persiste a sensação de que a primeira família quis, por vezes, explorar o nome de Mandela para os seus próprios fins, fossem estes financeiros ou políticos.

As tensões entre ambas as famílias explodiram por vezes em hostilidades abertas, principalmente por altura da morte do seu filho Makgatho, em

Janeiro de 2005, seguida de uma declaração pública de que a causa de morte fora o VIH. Ocorreu também durante as celebrações do 90º aniversário de Mandela, em 2008, e, um ano depois, por causa dos polémicos aparecimentos públicos de Mandela em apoio a Jacob Zuma e ao ANC durante a campanha eleitoral de 2009.

As tensões têm a sua origem na história recuada da família e são, talvez, uma consequência inevitável da devoção de Mandela à causa da libertação. Mandela exprimiu muitas vezes os seus sentimentos de culpa pelo sofrimento que infligira à família devido ao seu envolvimento na luta do ANC contra o *apartheid*. Certamente, nem todo o rancor sentido por cada um dos lados da família é dirigido ao outro. Muito dele, especialmente no que diz respeito à primeira família, dirige-se ao próprio Mandela.

Como disse uma das suas netas: «Sinto que homens como ele, que sacrificam a família pelo bem de toda a gente, não deviam ter família, pois esta paga um preço elevado, como nós pagámos.»

Trata-se de questões pessoais sensíveis, que não envolvem apenas Mandela, mas também outros — que falam de tragédias ocultas e de vidas arruinadas —, e apenas posso escrever acerca disto porque as pessoas foram abertas comigo, por quererem que a verdade, finalmente, viesse a lume. Fui incentivado desde o princípio, por quantos rodeavam Mandela, a escrever acerca dele como ser humano. Não escreva sobre o ícone, foi o que me pediram. Ele sabe que não é um santo, tem defeitos e fraquezas, como toda a gente.

Depois de ter vivido em Alexandra e, em seguida, nos complexos mineiros, Mandela viveu alguns meses em casa de Walter Sisulu, no número 7372 de Orlando West, que deve ter sido um dos primeiros lotes de propriedades concluído nesta *township* recém-criada, no centro do que viria a ser mais tarde conhecido como o Soweto.

As famílias africanas, especialmente as das áreas rurais como o Cabo Oriental, aceitaram as suas responsabilidades para com a família extensa e os amigos da terra natal e raramente recusavam a alguém uma refeição ou um lugar para dormir. As pessoas chegavam à cidade e olhavam para as suas perspectivas e oportunidades de futuro, mas, na maioria dos casos, também olhavam para trás, e nunca esqueceram as suas origens nem tentaram apagar o seu passado.

Enquanto ainda frequentava a escola primária, na sua terra natal, Sisulu partilhara a sala de aulas com Sam Mase, um familiar afastado. Sam foi tomado do fervor religioso que atacou os rapazes novos de Qutubeni, a cidade onde viviam. A sua fé permaneceu incólume durante toda a vida, e assim se mantinha quando foi para Joanesburgo e passou algum tempo

em casa dos Sisulu. Aí, politizou-se e, apesar da sua fé, talvez tenha chegado a ser comunista. Sam foi mesmo, desde muito cedo, uma influência para Walter, apresentando-lhe a literatura de esquerda.

A irmã mais nova de Sam, Evelyn, também deixou o Cabo Oriental e veio viver com a família Sisulu em 1949, quando estes ainda moravam em Orlando East. Começou a estudar Enfermagem, como a mãe dela queria, e tornou-se amiga da futura mulher de Walter, Albertina. Walter deixou a casa a Sam quando mudou para outra maior, no 7372 de Orlando West.

Evelyn fora criada por Sam após a morte da mãe, quando ela tinha 12 anos. Sam era o sobrevivente mais velho de seis filhos, dos quais três tinham morrido na infância, depois da morte prematura do pai, um mineiro. A mãe deles era a sua segunda mulher.

Como Evelyn contaria mais tarde, o irmão adoeceu e não podia continuar a pagar-lhe as propinas. Foi então que ela começou a prática de enfermagem no hospital não-europeu de Hillbrow, onde lhe pagavam uma libra por mês e lhe permitiam meio dia de folga de duas em duas semanas, que ela aproveitava para ir ao cinema, obviamente segregado, e ver filmes de Fu Manchu.

Quando os Sisulu se mudaram, Evelyn continuou a viver com o irmão, mas frequentava a casa nova dos amigos. Foi aí que conheceu Mandela. Não está registado o momento exacto em que se encontraram, mas diz-se que casaram depois de um «namoro turbulento».

Evelyn contou à biógrafa Fatima Meer: «Acho que o amei da primeira vez que o vi. Os Sisulu tinham muitos amigos. Eram pessoas tão geniais e generosas, e Walter tinha muitos amigos que iam lá a casa, mas havia algo de muito especial no Nelson. Dias depois do nosso primeiro encontro, tínhamos um namoro firme e, poucos meses depois, ele pediu-me em casamento. Nelson falou com o meu irmão, que ficou muito contente, os Sisulu ficaram muito contentes. Toda a gente que conhecíamos dizia que fazíamos um óptimo casal.»

Estavam radiantes, diz ela, no dia do casamento no Native Commissioner's Court em Joanesburgo, a 5 de Outubro de 1944, tinha Mandela 26 anos e Evelyn 23. Não tinham dinheiro para um banquete de casamento, e não houve elementos tradicionais nas suas celebrações — Mandela nunca chegou a pagar o *lobola*.

Quando Mandela foi libertado da prisão, em 1990, Evelyn regressara ao Cabo Oriental e explorava uma loja na aldeia de Cofimvaba, em cuja porta pendurara uma nota a pedir aos jornalistas que a deixassem em paz. Um repórter, Fred Bridgland, acabou por penetrar nas suas defesas e encontrou-a enfadada por a libertação do ex-marido estar a ser tratada como a segunda vinda de Cristo.

«É muito idiota quando as pessoas dizem esse tipo de coisas acerca do Nelson. Como é que um homem que cometeu adultério e deixou a mulher e os filhos pode ser Cristo? Toda a gente venera demasiado o Nelson. Ele é apenas um homem.»

Como ficou claro durante a escrita deste livro, o rancor de Evelyn fora ardendo em fogo lento ao longo de muitos anos. Ela sentia-se maltratada e abandonada mas, apesar de todos aqueles anos em que sentiu a negligência, não lhe foi difícil evocar os sentimentos que tivera 36 anos antes, ao conhecer o homem elegante e encantador que a fazia rir, que a namoriscava e dizia que havia de visitá-la no hospital. Cumprira a sua promessa e em pouco tempo namoravam.

«Eu achava-o lindo.»

Claro que tinham pouco dinheiro e Mandela devia estar sob uma pressão crescente, tentando estudar e trabalhar, enquanto sustentava a mulher. Os filhos também não tardariam a chegar.

Evelyn disse que, desde o início, tiveram «muitos, muitos problemas, e o mais importante era o da casa. Literalmente, não havia uma casa nem um quarto para alugar a uma distância razoável do meu trabalho e do trabalho do Nelson.»

Ficaram num quarto em casa de uma irmã de Evelyn, Kate, cujo marido era empregado da City Deep Mines. Kate estava em casa a cuidar dos dois filhos. Os recém-casados não tinham de pagar renda, simplesmente partilhavam aquilo que tinham, que não era muito, com Mandela a trabalhar só a meio-tempo e Evelyn a trazer para casa apenas 18 libras do seu trabalho como enfermeira.

Contudo, eram felizes juntos, diz ela, e ficaram ambos entusiasmados quando ela engravidou. Mandela arranjou maneira de ela ser internada na Bertram's Nursing House e a sua alegria foi visível quando, a 23 de Fevereiro de 1946, nasceu o seu primeiro filho, Thembekile. Mandela foi visitá-la, carregado de camisas de dormir e de roupas de bebé e, quando levaram Thembi para casa, lá estava um lindo berço que ele comprara.

A chegada de Thembi deve ter dado à família direito ao seu próprio espaço, pois alojaram-se então numa casa de duas divisões em Orlando East, onde viveram durante alguns meses antes de se mudarem para o 8115 de Orlando West, com uma renda mensal de 17 xelins e 6 dinheiros, no início de 1947.

Não é claro quando é que Mandela mudou para o número 8115, mas foi certamente, pelo menos, uma década antes de Winnie ter ido para aí viver com ele em Junho de 1958. Devia existir documentação do contrato de arrendamento e recibos de renda, mas estava tudo guardado no West Rand Administration Board, que ardeu em meados da década de 70.

Mandela afirmou ter-se mudado para aí quando era um jovem homem casado e com um filho, em 1946, mas a primeira mulher, Evelyn, disse a Fatima Meer que tinham mudado para lá no início de 1947, que parece a data mais provável.

Uma possível pista é um arquivo sobrevivente de correspondência relacionada com um pedido de empréstimo que Mandela fez nessa época ao Bantu Welfare Trust. Escreveu-lhes a 30 de Dezembro de 1946, usando um apartado postal como morada para a resposta. Voltou a escrever-lhes a 28 de Maio de 1947, desta vez usando a morada 8115, Orlando West. Ter-se-á, portanto, mudado para aí entre uma data e outra.

O número 8115 era a casa dos sonhos de Mandela, que se lhe referiu muitas vezes em cartas escritas na prisão, como naquela carta evocativa que escreveu às filhas Zindzi e Zenani em 1969, para as apoiar depois de a mãe delas, Winnie, ter sido presa:

Poderão passar muitos meses ou anos antes de voltarem a vê-la. Durante muito tempo, poderão viver como órfãs, sem casa, nem pais, sem o amor, afeição e protecção natural que a mãe vos dava. Não terão festas de Natal nem de aniversário, nenhum presente, nenhum vestido, sapatos ou brinquedos novos. Acabaram-se os dias em que, depois de um banho quente ao fim da tarde, se sentavam a uma mesa com a mãe e saboreavam a sua comida boa e simples. Acabaram-se as camas confortáveis, os cobertores quentes e os lençóis lavados que ela vos arranjava.

Ela não estará ali quando os amigos vos forem buscar para o cinema, concertos ou peças de teatro, nem para vos contar belas histórias ao anoitecer, ajudar-vos a ler os livros difíceis ou responder às muitas perguntas que gostariam de lhe fazer. Será incapaz de vos dar o apoio e orientação de que precisarão à medida que crescerem e que surgirem novos problemas.

Talvez nunca mais o pai e a mãe se juntem a vós na Casa do n.º 8115 de Orlando West, o único lugar em todo o mundo que é tão querido aos nossos corações.

Nas suas memórias, Mandela sugere a escala modesta dos seus sonhos: o número 8115 podia não ser muito, mas era dele. Ou melhor, nem sequer era dele, era alugado:

A casa, só por si, era idêntica a centenas de outras, construídas em blocos do tamanho de selos de correio, em estradas poeirentas. Tinha o telhado de lata habitual, o chão de cimento habitual, uma cozinha apertada e uma casa de banho com balde sanitário nas traseiras. Embora houvesse candeeiros de iluminação pública lá fora, usávamos velas de parafina, pois as casas ainda

não tinham electricidade. O quarto era tão pequeno que uma cama de casal ocupava quase todo o espaço.

Era o oposto de grandiosa, mas era a primeira casa a sério que era mesmo minha e eu estava extremamente orgulhoso. Um homem não é um homem enquanto não tem a sua própria casa.

O nome Soweto (um acrónimo baseado na primeira sílaba das palavras *South-Western Townships*) só em 1963 foi oficialmente adoptado como nome colectivo para os bairros estabelecidos em terras inconveniente-mente posicionadas em antigas fazendas, a alguma distância dos limites sudoeste de Joanesburgo, e convenientemente — para os brancos, que não tinham de olhar para elas — escondidas pelos monturos das minas da cidade.

A cidade não queria os negros a viverem nas áreas urbanas interiores, como Sophiatown, e esperava removê-los à força para o exterior. As povoações originais tinham brotado para acomodar os africanos que tinham invadido a cidade durante a corrida ao ouro, tanto para trabalhar nas minas como noutras tarefas: empregados domésticos, «flat boys», «houseboys», etc.

Amontoados de barracas e de tendas haviam sido, gradualmente, transformados em bairros-de-lata sempre em crescimento, continuamente engrossados por recém-chegados. Na viragem do século, todas as raças viviam juntas, mas, com o início da segregação, os negros começaram a ser enviados para Klipsruit, a primeira das localidades do sudoeste, ao lado, se não mesmo em cima, de uma estação de saneamento.

Orlando — baptizada com o nome do presidente do Comité de Assuntos Nativos, o Conselheiro Edwin Orlando Leake — começou por ser imaginada no princípio dos anos 1930 como a «maior e melhor *township* da União Sul-Africana». As primeiras casas eram construções básicas, com um balde a fazer de retrete, e em breve ficariam conhecidas como as «casas caixa de fósforos», mas isso não impediu a câmara municipal de comercializar Orlando com fotografias legendadas «Residentes Felizes da *Township*».

Durante a Segunda Guerra Mundial houve uma nova leva de chegadas a Joanesburgo, de pessoas vindas das áreas rurais, e Orlando East esforçou-se por alojar esse excesso populacional. Houve conflitos entre os recém-chegados, muitos deles sem lugar para dormir, e os residentes mais antigos. Realizou-se uma campanha por novas terras e alojamentos, conduzida pelo chamado «Messias a cavalo» do Soweto, James Mpanza. A 20 de Março de 1944, este conduziu uma famosa marcha, no seu cavalo, atravessando o rio de Orlando East para Orlando West,

onde montou um acampamento ilegal com barracas feitas de um material semelhante à serapilheira, chamado *masakeng*, que deu o nome ao campo, Shantytown Masakeng. Mpanza supervisionava o acampamento e recebia as rendas.

A câmara municipal respondeu com as suas próprias barracas de rendas mais baratas, mas parte do problema, para começar, fora o lento progresso da urbanização proposta para Orlando West. Em 1942 só tinham sido aí construídas 750 casas e faziam falta mais alguns milhares.

O número 8115 fazia parte de um programa de construção acelerada de 2350 novas casas, que teve início em 1944. As primeiras 50 foram entregues ao longo do ano seguinte a inquilinos seleccionados de Orlando East, Shantytown e outros lugares. O trabalho continuou à sombra de ameaças de pessoas impacientes por ocupar as propriedades. A certa altura, algumas casas meio construídas foram invadidas por várias famílias e os trabalhos de construção foram interrompidos.

O contrato era bastante específico quanto ao facto de as novas casas deverem ser «de carácter sub-económico», com um prazo de validade de cerca de 40 anos. Eram propriedades com três ou quatro divisões, com um único andar rectangular, e incluíam possibilidade de:

Cozinhar (só fogões a lenha ou a carvão); armazenamento de comida; exigências sanitárias (o sistema de água canalizada não estará disponível durante muito tempo). Os concorrentes devem incluir nos seus planos um futuro WC para cada casa; exigências para abluções (os equipamentos deverão ser do carácter mais adequado a instalação e manutenção de baixo custo).

Stoeps ou alpendres podem ser incluídos por opção do concorrente [ao concurso de empreitada] mas o factor económico, a este respeito como a outros, deve ser constantemente tido em mente. Não são permitidos quaisquer trabalhos de electricidade, seja nos planos, seja na estimativa dos custos.

A câmara municipal tentou que as propriedades fossem ocupadas assim que estivessem prontas, o que sugere que a casa de três quartos, na esquina, com o número 8115, devia estar acabada e pronta em finais de 1946.

Nos anos seguintes, à medida que as várias localidades se estabeleciam, os residentes baptizavam-nas com nomes que parodiavam áreas brancas finas. Uma delas era Beverly Hills, enquanto a esquina de Mandela em Orlando West ficou conhecida como Westcliff, como a área de Joanesburgo que dava para o Zoo Lake. O arcebispo Desmond Tutu mudou-se para o fundo da rua.

...

Os Mandela tiveram um segundo filho, uma menina, em 1947. Chamaram-lhe Makaziwe, um nome xhosa que, traduzido, significa Ela Deve Ser Conhecida. Nasceu doente e nunca recuperou, morrendo aos 9 meses, em 1948. Nas suas memórias, Mandela não identifica a sua doença, mas Evelyn disse que fora meningite. O seu túmulo, no talhão de família em Qunu, tem a seguinte inscrição: «Do aromático jardim das suas criações terrenas, Deus, da sua morada celestial, colheu o rebento mais doce.»

Depois da morte súbita de Thembi num desastre de carro, em 1969, com 23 anos, Mandela deve ter-se lembrado da primeira Makaziwe e escreveu que devia estar mais preparado, pois Thembi não era o primeiro filho que perdia.

Nos anos 40 perdi uma menina de 9 meses. Estivera hospitalizada e estava a fazer bons progressos quando, de repente, a sua situação sofreu uma reviravolta grave e ela morreu. Consegui vê-la durante os momentos mais difíceis, quando lutava desesperadamente para manter dentro do seu corpo as últimas centelhas de vida que se extinguíam. Nunca soube se tinha tido sorte por testemunhar essa cena dolorosa. Assombrou-me durante muitos dias e ainda hoje me provoca memórias dolorosas, mas devia ter-me endurecido para catástrofes semelhantes.

Podemos questionar-nos, também, quanto ao efeito, quer sobre Evelyn, quer sobre a relação de ambos, de uma perda tão difícil, durante um período em que as suas vidas já estavam rodeadas de dificuldades. Mandela disse que a mulher ficou fora de si.

Ele esboçara algumas informações sobre o estado da sua vida económica naquele pedido de empréstimo ao Bantu Welfare Trust em Dezembro de 1946, no qual, com exagerada formalidade, afirmara quão grato ficaria se tivessem a gentileza de considerar o seu pedido de empréstimo de 250 libras.

Estava prestes a deixar a Witkin's, afirmava, onde trabalhara como aprendiz por 8 libras e 10 xelins mensais, para se tornar estudante a tempo inteiro na Wits, onde faria o ano final da licenciatura em Direito, para se qualificar como advogado. Precisava do dinheiro para pagar as propinas da universidade e para comprar os manuais necessários.

Devo mencionar, senhor, que tenho enfrentado e continuo a enfrentar dificuldades financeiras consideráveis. Nos últimos dois anos, os meus estudos nesta universidade foram realizados sob condições esgotantes e muito difíceis. A minha única fonte de rendimento é o salário que recebo desta

firma. Foi desse salário que, nos últimos dois anos, consegui pagar as minhas propinas da universidade e sustentar-me a mim e à minha família, o que, tendo em vista o elevado custo de vida nesta cidade, me foi quase impossível cumprir.

Não tenho pai e a minha mãe, cuja posição financeira é, de facto, muito humilde, tem feito o seu melhor para me ajudar com a minha educação, mas esgotou os seus recursos e não pode fazer mais nada por mim.

Não ficou desencorajado, explicou, e estava determinado a continuar os seus estudos até completar o curso.

Obteve o empréstimo mas recebeu uma recusa quando pediu um reforço de 150 libras, cinco meses mais tarde, em Maio de 1947. Repetiu o pedido em Setembro («Correndo o risco de parecer insensato...»), mas desta vez pedindo apenas 102 libras, que, curiosamente, lhe foram concedidas.

Mandela inscreveu-se na Wits em 1943 para começar o seu curso de licenciatura em Direito, o LLB — na esperança de se tornar «advocate»¹. Era um curso em part-time e ele era, na altura, o único africano negro na faculdade de Direito. Nunca houvera um «barrister»¹ negro em Joanesburgo.

O início dos seus estudos na Wits marcou o início das suas associações e amizades políticas com outras raças. Foi na universidade que conheceu Joe Slovo, Ruth First, Bram Fischer, George Bizos, J. N. Singh e Ismail Meer, entre muitos outros. Como Mandela, quase todas estas pessoas tinham sido criadas dentro de estreitos limites raciais, mas o seu interesse pelas políticas anti-racistas de esquerda juntou-os.

Quando Mandela o conheceu, Meer mantinha uma relação inter-racial com Ruth First, uma sofisticada e arguta jovem branca que já era uma comunista activa e iniciava uma carreira no jornalismo radical. Quem os conhecia, dizia que constituíam um casal que dava nas vistas, mas a família de Meer não aprovava a relação e esta não foi avante. De qualquer forma, se tivessem casado, teriam sido acusados de crime, ao abrigo da Proibição de Casamentos Mistos, uma lei de 1949, e da Lei da Imoralidade de 1950.

Por despeito, como alguns acreditam, em relação a Meer, Ruth First juntou-se com Joe Slovo e casaram-se em 1949. Ela e Meer continuaram a movimentar-se nos mesmos círculos e, por vezes, parecia que ainda sentiam alguma coisa um pelo outro. Amina Cachalia lembra-se de os ver dançar juntos numa festa de aniversário mais tarde, durante o Julgamento por Traição de 1956-61, e de como era evidente que ainda tinham uma ligação.

¹ Termos específicos para advogados que podem pleitear nos tribunais superiores.

Ruth tremia quando se aproximou de Amina. Que devia ela fazer em relação aos seus sentimentos reavivados por Ismail? Amina aconselhou-a a ir lá fora, respirar fundo algumas vezes, voltar e falar com o marido.

Ruth e Joe nem sempre foram fiéis um ao outro, sendo o seu volátil casamento — descrito como aberto — pontuado por muitos *flirts* e casos, por vezes com os maridos e as mulheres de camaradas. Os Slovo também eram famosos pelas suas festas multirraciais.

Entretanto, Ismail Meer vivia num apartamento alugado no número 13 da Kholvad House, contornando a esquina da Kort Street, onde se encontravam os melhores restaurantes indianos de Joanesburgo, como o Kapitan's e o Azad's. O apartamento, que se tornou um local popular de reuniões políticas e sociais, foi mais tarde ocupado por outro jovem activista indiano, Ahmed Kathrada. Mandela era uma visita habitual e dormia lá caso se fizesse tarde e tivesse passado a hora do recolher obrigatório para Africanos. A futura mulher de Meer, Fatima, lembra-se do princípio da sua amizade.

Nessa altura ainda só namorávamos. O meu marido tinha muito orgulho em mim e queria apresentar-me ao Nelson, por isso levou-o a casa dos meus pais, em Pinetown. Eu era uma adolescente, de cerca de 17 anos, que andava no liceu, pelo que nenhum daqueles dois jovens me levava muito a sério, ambos me tratavam como uma adolescente, o que me ofendia. Sentia-me tratada com condescendência. Não me tratavam como uma adulta, como uma igual. Provocavam-me. O Nelson gostava de provocar as pessoas. Tem um sentido de humor maravilhoso.

Os comunistas e radicais indianos do Congresso Indiano da África do Sul eram muito mais motivados, na altura, do que o ANC. Recordavam as campanhas *satyagraha* de Gandhi e mobilizaram um vasto apoio em 1946 para os primeiros protestos pós-guerra de resistência passiva contra o *Asiatic Land Tenure Act*, a que os indianos chamavam a Lei Ghetto, pois procurava confiná-los a áreas específicas.

Ironicamente, a amizade crescente de Mandela com comunistas e radicais indianos e brancos coincidiu com o crescimento do nacionalismo na sua Liga da Juventude. Ele era pessoalmente caloroso, mas politicamente desconfiado de que os brancos e os indianos se sentiam intelectualmente superiores e que assumiriam o comando se o ANC tentasse trabalhar com eles. A luta era a luta dos Africanos negros, antes de mais nada.

Quando Ruth First escreveu a convidar a Liga da Juventude para se filiar no Conselho da Juventude Progressista (essencialmente constituído por jovens comunistas), a ANCYL devolveu-lhes uma negativa desdenho-

sa: «Receamos que exista um imenso abismo entre a vossa perspectiva política ou filosófica e a nossa. Nós devotamos as nossas energias à preparação da maior luta nacional de todos os tempos, a luta pela libertação nacional.» A cooperação, só podia «resultar em caos, acções ineficazes e invejas, rivalidades e suspeitas mútuas».

O mais feroz e mais eloquente nacionalista era o líder da ANCYL, Anton Lembede, muito lamentado pelos colegas quando morreu depois de uma breve doença em 1947, a sua perda criando uma «profunda ferida na alma de cada um, para sempre», como escreveu um membro da Liga. Mandela e Sisulu tinham dado com Lembede a retorcer-se com dores no seu escritório. Chamaram um médico e foi imediatamente levado para o hospital, mas morreu dois dias depois, de «paragem cardíaca».

A liderança da ANCYL passou para as mãos de A.P. Mda, e o seu radicalismo abrandou. Mda, de acordo com Mandela, era capaz de separar os seus ressentimentos relativamente ao racismo e à dominação branca, das pessoas brancas em si mesmas, e não era tão ferozmente anticomunista. Pouco depois da sua nomeação, Mandela tornou-se secretário da Liga.

Dado que a Liga da Juventude procurava exercer uma maior influência, tanto Mandela como Sisulu foram eleitos para posições dominantes no ANC, o que implicou devotarem cada vez mais tempo à política e passarem ainda menos tempo em casa.

Mandela reflectiu mais tarde que quase nunca saía com a mulher. Podia contar as ocasiões em que o fizera pelos dedos de uma mão.

Contudo, quando estava em casa, mudava fraldas e ajudava a cuidar das crianças. Trouxera a irmã mais nova, Leabie, do Cabo Oriental para casa deles e ela frequentava a escola em Orlando. Evelyn nunca tinha visto a mãe de Mandela, Nosekeni, quando ela também foi viver com eles nos finais dos anos 1940. Mandela também já não a via há alguns anos. Ela não estava bem de saúde quando chegou, mas Evelyn percebeu a sua rápida recuperação debaixo do tecto deles. Evelyn disse a Fatima Meer que achava que a doença dela eram saudades do filho.

É notável o pouco que Mandela viu a mãe desde que saiu de Qunu e foi viver com o regente, Jongintaba, em Mqhekezweni, tantos anos antes. Estaria demasiado ocupado ou seria demasiado pobre para a visitar? Estava demasiado embrenhado na vida da cidade ou sentir-se-ia, de alguma forma, embaraçado com aquela mulher analfabeta, fumadora de cachimbo e de horizontes estreitos — algo que o poderia fazer recordar os seus próprios princípios humildes?

Conta-se que ela abriu uma vez a porta a um dos seus camaradas indianos e disse ao filho que um homem branco tinha vindo procurá-lo. Quando a corrigiram, dizendo que era, na verdade, um indiano, ela per-

guntou: «De que nacionalidade é um indiano?» Não havia Indianos nos *rondavels* do Cabo Oriental.

Durante a sua estadia, a mãe de Mandela foi útil em casa, permitindo a Evelyn alguma liberdade para participar activamente na política. Mais tarde, Evelyn seria muitas vezes descrita como apolítica e desinteressada, apenas com tempo para a sua fé. Em meados dos anos 1950 tornou-se Testemunha de Jeová, provavelmente influenciada pela forte fé do seu irmão, Sam, mas a verdade é que Evelyn estava longe de ser apolítica.

Ruth Mompati — uma das pessoas que mais tarde desempenhou um papel no fim do casamento de Mandela — recordou Evelyn na Liga das Mulheres do ANC e via-a com Albertina nas reuniões da secção de Orlando West.

Como a própria Evelyn disse ao repórter Fred Bridgland, costumava vestir-se com as cores do ANC — saia preta, blusa amarela e lenço verde e branco — para ir às reuniões da Liga Feminina por toda a Witwatersrand, em *townships* como Springs, Evaton e Atteridgeville. «Era tímida, mas falava.»

Evelyn disse a Fatima Meer que foi «metida» no sindicato das enfermeiras por uma colega, a futura mulher de outra figura proeminente do ANC, Adelaide Tsukudu, mais tarde Tambo.

«Adelaide era vivaz e muito persuasiva», disse Evelyn. Ela e Gladys Khala tinham sentimentos fortes acerca dos direitos das enfermeiras e, particularmente, acerca dos salários discriminatórios das enfermeiras negras. Eu partilhava esses sentimentos e dediquei-me à causa. Tínhamos reuniões no Hospital Geral e em Darragh Hall. O Nelson ficou contente com o meu envolvimento e deu-me muito apoio.»

Evelyn gostava que a casa estivesse cheia de visitas da terra, como K.D. Matanzima, que aparecia sempre com um séquito. Queria que todas as visitas se sentissem em casa.

Tinha a sensação de que eram uma família numerosa e feliz. Mandela era extremamente organizado e «muito regular nos seus hábitos», sempre de pé ao alvorecer para fazer *jogging*, antes de um pequeno-almoço leve. Gostava de fazer as compras para casa e até, segundo Evelyn, de dar banho aos bebés, e por vezes «tirava a tarefa de cozinhar das mãos das mulheres».

Talvez Evelyn estivesse a pôr algum brilho nas suas vidas em comum, para enfatizar a grande ferida que lhe seria infligida mais tarde, ou talvez esses primeiros anos, depois de os problemas de alojamento iniciais terem sido resolvidos, tivessem mesmo sido simples e alegres como ela deixa entender. Procurar-se-á em vão nas memórias de Mandela qualquer sugestão de que a mulher era politicamente motivada ou via a política como algo mais que uma «distracção juvenil». Ele apresenta o princípio do fim do seu

casamento como uma luta entre a religião dela e a causa dele, mas essa não é a história toda.

Durante esse período, eles deviam, no mínimo, viver sob pressão financeira contínua. O Bantu Welfare Trust recordava-o periodicamente da necessidade de pagar os empréstimos e ele, geralmente, ignorava as cartas. Quando finalmente o ameaçaram de que iriam buscar o dinheiro aos fiadores (incluindo Sisulu), respondeu rapidamente, com uma apologética promessa de recomeçar a pagar — promessa que não cumpriu.

A sua situação financeira não terá ganho nada com o facto de não ter conseguido acabar a licenciatura na Wits. Em certa medida, deve ter sido um círculo vicioso, uma armadilha na qual a sua vida familiar empobrecida e com excesso de gente, a juntar à distração das suas florescentes actividades políticas, conspiraram para interferir nos seus estudos. Quanto mais estes sofriam, mais o seu estatuto financeiro era afectado, pois ele não podia avançar. Aparentemente, ainda esperava vir a ter uma carreira como *advocate*.

Quando escreveu ao deão da Faculdade de Direito em Wits, em Dezembro de 1949, pedindo uma última oportunidade para repetir o exame final em que reprovara, já frequentava a licenciatura em Direito há sete anos e fracassara três vezes no exame final.

A repetição do exame era conhecida tecnicamente como exame suplementar, e Mandela queria fazê-lo no mês seguinte, em Janeiro de 1950.

Disse ao deão que, ao longo de sete anos, tinha incorrido em despesas consideráveis, totalizando 472 libras e 17 xelins, compreendendo as viagens entre Orlando e a cidade com um passe mensal de segunda classe para o comboio, mais o custo dos manuais.

«No princípio de 1945, ficou claro que não poderia continuar os meus estudos a não ser que possuísse fundos suficientes e, com este fim em vista, vendi propriedades minhas e durante algum tempo pude continuar o curso.» Esta é a única referência a qualquer propriedade possuída por Mandela. Tanto quanto se sabe, nunca teve nenhuma.

A carta continuava:

Em breve esses fundos estavam esgotados e fui obrigado a pedir ao Bantu Welfare Trust de Joanesburgo o empréstimo, que me foi concedido, de 301 libras [na verdade, foram 352]... parte do qual usei para pagar as minhas propinas e o resto para a manutenção e sustento da minha família.

Este montante também se esgotou e durante os anos de 1948 e 1949 tive de recorrer às minhas últimas reservas, que tinham sido acumuladas com considerável dificuldade através de poupanças pessoais. Estas reservas estão agora esgotadas, deixando-me quase destituído e entre a espada e a parede.

Além disso, tenho uma série de contas prementes que não consigo pagar e, em vista do aumento gradual do custo de vida nesta cidade, ser-me-á impossível continuar os meus estudos por mais um ano e ajudar-me-ia muito se me fosse permitido apresentar-me ao exame suplementar em Janeiro próximo.

Devo também acrescentar que durante este período estudei em condições muito difíceis e duras. Fui estudante a meio tempo e residia (como ainda acontece) em Orlando Native Location, num bairro barulhento. Não havendo luz, fui obrigado a estudar à noite com uma lâmpada de parafina e por vezes à luz de velas. Gastei muito tempo a viajar entre Orlando e a cidade e voltava a casa depois das oito da noite, sentindo-me cansado e esfomeado e sem condições para me concentrar nos meus estudos. Mesmo durante os exames, tive de trabalhar para manter a única fonte de sustento que tinha. É minha cândida opinião que, se tivesse realizado o meu trabalho sob condições mais adequadas, poderia ter tido melhores resultados.

Não é difícil visualizar o contraste entre o mundo de Mandela e o da maioria dos estudantes, que vinham da classe média branca, com casas confortáveis nos subúrbios ajardinados, e criados negros para os servir.

A carta de Mandela foi considerada pelo deão e pelos seus seis colegas do conselho directivo da faculdade numa reunião especial no dia 14 de Dezembro de 1949, às 17h00, no gabinete do advogado Pollak. Analisaram três pedidos de apresentação ao exame suplementar e deferiram dois. O conselho lamentou não poder deferir o pedido de N.R.D. Mandela, pois ele reprovava em três exames no ano final.

George Bizos conhecera Mandela no ano anterior, quando também ele começara a estudar na Wits. Como Mandela, Bizos chegara à cidade em 1941, refugiado da Grécia ocupada pelos nazis. Preocupava-o a opressão dos negros e o tratamento desigual que recebiam no campus da Wits, por isso esteve numa reunião de protesto na qual Mandela falou em nome de um estudante activista que ia ser expulso.

Bizos tornar-se-ia um dos melhores advogados da África do Sul e um proeminente defensor dos oprimidos. Na sua opinião, o deão da Faculdade de Direito, o Professor Hahle, era profundamente racista e «bebera profundamente da chávena do *apartheid*».

Mandela revelou mais tarde a Bizos que o deão lhe dissera que ser *barrister* estava além das capacidades dos negros. Para ser *barrister*, dissera o deão a Mandela, é preciso ser parte integrante dos costumes e hábitos do povo — quer dizer, povo branco — por isso, na sua opinião, Mandela devia

desistir das suas ambições e tornar-se solicitador ou «attorney»², para o que não precisava de um LLB mas de um diploma em Direito, para o qual o deão lhe daria crédito mas que exigiria ainda dois anos de estudo.

Mandela nunca veio a ser *advocate*.

Ele não dá muita importância a estes acontecimentos nas suas memórias e, aparentemente, foi relutante à divulgação do assunto quando a sua carta veio à luz, durante uma pesquisa de um historiador de Wits na era pós-*apartheid*. Mas Evelyn, a sua primeira mulher, lembra-se, muitos anos depois, de como o acontecimento foi significativo.

«Nelson não falava de política quando namorávamos. Nessa altura, começou a falar muito da opressão do nosso povo negro. Ficou particularmente perturbado quando descobriu que as pessoas da Universidade de Witwatersrand estavam a impedi-lo de se tornar advogado [seguramente, ela pretendia dizer *advocate*] devido à cor da sua pele.» Evelyn, claramente, acreditava que este fora um ponto de viragem no comprometimento de Mandela com a causa, um motivo pessoal para lutar contra o *apartheid*.

O primeiro advogado negro de Joanesburgo só foi chamado à Barra em 1956. Chamava-se Duma Nokwe e costumava trabalhar nos escritórios de Bizos, pois a Lei das Áreas Urbanas Nativas tornava-lhe ilegal ter consultório próprio na cidade e mais ninguém o aceitava.

Quando se realizaram as eleições gerais de 1948, houve cismas na política branca, entre os Nacionalistas Africânderes, muitos dos quais simpatisavam e apoiavam os nazis, e o dominante Partido Unido, de Jan Smuts, que levava o país para a guerra ao lado da Inglaterra.

Embora fosse ele próprio um africânder há muito comprometido com políticas racistas, Smuts tinha reservas acerca da África do Sul do pós-guerra como um país segregado. Em contraste com a África do Sul de visões estreitas e isolada dos 40 anos seguintes, ele era um primeiro-ministro que olhava para o exterior e que desempenhou um papel fundamental na formação da Liga das Nações, precursora das Nações Unidas, a mesma organização que mais tarde imporia sanções à África do Sul.

A reacção de Smuts à segregação pode ter sido prática — ele encomendara um relatório que sugeria que esta era insustentável —, mas certamente consternou a maioria dos africânderes, que consideravam os Nacionalistas capazes de os proteger da perspectiva de uma África do Sul unida e com oportunidades iguais. Os «Nats» fizeram a campanha de 1948 numa plataforma declaradamente racista, introduzindo o conceito

² Neste caso, um advogado que apenas pode representar clientes em tribunais de pequena instância.

recentemente cunhado de *apartheid*, cuja origem é a palavra africânder para «separação».

Claro que a política não era tanto de separação quanto de subjugação. O *apartheid* atraiu o eleitorado branco. Em Maio de 1948, no início da era do *apartheid*, Daniel François Malan tornou-se primeiro-ministro e, da junção de dois partidos, nasceu o Partido Nacional. As leis que estabeleciam o *apartheid* proliferaram no parlamento como cogumelos ao longo da década seguinte. A primeira foi a lei de 1949 que ilegalizava os casamentos mistos, seguida, um ano mais tarde, pela Lei da Imoralidade que proibia o sexo inter-racial.

A Lei de Registo da População de 1950 categorizou toda a população do país por classificação racial e introduziu o sistema de passes para os grupos raciais diferentes. A Lei de Áreas de Grupo do mesmo ano determinava onde as diferentes raças podiam viver, assegurando, naturalmente, as melhores localizações urbanas para a comunidade branca minoritária.

Se o «*petty apartheid*», ou *apartheid* mesquinho, como era conhecido, era a segregação de instalações como restaurantes, casas de banho públicas, autocarros, comboios e outros serviços municipais, definidas pela Lei dos Benefícios Sociais Separados de 1953, o «*grand apartheid*» era a separação política concebida pela Lei das Autoridades Bantus de 1951, que ordenou a criação dos Bantustões, os territórios onde se esperava que todos os Sul-africanos negros residissem.

Com os Bantustões veio a retirada de cidadania aos Sul-africanos negros. Deixaram de ser residentes legais no seu próprio país, apenas cidadãos da sua terra, ou bantustão. A terra de Mandela, claro, era o Transkei, agora «República do Transkei», com a sua capital e sede administrativa em Umtata. Kaiser Matanzima tornar-se-ia em breve o primeiro presidente, com um longo mandato, do Estado marioneta. Columbus Madikizela, pai de Winnie, era seu ministro da Agricultura. Para muitos africanos, aceitar estes postos era vender-se ao inimigo.

Em 1960, mais de 20 leis importantes passaram no parlamento, sempre prosseguindo a supressão permanente dos negros, indianos e mestiços. Nenhum aspecto da vida — casa, educação, emprego, lazer — permaneceu incólume, ou livre.

«A África do Sul pertence-nos mais uma vez», dissera Malan no seu discurso de vitória de 1948. Os «Nats», como se chamava ao Partido Nacional, estavam determinados a que esta situação nunca mais se alterasse. Imaginavam que o *apartheid* duraria para sempre.

Para os africanistas nacionalistas da Liga da Juventude do ANC, não só nessa altura mas também mais tarde, existiam semelhanças terríveis entre as duas marcas de nacionalismo, o africano e o africânder. Claro que os

Africanos não desejavam exactamente oprimir e explorar os outros com base na sua raça, mas partilhavam com os brancos uma espécie de chauvinismo e o desejo de estar por cima.

A Liga da Juventude, ao princípio, ficou indiferente ao facto de o próprio ANC, sob o comando de Xuma, estar a forjar laços cada vez mais próximos com outros grupos. O chamado «pacto dos médicos» de 1947 levou o Dr. Xuma e os seus congéneres indianos, o Dr. Yusuf Dadoo e o Dr. G.M. Naicker, a concordarem em trabalhar juntos na campanha pelos votos e para pôr fim à discriminação.

Então, quando o Partido Nacionalista chegou ao poder, Mandela e a Liga da Juventude realizaram algumas discussões conjuntas com os activistas do Congresso Indiano. Embora não houvesse cooperação directa entre ambos durante mais algum tempo, os africanos estavam a aprender alguma coisa com os colegas indianos e foram radicalizados pela perspectiva do estado de *apartheid*.

Um ano mais tarde, a Liga da Juventude concebeu um Programa de Acção. O documento redefiniria o ANC, confirmando o compromisso da ANCYL com o nacionalismo africano, ao mesmo tempo que constituía um plano para a resistência e o protesto que, pela primeira vez, levaria os activistas do ANC a desobedecerem à Lei e a exporem-se a ser presos. Foi este o momento para o ANC deixar de ser um grupo de pressão e conduzir o caminho da acção de massas.

Mandela, Sisulu e Tambo foram a Sophiatown para apresentar o programa ao Dr. Xuma, para que este o aprovasse, determinados a que fosse aceite pelo ANC. Estavam todos preparados para chantagear o presidente, dizendo-lhe que só apoiariam a sua reeleição na conferência anual se ele aprovasse o programa.

«Dissemos-lhe que tinham acabado os dias em que a escolha de um líder dependia do seu estatuto como médico ou como advogado. Agora dependia de ele conseguir o apoio das massas populares», disse Mandela numa entrevista a Elinor Sisulu.

Quando disseram a Xuma como Gandhi e Nehru tinham construído organizações de protestos de massa indo para a prisão, e que queriam que ele fizesse o mesmo, Xuma obviamente percebeu que estava a ser abordado por novatos. «Que sabem vocês sobre Gandhi e Nehru? Vêm aqui dar-me lições?» Quando lhe apresentaram o seu ultimato — aprovar o programa ou ser deposto —, ficou ainda mais zangado, acusando-os de o chantagearem e de serem jovens, arrogantes e desrespeitosos.

Mandela percebeu que Xuma não ia desistir da sua existência confortável como médico para ir para a cadeia. Ele recusou-se a apoiar o programa e mandou-os embora, de volta para a noite em que já começara o

recolher obrigatório, sem meios de chegarem a casa. Tiveram de dormir em casa de um amigo de Sisulu que morava perto.

Isto foi o fim de Xuma. Na conferência de Bloemfontein, o seu discurso presidencial foi recebido com «aplausos superficiais». Uma moção de censura foi proposta e secundada por membros da Liga da Juventude. «Uma onda de choque atravessou o salão. Nunca antes um presidente fora criticado», disse Diliza Mji, membro da Liga da Juventude, a Fatima Meer. A ANCYL ganhara a moção mas faltava-lhe experiência para avançar com um candidato adequado à presidência, pelo que teve de arranjar uma espécie de regente e escolheu o Dr. James Moroka (que se revelou um líder medíocre), sendo Sisulu eleito como secretário nacional.

O Programa de Acção foi adoptado e foi convocada uma greve nacional para 26 de Junho de 1950, em protesto contra o *apartheid*.

A ANCYL não tardou a descobrir o calibre do seu novo presidente. Foi anfitrião de um encontro com o Congresso Indiano e com o Partido Comunista, apenas para concordarem num protesto nacional rival, que apelava a uma permanência em casa, dois meses antes da greve do ANC, a 1 de Maio de 1950.

Os membros da Liga da Juventude ficaram furiosos.

Fricções políticas entre Indianos e Africanos espelhavam a inquietação social que rebentara em Janeiro de 1949, quando tensões de longa data descambaram em violência depois de um incidente em Durban, em que um lojista indiano foi acusado de bater num jovem africano que apanhara a roubar.

Na hierarquia dos oprimidos, os Africanos sentiram-se sempre no fundo, e muitos ressentiam-se da classe comerciante indiana que, acreditavam eles, os explorava. Claro que a vasta maioria da comunidade indiana também pertencia à classe trabalhadora, com as suas próprias lutas. Havia divisões sociais entre os indianos que tinham ido para a África do Sul. Os chamados «*indian passengers*», que tinham chegado livremente para trabalhar e prosperar, deviam ver-se como superiores aos trabalhadores contratados; além disso, claro, tinham levado com eles o estatuto da sua casta.

Alguns indianos tinham boas capacidades comerciais, além dos meios e da vontade de os aplicarem. Os africanos iam muitas vezes às zonas indianas fazer compras e, inevitavelmente, o mal-estar instalou-se. Em resultado do incidente de Durban, muitas lojas e casas indianas foram incendiadas, com um total de 137 mortes — 50 indianos e 87 africanos.

Sisulu e Ismail Meer encontravam-se entre os que ali se dirigiram para tentar sufocar os motins. Alguns membros da Liga da Juventude estavam lentamente a ser persuadidos da necessidade de unidade e agora, ao convo-

carem um protesto rival, os indianos e os comunistas procuravam frustrar os seus planos.

Mandela, e uma ou duas vezes o próprio Sisulu, tentaram invadir reuniões comunistas. Numa ocasião, com a qual mais tarde brincariam, Mandela empurrou Yusuf Cachalia de um palanque onde ele estava a falar.

Anos mais tarde, o Congresso Pan-Africano erguer-se-ia das cinzas da Liga da Juventude, voltando a encarar o Programa de Acção como uma verdadeira declaração da resistência africana (mais que a Carta da Liberdade de 1955). O líder do PAC, Robert Sobukwe, ele próprio um antigo membro da Liga da Juventude, remontaria a 1950 e referir-se-ia à greve do dia 1 de Maio como uma manobra comunista.

Já nessa altura os nacionalistas africanos da Liga da Juventude temiam que o Programa de Acção estivesse a ser sabotado pelo apoio do ANC à greve de Maio. As tentativas de interrupção de Mandela eram apenas um indicador das hostilidades abertas.

Paul Joseph, então um jovem comunista indiano, lembra-se de ter sido posto fora de uma reunião da Liga nessa altura — «Desculpe, esta reunião é só para Africanos» — mas viu ali Mandela e reparou que, embora ele ainda não fosse proeminente, tinha algo de especial. «Tinha carisma, era eloquente, muito elegante. Um bom homem de Estado e muito respeitado pela comunidade indiana.»

Ahmed Kathrada ficou indignado com a oposição da Liga à greve de Maio e confrontou Mandela quando se encontraram na rua. Trocaram os cumprimentos habituais e depois Kathrada desafiou Mandela a defender a sua posição numa plataforma conjunta, dizendo: «Unir-me-ei consigo, e vencê-lo-ei.» Separaram-se zangados, mas Kathrada estava contente por ter defendido a posição dos seus colegas indianos, e previa que teria o seu apoio quando Mandela se queixasse dele numa reunião posterior. Negligenciara a importância da idade. Mandela era onze anos mais velho.

Como Kathrada recordaria mais tarde: «Eu estou ali como motorista, de pé, junto da porta, e Madiba levanta-se e queixa-se da falta de respeito que este jovem demonstrou por ele. Eu esperava que os meus mentores, Ismail Meer e J.N. Singh fossem amigáveis comigo. Meer levantou-se e disse, a culpa foi do Kathrada, ele é um jovem impetuoso, de cabeça quente.»

Tal como Joseph e Kathrada, Mosie Moolla fora activo a angariar apoio à greve do 1º de Maio, e também ele percebia as tensões entre as duas comunidades, a africana e a indiana. Estavam a esquecer-se de quem era o verdadeiro inimigo — a dominação branca e a opressão branca; estavam todos no gueto; nenhum deles podia votar; nenhum deles podia escolher para que escola mandar os filhos. Eram todos cidadãos de segunda classe.

Apesar de todos os esforços da ANCYL para o evitar, fazendo campanha para as pessoas não participarem, a greve do 1º de Maio realizou-se. Mandela e Sisulu estavam na rua, observando um ajuntamento espontâneo em Joanesburgo, quando a polícia abriu fogo e eles tiveram de procurar abrigo. Ao todo, foram mortas 18 pessoas, todas africanas. Paul Joseph lembra-se das recriminações que se seguiram quando um membro da Liga da Juventude atacou um activista indiano, dizendo: «Vocês, Indianos, mataram a minha gente.»

A Liga da Juventude decidiu transformar o seu próprio apelo à greve de 26 de Junho num dia de luto, mas a resposta das massas não foi tão ampla quanto esperavam. Sisulu (naturalmente, sendo ele próprio um comunista) acreditava que devia existir maior cooperação entre os dois grupos. Propôs uma campanha nacional de desobediência civil contra as muitas leis que estavam a ser aprovadas.

Mandela concordou com a ideia de uma campanha, mas continuava a pensar em linhas separadas e argumentou que esta devia ser unicamente africana. Perdeu a votação. Depois da sua conferência anual de 1951, o ANC emitiu um ultimato ao governo para revogar as novas leis; caso contrário, em finais de Fevereiro de 1952, começaria uma campanha de provocação de grandes dimensões.

Foi por volta desta altura que as amizades de Mandela com pessoas de raças e ideias políticas diferentes começaram finalmente a abrandar a sua resistência à cooperação com os comunistas. Ele tinha grande respeito por comunistas do ANC como Dan Tloome e J.B. Marks (ainda que a secção de Mandela do Transval tivesse uma vez tentado expulsar Marks devido às suas crenças comunistas) e passava longas horas da noite a discutir com Moses Kotane, que o exortava a acreditar que lutavam todos contra o mesmo inimigo e que os comunistas não queriam assumir o comando do ANC.

Quando o governo aprovou a Lei de Supressão do Comunismo, em 1950, o Partido Comunista da África do Sul dissolveu-se e voltou a surgir, mais tarde, como Partido Comunista Sul-Africano — um movimento clandestino com uma estrutura de células secretas. A Lei foi vista, sobretudo, como um golpe contra toda a oposição e não só contra os comunistas, com uma definição tão lata de comunismo que abrangia praticamente qualquer protesto.

Houve uma conferência conjunta para decidir como protestar contra a Lei, pouco depois dos protestos de Maio de 1950, na qual Mandela concordou com o apelo de Yusuf Dadoo a uma frente unida, e Tambo disse: «Hoje é o nosso Partido Comunista, amanhã serão os nossos sindicatos, o nosso Congresso Indiano... o nosso Congresso Nacional Africano.» Emiti-

ram uma declaração conjunta. A conferência foi mais tarde recordada pelo proeminente comunista branco Rusty Bernstein como uma reunião na qual se colocou a primeira pedra para a coligação do ANC que dominaria nas décadas seguintes. Foi a reunião onde se enterraram os machados de guerra.

Sentindo-se mal informado acerca da filosofia marxista, Mandela adquiriu alguns livros e começou a estudar obras como *O Capital* e o *Manifesto Comunista*. As suas memórias contêm uma breve mas cuidada reflexão acerca do materialismo dialéctico e o seu reconhecimento de que uma sociedade sem classes não está assim tão distante da vida comunitária da África rural. O apelo à revolução, diz ele, era música para os ouvidos de um lutador pela liberdade, e não havia conflito entre o comunismo e a luta contra o racismo. Então, ele «corrigiu a sua perspectiva» dos comunistas e optou, a partir daí, por os aceitar no movimento de libertação.

Esta posição não foi partilhada pelos nacionalistas mais determinados da Liga da Juventude, que permaneceram desconfiados de qualquer influência comunista que pudesse adulterar os ideais africanos. Chegaram mesmo a formar um «comité de vigilância» clandestino, para controlar tendências comunistas e dar força à causa nacionalista.

A divergência de opiniões entre os membros da Liga da Juventude era um sinal das divisões mais importantes que haveriam de surgir no seio do ANC.